



SUÍTE TÓQUIO

Giovana Madalosso



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**





Giovana Madalosso

Suíte Tóquio

todavia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

Agradecimentos

Autora

Créditos

Para Carlos e Neuza

Todo amor é um sacrifício.
Arnon Grunberg

1

Estou raptando uma criança. Tento afastar esse pensamento, mas ele persiste enquanto descemos pelo elevador, cumprimentamos o Chico, saímos pelo portão. São coisas que fazemos todos os dias, descer, cumprimentar o Chico, sair pelo portão, andar pisando só nas pedras pretas ou nas brancas da calçada, mas hoje é diferente mesmo que eu não esteja fazendo nada diferente, porque tenho a sensação de que o exército branco olha pra mim. Foi coisa da dona Fernanda, inventar esse nome, exército branco. E até que ela está certa, somos mesmo um exército, ainda mais a essa hora da manhã, quando todas vêm pra praça com seus uniformes brancos carregando bebês ou crianças, e então batem papo empurrando carrinhos e balanços com bebês ou crianças. Um mundo que até ontem era o meu mundo mas que agora parece me olhar com desconfiança. Será tudo loucura da minha cabeça? Diga, minha Nossa Senhora, é tudo loucura? Não sei, mas por via das dúvidas apresso o passo, vamos, Corinha, outra hora você brinca de pisar só nas pedras brancas. E não cruzo a praça como faria normalmente, desvio pela calçada lateral. Só que mesmo ali o exército me bisolha, encontro com a babá do prédio vizinho, tenho a impressão de que ela olha pra minha bolsa, na verdade uma mala, tão maior do que a bolsinha que levo todos os dias, uma sacola enorme bem presa debaixo do braço que aperto pra ver se diminui. Não dou conversa e seguimos andando, até que a Cora diz: Maju, tua mão tá estranha, e talvez pra se livrar do meu suor, solta meus dedos. Quando vejo ela está agachada catando do chão uma

camélia murcha. Nunca vi criança pra gostar tanto de flor. Eu acho bom, uma criança que gosta tanto de flor. Por isso não costumo apressar que nem tanta babá por aí faz com as crianças, deixo a Cora cheirar um jardim inteiro se tiver vontade, e ainda carrego aquela petalarada no meu bolso pra ela. Uma vez esqueci de tirar da calça e botei na máquina de lavar e foi bonito de ver, as flores todas girando e centrifugando lá dentro, mas hoje não dá, Picochuca, hoje não dá, e nem passo lenço umedecido na mão dela como faria normalmente pra tirar os micróbios, só puxo aqueles dedinhos junto comigo, sentindo saudade do vazio de Mandaguaçu, daquele descampadão de Mandaguaçu, porque aqui em São Paulo não tem um minuto que não tenha alguém olhando pra você. Tipo esses taxistas, se ocupando com a vida alheia. Eu conheço todos, só pegamos táxi com eles, gente de confiança do seu Cacá e da dona Fernanda. E justamente porque são gente de confiança deles, desvio. Desvio e subimos pela avenida Angélica. Pegamos o ônibus. A Cora estranha, não vamos de táxi, Maju?, mas também adora a novidade, é a primeira vez que pega um ônibus de linha, pede pra sentar no banco da frente, achata o nariz contra o vidro.

A rodoviária não é tão longe e em meia hora chegamos. Olho em volta pra ver se não tem nenhum conhecido por perto, claro que não tem nenhum conhecido por perto, mesmo assim eu acelero. Enfio a Cora no elevador, a coitada espremida no meio da bagajarada toda, nunca vi gente pra carregar tanta sacola, os plásticos estalando e indicando até pra um cego que o recinto está cheio de pobre. Ainda bem que as portas logo se abrem, eu saio com a minha Picochuca, caminhamos por uma plataforma de onde vemos várias outras plataformas, aquele montão de gente se movimentando, escadas rolantes subindo e descendo, placas com informações, guichês com filas, lojas com ofertas. A Cora para e fica assim por um tempo, eu a puxo, mas ela não

vem. Me abaixo pra ver o que está acontecendo. Maju, por que meus olhos são tão pequenos e eu vejo um mundo tão grande?

2

Escuto o celular tocando, mas resolvo não atender. Eu e Yara acabamos de virar de barriga para cima, depois de um longo hoka-hoka. Não fui eu que inventei esse termo, foi ela que me contou e depois mostrou o vídeo das macacas bonobos esfregando seus órgãos genitais umas nas outras, atividade que alguém no norte da África resolveu batizar com esse nome algo cômico, algo sonoro. O apresentador do vídeo dizia que as bonobos gostavam mais de fazer sexo entre si do que com os machos, os biólogos sabiam porque durante o hoka-hoka as bonobos olhavam mais nos olhos das parceiras, se mexiam com mais empolgação. A Yara disse que o apresentador estava certo, ela já tinha visto duas bonobos transando com paixão quando estava na bacia do Congo. E era transando mesmo, não cruzando como os outros animais, porque o que elas faziam era uma transação, uma troca de afetos. Lembro de pensar que o que define o verbo não é o sujeito mas o objeto. Já cruzei com algumas pessoas, tenho transado com ela.

Nem sempre a transação é justa. Ando recebendo menos do que estou entregando. Dividendos da paixão. Nada que atenuie o meu jeito de olhar para ela, encantada com coisas banais, por exemplo a forma como segura o baseado. Até seu papo ralentado pela erva, que irritaria qualquer pessoa em estado de sanidade normal, me dá um certo barato. Gosto de vê-la nadando na contramão da produtividade, fazendo o oposto do que faço no meu trabalho. Se comprimo histórias em blocos de dez minutos, em séries de oito episódios, ela transforma as dela

em odisséias, como se de fato vivesse no mundo que tanto ama, regido pelos ciclos da natureza e não pelas demandas urgentes do deus smartphone. Isso e seus seios levemente caídos, como suas pálpebras agora levemente caídas, me fazem arrancar o baseado da sua mão e beijá-la.

O celular toca. Dou uma olhada, é meu marido. Silêncio o aparelho. Começo a esfregar os meus órgãos genitais nos dela, enquanto centenas de outros primatas dirigem lá fora, com seus rabos peludos no assento e o polegar opositor na buzina, fazendo farfalhar aquela selva em volta de nós. Quando voltamos a deitar de barriga para cima, tem sete ligações não atendidas no meu celular.

3

No portão de embarque o relógio marca dez para o meio-dia. Pego a autorização que guardei dentro do livro com cuidado pra não amassar e penso que ainda posso voltar atrás, enquanto o ônibus não partir eu ainda sou dona das minhas pernas, mas olhando para o papel lembro que não terei outra chance dessas e sigo em frente.

Aonde a gente tá indo?, a Cora diz. Acho que pela primeira vez ignoro uma pergunta dela, ocupada que estou separando os documentos e a passagem, relendo a autorização. Foi o seu Cacá quem fez, firma reconhecida em cartório, pra eu acompanhar a menor Cora de Azevedo Cunha até a casa dos pais dele no Rio de Janeiro, viagem que acabou não acontecendo mas que me deu a ideia de usar a autorização, válida por trinta dias. E como é hoje ou nunca, vamos, mulher, coragem, veja como o motorista nem olha direito pras pessoas, quer mais é que embarque todo mundo logo, até porque aqui fora tem gente que não acaba mais, e uma gente mal-educada que só, não tá enxergando a menina?, digo pra uma moça que quase passa por cima da Cora. Pra evitar outra topada, levanto a Picochuca no colo, vem cá com a Maju. Ela olha encantada para o alto, para o ônibus de dois andares. A gente vai nesse aí? Digo que sim e dou um beijo nela, um medo tomando conta de mim, minha mão aguando de novo, será que o motorista vai perceber a mão suarenta entregando os documentos? Mentalizo a minha Nossa Senhora Aparecida e quando vejo ele já está lendo a autorização. Confere a minha identidade e ajeita a gravata

amarela, não sei por que faz isso, ajeitar a gravata, e diz: boa viagem.

Sinto meus ombros caírem feito a mala que cai sobre o assento. Começo a ajeitar as nossas coisas, a pegar o que preciso, a pôr o resto no bagageiro. A Cora cutuca meu braço, aponta pra escada e diz que quer viajar no andar de cima. Me abaixo e explico que não vai dar. A Maju comprou os melhores assentos pra gente. Tá vendo este banco aqui? Vira cama. Lá em cima não, lá em cima os bancos são estreitos, não deitam, não é coisa pra uma menina que nem você. Quero ir lá em cima, ela repete, e vendo que não me mexo, que vamos seguir onde estamos, arma um bico e começa a chorar. Eu conheço a Cora, ela não é de fazer manha, pra chorar desse jeito é porque quer mesmo ir lá em cima, e eu penso em levar, mas talvez seja pior ainda, daí é que ela vai encarnar de sentar no convencional. Fico parada, o choro crescendo e o meu nervosismo também, porque claro que todo mundo começa a olhar pra gente, era tudo que eu não queria, chamar a atenção. Já vejo no noticiário um passageiro dizendo: eu lembro das duas porque a menina chorou, a menina não queria ir com ela, e pra acabar logo com qualquer possibilidade desse tipo e pra acalmar a Cora, dou colo, agrado seus cabelos, mas em vez de parar, o pranto aumenta, a boca quase rasga ao meio. O casal sentado na frente da gente já olha irritado prevendo a viagem dos infernos que vão fazer, e eu só repito: calma, Corinha, vou deixar você sentar na janela, mas ela nem dá bola e insiste: quero lá em cima, e parece que ouvir a própria voz aumenta a sua dor, porque agora o choro vem ainda mais encardido. Que saudade do tempo em que ela usava chupeta, deveríamos todos carregar a vida inteira uma chupeta no bolso, ninguém precisaria de cigarros nem de calmantes nem de unhas, ela agora chuparia a dela e eu a minha, os outros passageiros chupariam as deles, todos de volta para o reino do tetê. A palavra tetê me lembra outra coisa. A naninha, claro. A

ovelha que agora tiro da bolsa e entrego pra Cora, coloco em seus braços, e que, pra minha surpresa, piora ainda mais a situação. Olhando pra sua companheira, Cora esperneia. Eu e a Bibi queremos ir lá em cima. Normalmente eu deixaria ela chorar até cansar, é o certo a se fazer por conta da educação da menina, mas hoje não dá. Começo a revirar a bolsa, pesco lá de dentro um saquinho de sal, um de pimenta-do-reino, quatro palitos de dente e, por fim, um pacotinho de açúcar. Queria que a Neide estivesse aqui pra ver o que vou fazer, ela que diz que juntar essas coisas por aí é mania de gente humilde, de quem não tem onde cair morto. Veja, Neide, veja se não tem utilidade, digo, enquanto pego um copo d'água e jogo lá dentro o açúcar. Depois entrego pra Cora e como conheço bem ela, falo: beba, Picochuca, mas deixe um pouco pra Bibi. Cuidadosa que é, ela vai parando de chorar, atenta à quantidade de água que deve reservar pra ovelha. Sinto minha respiração acalmando junto com a dela, dou parabéns pra Cora e pra Bibi por terem tomado tudo e dou logo sumiço no copo, no resto de água que acusa a ovelha e seu bucho de não existirem de verdade. Em seguida, ajeito a Cora no assento, coloco um travesseiro atrás da sua cabeça, o cobertor bem esticado sobre as pernas. Ela olha pra fora. Pra onde a gente tá indo, Maju? Não posso dizer o nome da cidade, não perto dos outros passageiros, e pra ela tampouco importa, então digo o que sei que ela quer ouvir: pra um lugar bonito. Um lugar cheio de bichinhos que trabalham de noite.

4

Entro no elevador e vejo a hora, nove e quinze da noite. Depois observo a minha aparência no espelho e faço o que minha filha faria: aperto o 3 e os botões anteriores. Não dá para chegar em casa com essa cara de satisfação. O rosto corado, as sobrancelhas despenteadas, os cabelos revirados. Meus fios são finos, o hoka-hoka embaraça de um jeito que vira um bolo. Enquanto o elevador para no 1, puxo o emaranhado para trás e amarro com um elástico, depois aliso as sobrancelhas e ensaio a expressão de quem viveu apenas mais um entre tantos dias de sua vida.

Quando passo pela porta, percebo que poderia ter aparecido com um chupão na testa que não faria diferença. Cacá está na poltrona, inclinado para a frente, as mãos segurando a cabeça, que parece pesar tanto quanto uma bola de ferro. Diz que está tentando falar com Maju desde a primeira vez que me ligou, às sete da noite, mas ela não atende. Já ligou para a vizinha e para a casa da melhor amiga da Cora, nada dela e da babá. Pergunto se Cacá tentou falar com a minha mãe, às vezes ela aparece para levar a neta para algum passeio. Ele diz que sim, mas que o celular dela está fora de área. Essa informação me dá um clique. Minha mãe tem um sítio perto de Avaré, num lugar tão escondido que o celular só pega perto de uma jaqueira e de uma pedra específica, que apelidamos de Hard Rock Café. Achamos possível que minha mãe tenha levado a Cora para o sítio. Afinal já fez isso em diversos feriados e fins de semana, pegando as duas, ela e a babá, na saída da escola. Chamo nossa

empregada, Cida, que nos conta que Maju e Cora saíram de manhã com uma bolsa que mais parecia uma mala, levando um tupperware. Calculamos que foram para o clube, almoçaram por lá, como de costume, e da escola pegaram a estrada com a minha mãe. Impulsionado por um lampejo, Cacá corre até o quarto da Cora e volta dizendo que a Bibi foi junto. Demoro alguns segundos para me tocar quem é Bibi, parece o apelido de alguma amiga da minha mãe, aquelas senhoras bêbadas de licor e saudosismo que não saem de sua casa. Mas logo lembro da ovelha e sorrio junto com o Cacá. Terem levado a naninha é mais um indicativo de que se prepararam para dormir longe de casa. Claro que minha mãe deveria ter nos consultado. Ou pelo menos avisado. Mas a verdade é que dela não espero muita coisa, nunca teve a menor consideração pelos outros, já chegou a entrar na minha casa e levar uma tevê sem pedir, alegando que a dela havia quebrado e que não podia ficar sem ver a novela. A Maju, pelo contrário, é de uma consideração exaustiva, manda fotos e vídeos da Cora o dia todo, inclusive em momentos banais como comendo uma maçã ou cheirando uma flor. Então é meio estranho que ela não tenha enviado nenhuma mensagem, nenhuma foto da Cora na estrada. O que, concluimos, pode ser atribuído à falta de bateria. De qualquer maneira, não temos certeza. Resolvemos seguir ligando para a minha mãe e, na dúvida, também para algumas amigas da Cora.

Mas, antes de mais nada, preciso relaxar um pouco. Dos problemas de casa, dos problemas do meu trabalho, da paixão que me corrói a pele. Preparo um drinque. Com o copo na mão esquerda e o celular na direita, procuro pelo telefone das mães da escola, mas logo lembro que saí do grupo, quem tem os números atualizados é o Cacá, deixo que faça as ligações.

Já levemente bêbada, deitada no tapete da sala, ouço meu marido conversando com mulheres de quem nunca ouvi falar, sobre crianças de quem nunca ouvi falar e sobre episódios que

eu não faço ideia que tenham acontecido, como um surto de piolhos. Enquanto ele fala com a mãe de uma tal de Bebel, fico pensando o que aconteceu comigo para eu me tornar uma turista na minha própria casa, boiando num tapete com um coquetel em punho e retribuindo emojis de dedo com emojis de língua.

5

Finalmente, a estrada. Não aquele monte de favelas que rodeiam a cidade como urubu em volta de carniça. A estrada mesmo, esse descampadão que eu adoro, só uma vaca magra aqui e outra ali, as plantações e os casebres, a tranquilidade dos casebres, a terra que já começa a mudar de cor, de marrom pra roxa, logo de roxa pra vermelha. Mostro a paisagem pra Corinha, mas ela está distraída olhando o lanche que o ônibus oferece. Amendoim japonês e biscoito, claro que não vamos comer, aprendi com a nutricionista da dona Fernanda que água e sal prende os intestinos. Explico pra ela que aquilo não presta, vamos comer coisa muito melhor. Pego a nossa marmita, a salada de macarrão com tomate e abobrinha que a Cora adora. A chata na nossa frente sente o cheiro e fala com o homem ao seu lado. Amor, se continuar essa farofa, nós vamos subir. Eu acho a ideia ótima, não quero saber de ninguém fazendo cara feia pra nós, nem se embestando com a nossa comida, e muito menos ouvindo a nossa conversa, então anuncio bem alto: agora a Maju vai pegar o frango!, mesmo sem ter galeto algum. A mulher bufa e diz: vamos, tem lugar lá em cima. Os dois sobem com suas bagagens. Ainda bem, assim posso papear à vontade com a minha Picochuca.

Enquanto rasgo a embalagem do garfinho descartável, conto pra Cora que vamos até uma cidade chamada Presidente Prudente, longe pra burro, pra lá do interior. Depois fico quieta, mastigando, pensando que vamos chegar às seis e meia da tarde e que mais ou menos por essa hora vão começar a dar

falta da gente, mas tudo bem porque já vamos estar num táxi, indo pra Ponta Porã, de onde vamos cruzar a fronteira a pé até Pedro Juan Caballero, no Paraguai, onde acho que dá pra fazer um documento novo pra Cora. Quando eu era adolescente lá no norte do Paraná, tinha o neto de uma amiga da minha vó que contrabandeava carros na fronteira, e quando a coisa apertava, ia pra Pedro Juan fazer identidade. Lembro que sempre voltava de tênis importado, com um cabelo e um nome diferentes. Quando eu ia imaginar que Deus me colocaria no mesmo caminho do Antônio que virou Serginho que virou Pablo que virou Diego? E como foi Deus que me colocou nesse caminho, não vou me sentir mal, vou atender os seus desígnios. Digo pra Cora que vamos fazer uma maluquice, uma brincadeira muito legal, mudar o nome dela. Pergunto como ela quer se chamar daqui pra frente. Moana, diz. Falo que esse não vale, é muito de princesa, muito de cinema, que tal algum mais normal, tipo Manuela, Carolina ou Brígida, como a vó da Maju? Ela não diz nada, está concentrada tentando espetar o macarrão, mas penso que depois preciso retomar a pergunta, escolher logo um nome e ir tirando Cora da nossa cabeça. Acho que vai funcionar porque foi quando eu tinha a idade dela que minha mãe morreu, e dessa fase não lembro de nada, só de um pingente que ela tinha no pescoço, uma cruz dourada que eu girava quando estava no seu colo.

Limpo a boca da Cora com um guardanapo da Casa do Pão de Queijo, depois descasco uma mexerica. Vou tirando os caroços, dando os gomos pra ela e contando que de Presidente Prudente vamos pingar mais um pouco até chegar no nosso destino final, Mandaguaçu, onde a Maju cresceu, e daí ela vai ver que beleza de vida nós vamos levar. Acordar no meio da natureza e passear de trator, colher folhas de amoreira, quilos e mais quilos, porque as lagartas são enjoadas e não aceitam outra coisa. Durante o dia, vamos alimentando as bichinhas. Precisa

ver como elas comem. Ficam dentro de um barracão só mastigando dia e noite. No começo não dão tanto trabalho porque são pequenas, mas quando acordam pra quinta idade, comem seis dias sem parar, as bocas já grandes, as tetas da língua triturando a folha com força e fazendo o barulho da chuva. Comem tanto que a gente tem que acordar de madrugada pra repor as folhas, mas vale a pena, porque daí começa a parte mais bonita, a parte de Deus, quando as lagartas começam a soltar o fio branco pela boca. Você tem que ver isso, Picochuca, os fiozinhos de seda saindo pela boca. E daí a gente sobe as lagartas para o bosque, pra uns quadradinhos onde cada uma começa a tecer o seu casulo, a sua casinha. É a coisa mais linda. Essas lagartas são de verdade, Maju? Digo que sim, claro, mas ela não precisa ter medo, são boazinhas. A Maju quando era criança gostava de pegar um punhado assim com a mão, e mostro as lagartas imaginárias no meio dos meus dedos. E depois sabe o que elas viram? Mariposas. Borboletas!, digo, pra ver se ela se encanta, mas ela diz que ainda está com medo. Eu passo a mão nos seus cabelos, que também são fios que a natureza teceu, e vou mudando de assunto pra acalmar. Conto que nós também vamos cuidar das outras coisas da fazenda, dar comida pras galinhas, coelhos, porquinhos. Coelhos de verdade? Digo que sim e ela bate palmas. Me sinto bem, me sinto tão bem, falo da natação que ela vai fazer no lago, do jardim que vamos plantar dentro de um carrinho de mão, do balanço de pneu que vamos pendurar em alguma ameixeira, do cachorro que ela finalmente vai ter. Depois lembro que precisamos resolver aquele assunto. O nome, Picochuca, como você quer se chamar? Ela pensa um pouco e diz: Nina, vai ver porque tem uma amiguinha chamada Nina. Digo: Nina não, pensando na mania que os ricos têm de dar nomes tão curtos para os filhos: Teo, Lia, Noa, Lara, Olga, Max, Oto, até de Oto essa gente batiza, e eu não entendo por que tanta miséria. Se letra é de graça, por que não

aproveitar, dar um nome de encher a boca? Sugiro um que tiro do livro que estou lendo, Rosalind. Não é bonito esse, Picochuca? Ela diz que não, que é feio, prefere chamar Elsa como a princesa do Frozen. Eu digo que Elsa não dá, é nome de adulto, a pessoa vai imaginar uma mulher aparecendo e daí chega uma criança com uma naninha debaixo do braço, fica um negócio estranho. A Maju tá dizendo isso porque quer o teu bem. A Cora pensa um pouco e diz: Ana, que nem a outra princesa do Frozen. Ana é curto, mas não é de todo mau, e eu preciso respeitar o gosto da menina. Tá bom, Picochuca, teu nome agora é Ana.

6

Foi a maior humilhação, apanhar de um bebê de dois anos. Aconteceu durante um voo Rio de Janeiro-São Paulo. Voltávamos de um fim de semana na casa dos pais do Cacá, ele costumava voltar com a gente, mas dessa vez teve que ficar no Rio para fazer uma pequena cirurgia, e como precisaria descansar aos cuidados de sua mãe, retornei com nossa filha. Entramos no avião, sentei, acomodei Cora no assento ao lado. Quando fui fechar o seu cinto de segurança, ela freou a minha mão. Não foi uma surpresa, Cora sempre detestou cintos, volta e meia fazia onda para aceitar o da cadeirinha do carro. Mas, no avião, a recusa foi veemente. Ela tirou a fivela da minha mão e começou a chorar e a espernear com uma força que até hoje me impressiona, como se dentro daquele bebê houvesse um adulto prestes a romper pele afora. Tanto que tentei de todas as formas e não conseguia fechar a fivela, ela gritando e se debatendo. Quando finalmente o negócio fez *c/ec* sobre a fralda e eu achei que todo o problema ia acabar, veio a surpresa, ela deu um tapa na minha cara. Um tabefe sonoro, desses de novela, a despeito do tamanho de sua mão. Fiquei sem reação. E percebendo o poder do seu gesto — me congelar —, ela me deu outro tapa, e daria outro se eu não tivesse parado sua mão a tempo, com força, porque nesse momento eu também estava sentindo raiva dela. Um desejo que toda mãe já sentiu, de que o filho desapareça. Morra por alguns segundos. Por causa do choro intermitente, toda a fileira 14 olhava para mim. Os passageiros da 13 e da 15 idem. A aeromoça, só então percebi, estava fazendo

algun tempo estancada ao meu lado, assistindo à cena, pois o avião precisava que todos os passageiros estivessem afivelados para decolar. E agora estávamos, por fim estávamos. Eu disse para a aeromoça: está tudo bem, enquanto a máquina começava a se movimentar e eu segurava as mãos da Cora, prevenindo-me contra mais um ataque, mas ao mesmo tempo, e talvez sem me dar conta, segurando seus braços com ainda mais força, o que a levou a se irritar e gritar mais. Assim que o avião se estabilizou no ar e eu a soltei, ela me deu outro tabefe na cara. Não era mais um caso de mãe e filha, mas um espetáculo para uma plateia de passageiros, alguns com a sorte (ou azar) de poder assistir ao drama, outros de apenas ouvir, os mais curiosos tentando se inteirar do que acontecia na faiscante 14F. Foi então que, sem me dar conta do que fazia, subi ao palco. Para tentar acalmá-la, levantei-me e comecei a caminhar com ela pelo corredor, sob os olhos e ouvidos de todos os passageiros, balançando-a e cantando versos desesperados de “Alecrim dourado”, e de repente lá veio a mãozinha e me deu mais um tapa na cara. Lembro do rosto das pessoas nessa hora, muitas olhavam para mim, dividindo-se em dois grupos: as que me fitavam com pena e as que me fitavam com desprezo, creio que se perguntando: como pode uma mãe ter uma moral tão nula? Sim, eu também me perguntava, como pode? Não sabendo o que fazer, pois não podia bater na minha filha e reprimi-la provou-se ser algo ainda pior, fui andando rápido até o banheiro e me tranquei lá. Coloquei Cora no chão e comecei a chorar também. Eu de pé, ela lá embaixo, chorando juntas, por um tempo que pareceu longo a ponto de atravessar tudo que eu já tinha sido. Só voltamos para as poltronas quando o comissário avisou que o avião estava em procedimento de descida e, por sorte, Cora já estava exausta a ponto de me deixar pôr o cinto.

Ao aterrissarmos, peguei nossa bagagem de cabeça baixa, saí do avião de cabeça baixa. Só fui me ver livre do

constrangimento quando entrei no táxi, deixando para trás todo e qualquer olhar que pudesse ter testemunhado a minha derrota. Abri a janela, talvez esperando que o vento levasse embora o que eu estava sentindo. Fiquei assim, com o rosto voltado para fora, enquanto Cora adormeceu no meu colo.

Quando chegamos em casa, coloquei-a na cama e fui para o meu quarto. Apesar de exausta, não consegui dormir. Fiquei pensando de onde vinha a raiva que a minha filha sentia de mim. Uma raiva por ser subjugada, talvez a mesma que eu sentia por ser subjugada pelo papel de mãe. E Cora sentia isso. Ainda que não saibamos de tudo, sempre sabemos de tudo. Ela deve ter percebido inclusive a minha angústia por uma decisão que também dizia respeito a ela. Por volta daqueles dias, eu havia recebido, do canal de tevê em que trabalhava, uma proposta para deixar de ser diretora de conteúdo e me tornar produtora executiva, o cargo mais alto do escritório no Brasil. A princípio eu disse não, porque sabia que, se aceitasse, passaria a me reportar para Los Angeles, trabalhando no fuso daqui e de lá, e teria muito pouco tempo para a minha filha. Mas claro que não fiquei em paz com a decisão. Aquele era um cargo que eu queria e percebi que ser uma mãe frustrada era um péssimo negócio, porque eu acabaria transferindo todo o meu amargor para a minha filha. Era melhor passarmos menos horas juntas mas, como diriam os gurus pedagógicos, horas de qualidade.

Ainda não era meia-noite, resolvi ligar para o meu marido para contar que havia mudado de ideia e aceitaria a proposta. Ele não questionou, era eu quem sustentava a casa, era eu quem decidia essas coisas. Depois que desligamos, dormi um sono vigilante, a ponto de ouvir a Maju chegar e começar a mexer no roupeiro do corredor. Me enrolei num robe e fui até ela. Levei-a para tomar um café na cozinha. Eu precisava ser sedutora, de certa forma tudo dependia dela. Usei a experiência que tinha adquirido contratando gente para a minha equipe: oferecer um valor

razoável e aumentá-lo logo em seguida, dando a sensação de que entregava mais do que havia planejado, de que a oferta era fora do comum e portanto irrecusável. Fiz isso com a Maju, mas mesmo assim ela ficou relutante, tinha um bom motivo para isso. Lembro que nessa hora me senti meio satânica, fumando um cigarro com o cabelo desgrenhado e aquele robe vermelho, projetando para ela as benesses de um futuro regado a dinheiro, um futuro que talvez — e inclusive por conta do aceite da própria proposta — não chegaria, mas talvez chegasse, como poderíamos saber? E talvez fosse bom, como poderíamos saber? E talvez fosse melhor ainda se a Maju fosse esperta e tivesse me pedido mais grana, porque ela nem imaginava, mas naquele momento eu daria tudo: quanto custa pra você dormir direto aqui, seis salários mínimos mais esse anel de ouro no meu dedo? Está aqui, já estou assinando a sua carteira de trabalho com um salário de editor de vídeo, porque você é muito mais valiosa pra mim do que um editor de vídeo. Mas Maju era humilde e inocente demais para sonhar além do que Deus ou a patroa lhe oferecia. Tanto que depois que ela aceitou, senti pena dela. Para compensar, transformei aquele quarto de empregada num lugar claro, descolado e dotado de amenidades como têê e frigobar, um quarto que poderia muito bem ser a suíte de um hotel japonês. E por isso, e para me sentir menos escravocrata, batizei o cômodo de Suíte Tóquio.

Um mês depois, pingava um salário novo na conta dela e um novo na minha. Fiquei olhando para aquela cifra sem saber o que fazer. Pensei em sair de viagem, mas aquela não era a hora de tirar férias. Pensei em comprar uma joia, mas já tinha algumas e não era nem um quilate mais feliz por isso. Conversando com uma amiga, tive a ideia de comprar arte. Fui a uma galeria onde havia uma tela da Adriana Varejão. Pequena mas impactante: uma sauna de azulejos brancos manchados de sangue. Adquiri o mimo e pendurei na sala, argumentando para Cacá que a tela

custara uma fortuna, mas longe de ser uma extravagância era um investimento, um patrimônio que deixaríamos para a nossa filha.

A Cora pega no sono. Me ajeito no banco, olho pela janela. Tudo passa tão rápido lá fora. Tenho a sensação de que é a minha vida que está passando, vinte e sete anos de São Paulo sumindo num borrão. Como pode tanto se transformar em tão pouco? Levo comigo a Cora, um maço de dinheiro e cinco próteses dentárias. Todo o resto é memória, é tudo que temos, mas ao mesmo tempo não é nada. Memória é um filho que já nasce morto. E se decompõe. Como eu luto para o Lauro não se decompor. Será que se eu pensar nele todo dia consigo que o rosto dele nunca suma da minha cabeça? Porque as fotos e os vídeos eu apaguei num acesso de raiva depois do que ele me fez, só sobraram as fotos e os vídeos que a minha cabeça quis guardar, e eu fico pensando como é que o miolo da gente faz essa seleção, porque tem coisas que somem e outras que ficam tão inteiras que só falta o botão do play. Como o nosso começo. Eu trabalhava na dona Tarsila, lavava aquela calçada todo santo dia. Quer dizer, de segunda a sexta. Eles não tinham filhos, ela e o seu Ronaldo, mas ela tinha uma pá de manias que davam trabalho, como a história de lavar a calçada na frente de casa, serviço que eu tinha que fazer com a mangueira e um esfregão todos os dias, fizesse sol ou chovesse. A chuva de São Paulo mais suja do que limpa, a dona Tarsila dizia, e lá ia eu lavar o lavado, lustrar o lustrado, preparando a calçada pra não sei quem lambar, porque ela mesma nem saía de casa, passava o dia lendo e comendo chocolate, aquele traseirão no sofá, e cheirando a talco, porque ela adorava passar talco nas dobras

pra evitar brotoeja. Não levantava nem pra atender o telefone, se gabava de nunca ter lavado um copo. E era verdade. Eu só podia ir dormir depois que ela e o seu Ronaldo fossem deitar, quando já não tinha chance de aparecer mais uma faca suja de requeijão na pia, lá pelas dez, onze da noite. Quando eles faziam jantar para os amigos, geralmente na sexta, eu tinha que ficar até de madrugada pra arear tudo. Nessas vezes, eles pagavam um táxi pra eu ir pra casa, e foi assim que o Lauro apareceu. Não botei reparo nele de cara porque não sou de reparar em homem. Até então só tinha tido um na vida, o zelador de um dos tantos lugares onde eu trabalhei, na alameda Franca, e foi tão triste com esse zelador, porque eu era uma bobona de dezessete anos, o homem se oferecia pra me ajudar com as sacolas de supermercado e eu achava que ele queria namorar, o homem abria a porta do elevador pra mim e eu achava que ele queria casar. Até o dia que ele me chamou para o quartinho lá no último andar e eu entendi o que ele queria. Tampou minha boca com uma flanela cheirando a limpador de metal e me colocou de quatro na cama de solteiro, o sangue manchando o lençol de flores e ele repetindo: a putinha é virgem, a putinha é virgem, o cheiro de Brasso queimando as minhas narinas. Depois daquele dia, nunca mais consegui limpar uma prataria sem chorar, fiquei conhecida por polir com Brasso e lágrimas as baixelas da minha patroa. E claro que nunca mais quis saber de homem nenhum. Então nem enxerguei o Lauro, naquela sexta estava no banco de trás do táxi ocupada com meus botões, até que ele começou a trocar de estação no rádio, parou numa música e me perguntou: gosta dessa? Eu não sou mulher de ouvir música, não tenho tempo pra essas coisas, só disse: hã-hã, e continuei na minha, mas uns minutos depois, quando entrou a propaganda, ele mudou de novo a rádio e perguntou: e dessa, gosta? Dessa vez eu conhecia a música. Era Chico Mineiro, tocava muito quando eu era criança no interior do Paraná. Eu disse que gostava. Ele

disse que também gostava e aumentou o som. Tônico e Tinoco começaram a cantar do jeito que a gente falava em Mandaguáçu. Alembrando, última, viajemo. Senti a minha vó do meu lado e meus olhos se encheram. O Lauro viu pelo retrovisor e sorriu pra mim. Nesse dia, não trocamos mais palavra. Dei o dinheiro, peguei o troco, mas percebi que ele ficou esperando eu entrar pelo portão enferrujado da minha casa antes de arrancar e ir embora.

Duas semanas depois, o seu Ronaldo ligou para o ponto de táxi e o Lauro apareceu de novo. Foi tudo a mesma coisa mas um pouco diferente, como a vida sempre é, tudo a mesma coisa mas um pouco diferente. Pro mesmo endereço?, ele perguntou, e eu balancei a cabeça. Em seguida ele sintonizou uma música, gosta dessa?, e assim nós fomos o caminho inteiro, ele procurando rádio e perguntando se eu gostava do que estava tocando, aumentando o som quando eu dizia que gostava muito. Na hora de ir embora, o mesmo, só depois que meu portão rangeu ele arrancou. Assim foi por semanas, meses. Claro que nem sempre eu dava a sorte de ir com ele. Vinha o primeiro taxista que atendesse no ponto, mas depois de um tempo o Lauro começou a vir cada vez mais, percebeu que era sempre sexta lá pela uma da manhã que o seu Ronaldo ligava, e ficava alerta, primeiro da fila esperando o telefone do ponto tocar. Eu também fazia o meu preparo, passei a usar umas roupas que via na vitrine perto do terminal, tudo meio apertado, parecendo que faltou tecido, umas blusas que depois eu abandonei porque não tinham nada a ver comigo, mas na época foi bom vestir aquilo. E batom, pela primeira vez usei batom, uma cor meio rosada que até hoje eu lembro o nome, Doce Veneno.

Eu já conhecia umas vinte músicas que ele gostava e ainda nem sabia que ele se chamava Lauro, porque o desgraçado era tímido que só vendo. E eu então? Era um tatu em pessoa. Melhor dizendo, uma avestruz, a cabeça enfiada na janela. Mas não era

um silêncio ruim. Como descobri mais tarde, o Lauro é homem de poucas palavras, eu também sou, o alarido fica só dentro da minha cabeça, então era bom, o nosso silêncio era a conversa de quem não gosta de conversar. Até que um dia veio o Carnaval e a dona Tarsila resolveu dar uma festa de máscaras e eu não imaginei que, tão tarde numa segunda de feriado, ele viesse me pegar. Mas não é que veio? Eu nem ajeitada estava, sem batom nem banho, suada de aspirar confete no tapete. Lembro que soltei rápido o cabelo antes de entrar no táxi, esperando que a piaçava enfeitasse o meu rosto e tirasse a atenção das minhas olheiras. Nem precisei dizer pra onde íamos, ele já sabia, assim como eu já sabia o que a gente ia fazer no caminho, ouvir músicas, só não sabia quais seriam, e disso eu também gostava, de não saber. Só que essa foi uma noite diferente em tudo, porque era Carnaval.

A dona Tarsila morava no Alto de Pinheiros, pra pegar o caminho da minha casa precisávamos cruzar a Vila Madalena, com todos aqueles bares e gente na rua. E não deu outra, quando chegamos na Fradique, tivemos que parar no cruzamento porque tinha um bloco passando, um povo já caindo de bêbado mas firme no bumbo e na corneta, uma moça de seios de fora carregando uma bandeira. Eu lembro bem porque o nosso carro foi o primeiro que teve que parar pra boiada passar, o trânsito foi se acumulando atrás da gente. Era uma situação pra deixar qualquer motorista irritado, mas o Lauro era o Lauro, não tinha dessas coisas de se enervar à toa, ficou olhando o povo, uns meninos de sutiã, uma menina vestida de odalisca, outra com hábito de freira. De repente, o Lauro fez uma coisa que nunca tinha feito, desligou o rádio. Achei estranho, que que deu nesse homem?, mas logo comecei a ouvir a música. Se você fosse sincera, ô ô ô Aurora. Gosta dessa? Balancei a cabeça. Que bom que você gosta porque essa não dá pra trocar, ele disse, e demos risada, e seguimos olhando pra frente, pra

gansarada avançando. Depois de um tempo, sem virar pra mim, ele começou a contar. Disse que nasceu numa vila chamada Picinguaba, no litoral de São Paulo, filho de pescador. De pequeno ficava com a mãe, trançavam cesto de manhã e limpavam camarão à tarde, mas quando estava perto dos dez anos, começou a pegar jangada com o pai, e achou bom não ter mais que ficar arrancando a merda das costas dos sete-barbas com palito. O mar tinha uma calma que ele gostava, só que também tinha a rede, aqueles peixes lá dentro se batendo pra viver. Claro que nenhum pescador que se preze pensa nisso, na agonia do bicho diante da morte, mas ele era criança e pensava, ou era só frouxo e pensava, mas fato é que um dia pescaram uma cioba de uns doze quilos, uma cioba com o rabão vermelho e o corpo dourado, um peixe que parecia pintado por Deus, e ele não aguentou ver aquela coisa bonita se batendo, rebentando a cauda contra o casco. Pegou a cioba no colo como um bebê e ficou ninando a criatura, que nem a mãe dele fazia com o irmão mais novo, cantando e sussurrando: calma, calma... Até o peixe rabanar cada vez menos e morrer nos seus braços. Ou quase morrer, porque um pouco antes do bicho estrebuchar de vez, o Lauro levou uma bofetada na cara, dada pelo pai com tanta força que quebrou o nariz dele, encheu de sangue a regata e a cioba. Não vê que desse lado é mais torto?, o Lauro me perguntou, virando de perfil, enquanto o bloco ainda passava pela rua. Nunca reparei, disse. E nunca tinha reparado mesmo, porque só via o nariz dele de um lado, o lado que ficava pra dentro do táxi. Quando fiz catorze anos, fui embora de casa, vim pra São Paulo sozinho, me disse. Depois se aquietou, de novo olhando pra frente. Senti vontade de agradar ele, mas claro que não podia fazer isso, ia pegar mal passar a mão no homem. Então resolvi agradar como dava, contando alguma coisa de mim, o que não foi fácil porque, Nossa Senhora Aparecida, como sou tímida, meu coração trota só de eu pensar em dizer alguma coisa, mas fiz

força e disse, contei que fui criada pela minha vó, que sempre foi só eu e ela, e que quando ela sentiu que ia morrer, tratou de arrumar uma casa de família pra eu trabalhar em São Paulo, porque queria que eu fizesse faculdade, trabalhasse de dia e estudasse à noite. Foi por isso que vim pra cá, porque ela mandou, me botou o endereço na mão, rua Artur de Azevedo, 143, e eu vim segurando o papel e chorando de Mandaguaçu até aqui. Quando cheguei, descobri que a patroa tinha um bebê e eu precisava cuidar dele também à noite, o que não achei ruim porque adoro um recém-nascido, mas durante anos me senti mal por não ter honrado o desejo da vó Brígida e virado professora. E você queria ser professora?, o Lauro me perguntou. Eu disse: não, e demos risada, e ouvimos as buzinas, o bloco já tinha passado e a gente podia avançar.

Fomos até minha casa como sempre, sem falar nada, ouvindo rádio. Quando chegamos lá, ele não parou em fila dupla, foi estacionando numa vaguinha bem na frente do meu portão. Eu dei o dinheiro da corrida, mas ele não quis pegar, empurrou a nota de volta, desceu do carro e abriu a porta pra mim. Depois caminhou comigo até o portão e disse: posso? Senti medo, uma coisa esquisita, o cheiro de Brasso na minha cabeça ou no meu nariz, não sei direito, mas daí o Lauro segurou a minha bolsa pra eu procurar a chave da porta e fiquei tranquila de novo. Se bem que tranquila não é a palavra, minhas mãos estavam aguando, aquele homão ajeitado entrando na minha casa, eu preocupada em ver se estava tudo limpo, escondi logo um pano que tinha deixado jogado em cima da pia, disse: não repare a bagunça, mas ele nem olhou, foi direto para o aparelho de som do lado da tevê, um três em um que ganhei da dona Tarsila e nunca nem tinha ligado. Pegando um dos bolachões que também ganhei, falou: posso pôr o do Elton John? Tirou o disco com cuidado de dentro da capa, botou a agulha. Eu não conhecia a música, agora sei qual é, porque depois voltei pra ouvir várias vezes, Blue

Eyes. E quando vi, o homão estava perto de mim, uma mão levantada, me tirando pra dançar. Me achei junto dele, meu nariz na altura da barba, e senti um cheiro bom que fez meu rosto avermelhar. Pensei: deixa de ser jacu, mulher, e só de pensar no tanto que eu estava sendo jacu, avermelhei mais ainda, e antes que o Lauro percebesse, falei: vou pegar uma coisa e já volto. Busquei dentro da minha bolsa a máscara que alguém deixou na festa, um rosto lilás com uma lágrima branca, um rosto triste mas bonito, dona Tarsila disse que devia ser do Carnaval de Veneza, e que sim, eu podia pegar pra mim, pensei que ia ficar chique pendurar na minha sala, nunca imaginei que ia usar no meu rosto naquela mesma noite, mas de repente eu estava com a máscara, vendo o Lauro pelos olhos recortados, a mão de novo no ar me esperando. Seguimos no Blue Eyes, até que esse homem me pegou no colo e me deitou no sofá, foi tirando bem devagar a minha blusa e soprando um a um os confetes grudados pelo suor no colo dos meus seios.

Depois dessa noite, o Lauro passou a me pegar toda sexta no serviço e foi ficando comigo cada vez mais, nos sábados e logo nos fins de semana inteiros, até que um dia apareceu de mala e cuia e televisão quarenta e três polegadas, botou seus sapatos junto dos meus, sua Bíblia junto dos meus livros. Eu dormia na dona Tarsila de segunda a quinta, então sexta quando ele me pegava era uma saudade que ocupava a gente a madrugada toda, no sábado acordávamos tarde, sempre os últimos a chegar na feira. Ele adorava escolher o que ia fazer pro almoço, gostava de peixe, acho que lembrava da mãe, me ensinou a descamar de um jeito que eu não sabia, ficávamos os dois virados pra pia, cada um com uma faca limpando, às vezes um cotovelo esbarrava no outro e a gente ria. Em seguida ele começava a cozinhar e a beber cerveja, o pano de prato sempre pendurado no ombro, um disco tocando, era batata que alguma hora me tirasse pra dançar. Me chamava de Nhazinha, porque dizia que

eu era da roça, e fazia cada coisa pra mim. Um dia apareceu com uma cadela, agora que eu fico em casa você pode ter cachorro, falou, e batizou a guapeca de Biônica. Acho que nem sabia direito o que essa palavra queria dizer, mas achava engraçada, Biônica!, gritava jogando um chinelo pra ela pegar. Mais ou menos nessa época, a dona Tarsila e o seu Ronaldo resolveram ir morar no Guarujá, eu tive que procurar outro emprego. Acabei indo parar na dona Fernanda, e no começo fiquei feliz porque trabalhava o mesmo tanto de horas que trabalhava na dona Tarsila, mas ganhava mais e só cuidava de criança, da Corinha, que na época era um bebê. Só que um dia não sei o que deu na dona Fernanda, cheguei segunda cedo e ela estava tomando café com cara de quem não dormiu, o robe vermelho todo torto, o cabelo desgrenhado. Me disse que tinha uma proposta, perguntou se eu não queria ganhar mais, em vez de dois salários, três mínimos pra trabalhar direto, folgando só um domingo por quinzena. Agradei a oferta, é pecado desdenhar da fartura, mas disse que não podia, que eu e Lauro estávamos tentando ter um filho, ir pra casa só uma vez a cada quinze dias não ia dar. Na época ela ainda fumava, lembro que acendeu um cigarro, bateu a cinza no primeiro pires que viu, disse que gostava muito de mim, por isso ia fazer outra proposta, quatro salários mais plano de saúde. Eu não queria ter filho? Já pensou que maravilha dar à luz num hospital particular? Mas pra isso eu preciso engravidar, dona Fernanda, e daí ela perguntou se o meu ciclo era regular. Eu disse que era um relógio, e ela falou que podíamos fazer o seguinte, eu folgaria um domingo por quinzena, e no dia em que estivesse ovulando, era só fazer a tabelinha, eu também podia dormir na minha casa. Teria direito a uma noite de visita íntima por mês. Na hora aquelas palavras me incomodaram, visita íntima, parecia coisa de presidiária, mas logo a dona Fernanda desatou a falar do dinheiro, que aquele valor ia ser com carteira assinada, que eu ia poder financiar uma

casa, pôr meu filho numa escola particular, essas coisas. Eu disse que precisava falar com o meu marido. Fui lá no casulo e liguei pra ele. O Lauro disse que preferia que eu não aceitasse, mas como não tinha condições de me oferecer o que a dona Fernanda estava oferecendo, que eu fizesse o que o meu coração mandasse. Fui até a janela da área de serviço, fiquei olhando pra fora, lembrando da fila de mulheres na agência de emprego, lembrando de mim mesma procurando serviço, das patroas que na entrevista diziam que tinham me adorado e que iam ligar logo pra eu começar mas não ligavam nunca. Também fiquei pensando o que a vó Brígida ia achar de eu recusar um salário daqueles, salário de professora. Então disse para a dona Fernanda que tudo bem, eu aceitava.

No dia da visita íntima, o Lauro desmarcava a corrida que tivesse pra me buscar, a gente ia pra casa ouvindo música, eu no banco do passageiro, ao lado dele, um botando a mão na coxa do outro, ele me carregando no colo até a cama, e foi bom assim durante alguns meses. Tinha dias que eu estava cansada e o Lauro também, ou acontecia alguma coisa que apoquentava um dos dois, e ninguém ali tinha dezoito anos, era um senhor e uma senhora de quarenta e poucos, às vezes não tinha agrado que animasse aquele homem, mesmo assim a gente dormia abraçado. Até a hora que o amor também deu de faltar, porque quando eu chegava em casa no domingo era tarde, já não tinha mais feira nem peixe pra descamar juntos, já não tinha mais um dia todo para o Lauro se alegrar com cerveja e me tirar pra dançar, e assim devagar fomos ficando cada vez mais longe, como se a mesa da cozinha em que a gente jantava fosse crescendo no meio de nós, metros e metros de tampo no meio de nós, até que a gente não se ouvia mais direito, não se entendia mais como antes. Isso tudo eu sei agora, na época eu não sabia o que estava acontecendo, nosso amor era aquela fruta que começa a apodrecer por baixo sem ninguém ver. Só sei que

devagar Lauro foi deixando de me buscar na dona Fernanda, de fazer a nossa janta, de me abraçar de madrugada, até o dia que cheguei em casa, numa noite de visita íntima, e senti um fisgadão no peito, porque a Biônica não correu para me receber no portão, e isso nunca tinha acontecido antes.

Abri a porta já pressentindo o que eu ia encontrar, ou o que não ia, porque quase nada estava lá. Faltava a rede no canto da sala, o cesto que a mãe dele trançou, o estojo de ferramentas e a Bíblia na estante, as roupas no armário e a cachorra, ele tinha levado a Biônica. Gritei feito um porco no abate, como ele tinha ido embora sem falar comigo? Depois me enrodilhei no chão do quarto e chorei, chorei como não chorava desde a morte da minha vó, me sentindo abandonada de novo, pelo Lauro, pela minha cadela e pelo bebê que nem cheguei a ter, e quanto mais eu pensava mais me doía, porque nem de culpar o desgraçado eu tinha condições, ele foi embora como chegou, sem dizer palavra, era o jeito dele, e levou a Biônica porque sabia que eu não ia poder cuidar dela, me poupou de um problema. Só de pensar nisso e na quarenta e três polegadas que ele deixou pra mim eu chorava mais, de raiva e amor, de amor e raiva.

Tentei ligar pro Lauro várias vezes, deixei um monte de mensagens, mas ele nunca me atendeu nem me retornou, o que me deu a certeza de que arrumou outra, que também não queria falar comigo pra não ter que me contar. Fiquei tão mal que durante semanas chorei no trabalho, a ponto da dona Fernanda, que nem parava em casa, reparar e me perguntar o que estava acontecendo, e eu nem podia falar a verdade, porque se ela soubesse que o Lauro tinha ido embora, acabou folga quinzenal, acabou visita íntima, ela ia me fazer morar na Suíte Tóquio, e claro que eu não queria isso, a pessoa quer ter uma casa pra de vez em quando poder sentar no sofá, escolher o que vai comer, largar um copo sujo em cima da pia. Disse pra dona Fernanda que estava triste mas não sabia por quê. Ela disse: isso aí é

depressão, não dá pra ficar passando essa tristeza pra Cora, vou te levar no meu psiquiatra. Me senti agradecida, sabe Deus quanto custa uma consulta dessas, mas claro que não aceitei, meu problema não era de resolver com remédio. Disse pra ela ficar tranquila que a choradeira ia parar. Uns dias depois, descobri uma coisa curiosa, que a gente pode economizar o choro que nem economiza moedas. Eu guardava a quinzena toda e no domingo de folga abria o cofre, a chave era o disco do Elton John, eu deitava na sala com as cortinas fechadas, punha Blue Eyes e soluçava de acordar os vizinhos.

8

Eu e outras quatro concorrentes estávamos no palco de um programa, um tablado alaranjado e azul, circundado por uma plateia. O apresentador nos desafiava a encontrar o crânio de nossos respectivos maridos na pilha diante de nós. Ganharia quem encontrasse mais rápido o crânio. A pilha era enorme, uma montanha de quase dois metros de altura, uma ossada sobre a outra, como restos higiênicos de um ritual macabro. O apresentador soou a largada. Parti para cima da pilha junto com as outras concorrentes. Peguei um crânio e segurei no ar como Hamlet, mas logo larguei, era grande demais para ser o do Cacá. Peguei outro e outro, achando todos muito parecidos. A arcada dentária humana, quando fechada, dá a impressão de estar sorrindo, um curioso acordo entre o humor e a morte, mas nenhum daqueles esgares parecia ser o que eu procurava. Segui revirando o cemitério, os ossos fazendo barulho, a plateia vibrando, uma candidata encontrando o seu. É do Roberto, ouvi-a gritar, correndo de salto alto com um crânio minúsculo na mão, para então colocá-lo num pedestal onde uma luz se acendeu indicando sua vitória. Palmas pra ela, gritou o apresentador. E logo depois: a prova continua. Eu e as outras seguimos procurando, até que uma mulher bradou: Ernesto. E outra: Flávio. E outra: Reinaldo. Eu fiquei sozinha com a pilha, agora toda espalhada, os crânios rolando pelo palco, eu engatinhando em busca do topo do meu marido. Ele tem os quatro sisos?, uma voz gritou da plateia, e me dei conta de que não sabia, e antes que eu respondesse, ouvi uma gargalhada coletiva que de tão intensa

e ao mesmo tempo contida parecia uma claque. Talvez fosse uma claque. Peguei uma ossada qualquer e menti: é ele. Depois corri para o pedestal que restava, encaixei o negócio e senti uma chuva de papel picado cair sobre mim, mas já não havia ninguém no palco, nem na plateia.

Na época, não entendi esse sonho. Talvez porque o inconsciente esteja sempre à frente e, como todo visionário, soe delirante ou incompreensível para quem ainda está na névoa do presente. Depois é que fui entender alguma coisa, a distância que me separava do Cacá. Não que nosso casamento fosse ruim. Mas era um casamento, com a força sepultatória sutil da maioria dos casamentos. E com uma ausência de conflito tão grande que não importava o que acontecesse sob a superfície, tudo sempre parecia bem.

Acho que foi isso que me atraiu no começo, como tudo sempre parecia bem. A gente adorava sair para beber e dançar, fechávamos a pista, voltávamos para casa conversando, a hora que fosse. Até o que seria um defeito do Cacá para os outros, para mim não era. Ele não dava muito certo em nenhum emprego. Se formou em arquitetura, mas não quis trabalhar com isso. Virou maquetista, mas também não vingou. Depois seguiu arrumando uns outros negócios, como os terrários, uns minijardins que estavam na moda e ele achou promissores. Passava o dia debruçado sobre os globos de vidro com uma pinça na mão colando casas, cogumelos e homenzinhos junto a cactos e suculentas que, naqueles universos, pareciam sequoias. Lembro do tempo que dedicou a pôr, na mão de uma mulher de três centímetros, um balão. Era complexo, porque o objeto precisava ficar flutuando — que poesia há num balão largado ao rés do chão? —, e endurecer o fio foi um inferno que Cacá atravessou de joelhos, secando com cola o cordão ao sol. Claro que o valor de cada terrário não justificava o tempo empenhado, mas mantinha o meu marido em casa, tomando conta de tudo

aquilo de que eu não conseguia tomar conta. O que, no fundo, também era o plano dele, pois Cacá tinha jeito para a vida doméstica, havia nascido para cuidar. Cuidar do que fosse, dos cactos, das nossas floreiras, da Cora, da minha mãe, dos nossos amigos, da reforma do apartamento, das nossas festas, da receita do jantar. Nem que eu quisesse conseguiria fazer tudo que ele fazia, ao menos não com a mesma leveza, e eu admirava isso nele. E entendia que da mesma forma como eu precisava ir longe para vicejar, ele precisava se debruçar sobre as pequenas coisas.

Claro que o sexo não era de acordar os vizinhos. Ainda mais depois que Cora nasceu. Acontece com todas as mães, como sentir tesão quando você deixou de ser um indivíduo? Porque por um tempo que pode durar dias, meses ou anos a mãe vira uma carne dupla, ligada por um segundo e invisível cordão ao filho parido. Nesse período, transamos pouquíssimas vezes. Depois estabilizamos numa média suficiente para a sobrevivência em sociedade. Não era o mundo perfeito mas, como aprendi com Cacá, mundos perfeitos não existem nem dentro de terrários, onde os corações são de Durepoxi. Então estava tudo bem para mim. Eu trabalharia, ele cuidaria da casa, sairíamos uma vez por semana para dançar, viajaríamos duas vezes por ano, compraríamos o título de um clube. Ou seja, eu já estava pronta para morrer. Mas daí a vida veio me buscar de novo.

Era a primeira reunião de produção de *O Bom Selvagem*. Uma série em que eu apostava muito, porque cutucava o senso comum de que existem animais bons e maus, dando uma perspectiva mais completa dos grandes predadores. Para isso, resolvi deixar de lado o velho formato de documentário de observação e dar ao jacaré, à ariranha, à cobra, à onça e aos outros uma dramaturgia digna de qualquer grande personagem, com momentos de heroísmo, vilania, compaixão e até romance. Outra coisa que levava a série a ser promissora era que nove de

dez episódios seriam filmados no Brasil, com baixíssimo custo de produção, para depois serem vendidos em dólar. Por tudo isso, naquela terça-feira fiz questão de ir junto com minha equipe para a reunião na produtora que filmaria a série, num galpão descolado na Zona Oeste da cidade.

Entre funcionários do nosso canal e da produtora, éramos cerca de quinze pessoas, distribuídas em uma mesa longa e ovalada. Eu não sabia quem era ela, nem ela sabia quem era eu, e nem chegamos a ser apresentadas, porque quando a reunião ia começar, o beija-flor apareceu. Entrou na sala pela porta que dava para o jardim. E uma vez que entrou, não conseguiu mais sair. Foi para o topo da parede de vidro, e ali bateu asas, tentando voltar para o jardim através da transparência. Todos olharam para ele. Alguns segundos de silêncio se seguiram, ninguém sabia o que fazer. Confesso que se dependesse de mim, o beija-flor morreria. Eu não entendia nada de aves e de suas necessidades. Na verdade nem entendia tanto assim de fauna em geral. Até ser promovida, eu cuidava só de documentários de arte e viagem, depois é que passei a me responsabilizar por tudo que o canal produzia no Brasil, incluindo o conteúdo animal. Por isso achei que nada precisasse ser feito. Até que vi uma garota de jeans e camiseta colocar uma mesa junto à parede de vidro. Ele gasta muita energia, ela falou, já subindo na cadeira e depois na mesa. Se ficar muito tempo sem comer, vai morrer. Acho que alguém falou: desce, você vai cair, mas a garota já estava com a mão em concha, pegando o beija-flor e logo descendo da cadeira, pisando no chão. Para minha surpresa, ela veio até mim. Talvez porque eu estivesse perto da porta do jardim. Talvez por aqueles motivos que nem os nossos documentários conseguem explicar. Dirigindo-se apenas a mim, exibiu o beija-flor, deitado de barriga para cima na sua mão. Disse para eu reparar nos olhos dele. Reparei, eram duas bolinhas minúsculas, inteiramente pretas e reluzentes, e iam de

um lado para outro. Ele tá tentando entender onde está, ela me disse. Quando entender, vai voar. Então foi até o jardim, esperou o pássaro se situar e se mandar da sua mão. Em seguida, voltou para a sala, sentou-se à mesa. Levou um tempinho para que me dissessem quem era ela e, nesses minutos, mesmo não sabendo a sua importância ou o quanto ela era interessante, já fiquei atraída. Não fisicamente, eu nunca tinha sentido tesão por mulheres, nem sequer conseguiria identificar esse sentimento na sua primeira ebulição, mas atraída a olhar para o seu rosto, a decifrar alguma coisa que eu não sabia o que era. Me surpreendi quando falaram que ela iria dirigir a série. Pelo seu currículo, que eu havia lido, imaginei que fosse mais velha, e pelo que estava vendo não devia chegar aos trinta anos. Mas também não podia ser chamada de garota, tinha uma voz grave e segura, e expôs sua visão sobre a série com um jogo de cintura que poucos diretores têm, falando apenas o necessário, de forma a não engessar seu trabalho depois, e o tempo todo olhando para mim mas também para toda a equipe, com uma consideração rara de se ver. Também reparei que tinha um sotaque estranho, parecido com o dos americanos mas mais suave, e um certo senso de humor, pois quando frisei a importância de ela cumprir o cronograma, disse para eu ficar tranquila que cumpriria, só restava saber se a ariranha toparia trabalhar nas diárias impostas pelo meu Excel. Saí da reunião sem uma data de entrega garantida para a série, coisa que nunca tinha acontecido comigo.

9

Até no sonho criança deve ser mais livre do que adulto. Eu já cuidei de tantas, e todas se mexem do mesmo jeito quando estão dormindo, uma giração pra lá e pra cá, até que vão crescendo e ficando cada vez mais quietas, como se os sonhos aprendessem a caber no tamanho da cama. Ainda não é o caso da Cora, que deve estar sonhando que é bailarina, já rodou pra cima de mim, me deixando no cantinho da poltrona, e agora deve estar agradecendo ao público, porque se curvou para o outro lado, encostando o rosto na janela. Puxo seus ombrinhos de volta para o encosto, não suporto ver a minha Picochuca com a boca aberta para os germes do transporte coletivo. Pego o lenço umedecido pra limpar seu rosto. Agora não me incomodo tanto com isso, mas teve uma época que eu ficava quase louca, achava até que enxergava os micróbios, não o micróbio em si mas o grupo deles, e daí me limpava, limpava a Corinha, desinfetava tudo que via pela frente. Depois que o Lauro foi embora, parei com essa história e comecei a enxergar outras coisas, o grande e o pequeno. Até aquela época nunca tinha reparado, mas se olhar bem qualquer um vê, o mundo é cheio de pares de um graúdo e um pequeno. A flor e o broto. A casa da frente e a dos fundos. O prato e o pires. Os bichos e os filhotes. E as pessoas, o pior eram as pessoas. Em todas eu via o mundo de coisão com coisinho, e acho que via assim porque não enxergava isso em mim. E pra me lembrar que todo mês eu ia sangrar e seguir sendo sempre um graúdo sozinho, aquela pintura na parede, um banheiro todo sujo de sangue. Quando eu olhava, sentia até dor de barriga,

porque pra mim o quadro era uma anunciação. Tuas regras vão vir de novo, Maju. Tu vai morrer sozinha.

E daí eu me lembrava da outra chance que eu tive, do menininho da Neide. Ela me ofereceu o bebê tantas vezes. Desde que ficou sabendo que estava grávida, a safada. Porque essa era safada mesmo. Eu já conheci ela na safadagem, na praça Buenos Aires, no meio do exército branco, a única diferente, cuidando de uma criança e lendo um livro. Eu reparei porque também gosto de ler, passei bem devagarzinho na frente dela pra ver a capa, Coleção Paixões Picantes. Acabamos ficando amigas e descobri que gostávamos da mesma coisa, de ler histórias de amor, só que eu preferia os livros normais e ela os que tinham a pimenta dedo-de-moça embaixo do título. A Neide era assim na leitura e em todo o resto. Vai ver por isso eu gostei tanto dela. Enquanto as outras babás ficavam competindo, contando que tal criança já estava na bilíngue, tal criança tinha ido esquiar nas férias de julho, como se o filho fosse das coitadas e não da patroa, a Neide só queria saber de fazer amor. Era olhar pra Neide e batata, ou estava lendo ou rebolando com o filho da patroa na frente dos porteiros. Um dia até falei pra ela: ô Neide, essa criança não reclama de gastar tanta sola na frente da portaria do Maison Blanche? O menino devia achar que tinha algum tesouro enterrado ali, de tanto que palmilhavam a calçada na frente do prédio. Nessa época, ela já tinha a Raquelly, a menina estava com sete anos. Foi a primeira gravidez da Neide, de um pedreiro que se mandou para o Nordeste quando a barriga dela ainda estava pequena. Coitada da minha amiga, disse que tremia quando foi contar da gravidez pra dona Andreia. E daí a surpresa, ela disse que a Neide podia seguir no serviço. Que ia botar a outra empregada, que dividia o quarto com ela, pra trabalhar só de dia, dando espaço para o bebê. Desde que a Neide compensasse a falta da outra, claro, porque a dona Andreia não tinha as duas dentro de casa dia e noite à toa. Se

bem que eu acho que era meio à toa, quem é que precisa de duas empregadas de madrugada? A dona Andreia, a mesma que precisava de uma empregada na borda da piscina segurando sua caipirinha pra não correr o risco de alguma criança derrubar — e não pela criança, pela bebida. Cansei de ver isso no clube, um sol de arrancar o couro e a Neide de pé do lado da borda com a caipirinha na mão, só esperando a sardenta esticar a cabeça pra fora e chupar o canudo. Eu achava um absurdo, mas não podia falar nada pra Neide, Deus o livre alguém falar mal da patroa dela. Mas daí veio a outra gravidez, do Renan do Maison Blanche. A Neide veio me procurar com o teste de farmácia, o sinalzinho de + no marcador. Lembro que falei: ô mulher burra, e dei um tapa nas costas dela, e logo depois um abraço, porque a bicha estava chorando de chacoalhar os ombros. A Neide tinha certeza de que era do Renan, mas ele dizia que não, e que era melhor que não fosse mesmo, porque ele era casado, pai de três filhos, ai dela se aparecesse com um bastardo pra estragar a família dele. A Neide entrou em pânico, porque claro que a dona Andreia não ia aceitar mais um filho dela dentro de casa. Ela teria que arrumar outro emprego, ir morar no Capão, deixar alguma vizinha olhando os filhos. Mas daí começou a pensar na Raquelly, em como aquela mudança ia afetar a vida da menina. Ela ia sair da escola particular que a dona Andreia pagava, ficar sozinha em casa cuidando de um bebê, com oito anos cuidando de um bebê, e longe dos olhos da Neide. Dava pra apostar que com doze já estaria biscateando por aí, macieira não dá pera. Então a Neide decidiu que era melhor ter um filho direito do que dois tortos. Daria o bebê pra alguém. Como ela não tem família, só uns primos distantes lá no Espírito Santo, ofereceu pra mim, mas eu não quis, na época estava tentando ter o meu Laurinho. Daí começa uma história desgraçada, porque a Neide achou melhor esconder a gravidez. No começo foi tranquilo, porque ela usava um guarda-pó branco, a barriga ia bem assentadinha

debaixo do bolso, mas depois a Neide começou a engordar, não só por causa da gravidez, mas porque cada dia que passava era um dia mais perto de entregar o menino, e ela parecia um pino solto, segunda-feira escolhendo nome, Rodrigo, Brian, Marcelo, terça pesquisando um lugar onde pudesse deixar o bebê assim que parisse. E nesse tempo todo comendo paçoca, de nervoso. Teve que inventar pra dona Andreia que estava com um problema hormonal, aquele que deixa a glândula preguiçosa. Pra Raquelly, que via ela pelada, disse que o barrigão era por causa da doença, e que seu choro toda noite na cama era de dor. Mas criança sabe tudo, diz que à noite a Raquelly passava a mão na melancia dela e chorava também, sem abrir o bico.

Chegou o dia e as contrações começaram, em torno das dez da manhã. A Neide queria ir pra Santa Casa, mas a outra empregada tinha saído de férias e ela estava sozinha com as crianças, precisava dar o almoço e botar elas na perua. Quando a perua arrancou, dez para a uma, a Neide já estava suando de dor e percebeu que não ia dar tempo de chegar em lugar nenhum. Deitou no chão da área de serviço e pariu ali mesmo, cortando o cordão com uma tesoura de costura. Como pretendia abandonar o bebê na maternidade, não sabia o que fazer, e não tinha tanto tempo para pensar, porque a dona Andreia chegaria com as crianças às sete da noite. Nesse meio-tempo ela me ligou perguntando se eu não queria mesmo ficar com o menino. Depois ficou esperando a dor do parto aliviar. Quando se sentiu um pouco melhor, começou a arrumar as coisas. Deu um banho no menino, vestiu um macacão nele, prendeu uma chupeta na gola. Tirou o pouco de leite que conseguiu e colocou numa mamadeira. Em seguida foi atrás de uma sacola. Queria a mais fina que encontrasse, não no sentido de finura, as de plástico não serviam, eram moles demais, mas no sentido de fineza, de dar para o filho o melhor na única chance que teria de dar alguma coisa pra ele. Dispensou as de supermercado, as de padaria, as

pequenas demais, as compridas demais, as que tinham cheiro, as que tinham sujeira, as com estampa de menina, as de alças de papel, uma que era boa mas nela estava escrito Ricardo Almeida e podia fazer pensar que esse era o nome do bebê, até chegar na ideal: larga, de papel duro, base com forro duplo, alça de corda, um desenho bonito e uma coisa escrita em inglês.

Ficou com o bebê até o último minuto que pôde. Depois desceu pelo elevador com a sacola cheia, fraldas e mamadeira junto. Com a cabeça baixa, passou pelo porteiro, pela portaria, andou dois quarteirões até chegar na rua Rio de Janeiro e ali deixou a sacola, debaixo de uma árvore. Depois caminhou um pouco e ficou entre um arbusto e um banco, não ia embora enquanto não visse alguém pegar o menino. Uns dez minutos mais tarde passou um homem que reparou na sacola, talvez o bebê tivesse feito barulho, a Neide não sabe, de longe não dava pra ouvir. O homem se agachou, olhou lá dentro, pegou a sacola segurando na parte de baixo, o que a Neide achou bom, coisa de gente cuidadosa.

Às nove horas, estava tirando a mesa do jantar quando viu na televisão. Não podia acreditar, era ela no *Jornal Nacional*. A imagem de uma câmera da Rio de Janeiro mostrava a Neide caminhando de cabeça baixa com a sacola. Depois um policial mostrava o menino enrolado numa manta e uma repórter falava coisas que ela não entendeu, porque estava nervosa e também prestando atenção no filho, tentando ver se ele não estava assustado com tudo aquilo. Nessa noite foi Neide quem pediu pra dormir na cama da Raquelly.

Nos dias seguintes, minha amiga andou de cabeça baixa pelo bairro, pra se esconder das câmeras e pra esconder o choro. Achou que o pior já tinha passado, e talvez já tivesse mesmo, mas problema também vem em dupla de pequeno e graúdo, e quatro dias depois, quando estava passando de novo pela rua Rio de Janeiro, a Neidinha viu dois guardas na calçada, olhando

pra ela. Logo um deles se aproximou e meteu as algemas, dizendo que estava sendo presa por crime de abandono de menor. Falaram que descobriram olhando as câmeras, reparando que nos dias anteriores ela tinha passado de cabeça baixa pela Rio de Janeiro, um comportamento estranho e igual ao da mãe que abandonou o bebê. Na delegacia, ela descobriu que o menino tinha sido encaminhado para o Conselho Tutelar, enquanto ela foi encaminhada pra jaula, onde ficou por dois dias. Quando saiu, a calçada estava coalhada de enxeridos e repórteres, um povo gritando: sua desnaturada, por que você fez isso? A Neide disse que pensou no Renan, no Renan jogando sudoku na tranquilidade da portaria. E sem saber direito o que responder, só gritou: desespero, desespero.

Depois que o Lauro foi embora, pensei várias vezes nessa história. Me arrependi de não ter pegado o menino, pensava que teria sido melhor para mim, pra ele, pra Neide. Mas agora, olhando a Cora do meu lado, acho que foi melhor assim. Se tivesse pegado o menino, eu não estaria aqui passando a mão nos cabelos da minha Picochuca, voltando pra Mandaguaçu e me sentindo feliz como uma criança que ainda não cabe na cama.

Eu estava acostumada a acompanhar gravações nas cidades em que os artistas escolhiam viver: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Paris, Tânger ou mesmo a Capivari de Tarsila ou a Brodowski de Portinari. Mas agora eu precisava ir aonde os jacarés estavam. Era tudo tão novo para mim que eu nem sabia como me vestir. Saía a echarpe que eu usava para aguentar o ar-condicionado dos estúdios e museus e entrava o quê? Provei algumas variações que eu havia trazido, às cinco da manhã tive ânimo para provar algumas variações, dispensando a camisa por parecer formal, o colete cheio de bolsos por parecer caricato, vestindo por fim uma calça de moletom, uma camiseta e um par de óculos escuros que escondiam o meu cansaço mas também me tornavam uma figura pitoresca, assistindo ao alvorecer através de dois blecautes de marca, em frente a um hotel em Corumbá.

O motorista não demorou para aparecer. São duas horas daqui até Nhecolândia, me disse, e o nome do município soou mais absurdo do que nunca, fazendo parecer que eu ainda sonhava, embalada pelo laranja do horizonte. Pensei em aproveitar, em dormir até chegar ao meu destino, ou ao menos deslizar pela paisagem atônica da manhã, mas o meu celular já estava cheio de e-mails enviados pelos gringos de Los Angeles, pelos dedos que trabalhavam em outro fuso e me faziam acordar todos os dias com a caixa postal abarrotada. Só tirei os olhos da tela quando senti que já nos aproximávamos, ao passarmos pela porteira.

O alojamento era composto de um quarto com quatro colchões, um banheiro, uma cozinha e uma varanda com uma mesa rústica de madeira. Larguei minha mala no chão do quarto, junto a outras bagagens que já estavam ali. Reparei que o cômodo não tinha ar-condicionado, nem sequer um ventilador, o que me deixou com um certo mau humor, irritada com a muquirana que estabeleceu um custo de produção tão baixo para aquela série. No caso, eu. De qualquer forma, ainda que eu tivesse aumentado a verba, onde ficaríamos? Não havia nada de melhor por ali, nenhum bar de hotel onde eu pudesse tomar um drinque, então tratei de focar no que estava para lá da janela.

A caminho da filmagem, passamos por lagoas naturais que, segundo o motorista, no termo pantaneiro chamavam-se baías. Eram depressões em que a água se acumulava, criando formas como gota e coração. Foi perto da ponta do coração profundamente verde que estacionamos e eu logo enxerguei a diretora, que não tinha mais visto desde a reunião, com o olho mergulhado na lente, a lente quase mergulhada na água. Estava com os cabelos presos num coque malfeito, a boca entreaberta, admirada com algo que via. Perto dela, tinha outra câmera, comandada por uma mulher de cabeça raspada com uma argolona na orelha, que deduzi ser a diretora de fotografia. E junto delas, um rapaz novo a ponto de me botar medo, de me fazer pensar se tinha idade e carteira de trabalho para estar segurando aquele equipamento de som. Preocupação que esqueci quando Yara levantou os olhos da câmera, sorriu para mim e acenou de um jeito simpático, para logo depois colocar o dedo sobre a boca em sinal de silêncio e voltar os olhos para onde estavam antes. Fiquei ali, esperando a hora de me apresentar para o resto da equipe.

Passaram-se quinze minutos, e nada. Yara, a diretora de fotografia e o técnico de som permaneceram imóveis. Tão imóveis que por um instante tive a impressão de que eram três

bonecos de cera retirados do Madame Tussauds e inseridos numa paisagem insólita. Resolvi sentar-me à sombra de uma árvore, onde respondi a todos os e-mails e mensagens que ainda faltava responder, percebendo num certo momento que tinha passado uma hora desde que eu chegara. Então, erguendo os olhos, vi que finalmente algo havia mudado. A diretora de fotografia e o técnico de som permaneciam no mesmo lugar, mas Yara não estava mais ali. Olhei em volta. Até que ouvi o barulho da água ondulando, e em seguida saiu lá de dentro a diretora, com a câmera na mão. Correu para a margem, fez sinal para eu me aproximar. Me apresentou rapidamente Herta e Felipe. Depois, mostrando o visor da câmera, disse: a cena de romance que você queria. Vi dois jacarés se aproximarem debaixo da água, o maior deitando e torcendo-se sobre o menor, que deduzi ser a fêmea, e ali ficando por uns minutos até seus corpos se separarem de novo. Não ficou demais?, perguntou, os olhos ainda voltados para o visor. De fato, tinha ficado. A rudeza dos jacarés desaparecia na suavidade dos gestos suplantados pela água, como se de fato existisse amor, e o amor fosse capaz de transmutar carcaças torpes em acrobatas. Mas Yara estava pingando, gotejando ao meu lado, e isso também me chamava a atenção, o fato de ela não se importar com a água turva que descia dos seus cabelos para o seu rosto, enquanto assistia pela segunda vez à cena. Depois disso, deixou a câmera com Herta, pediu licença e foi para não sei onde.

Puxei conversa com a careca, perguntando o que ela estava achando da filmagem. Ela levantou o polegar e disse: boooooom, a palavra prolongada dessa maneira, e em seguida deu um sorriso. Indaguei se tinham conseguido captar muitas imagens na véspera. Lá veio o polegar de novo, sem nenhuma palavra. Depois guardou a mão no bolso e seguiu sorrindo, me dando a impressão de que sofria de algum distúrbio mental ou era um daqueles talentos estranhos, com percepção muito aguçada para

estética e o cérebro lento para todo o resto. Resolvi falar com Felipe, que me disse que o dia tinha rendido bastante, mas não quis contar detalhes, voltando a mexer nos seus microfones, claramente intimidado com o meu cargo, comportamento com o qual eu já estava acostumada. Para alívio do meu ímpeto verbal, Yara reapareceu, com uma roupa seca, torcendo os cabelos. Está bom o monólogo?, me perguntou rindo, e logo contou que Herta era uma diretora de fotografia fabulosa mas não falava português nem inglês. Haviam se conhecido na Romênia, filmando bisões nos Cárpatos. Yara ficou impressionada com a luz que Herta conseguia captar, uma luz densa e melancólica, que se aproximava do cinema, de filmes de sérvios como Kusturica. Gostei do que ela disse, eu adorava aquele diretor.

Depois ela me mostrou algumas cenas captadas na véspera. Uma fêmea de jacaré nadava numa lagoa junto com dois filhotes. Num certo momento, a fêmea e o filhote maior distanciavam-se do menor. Outro jacaré entrava em cena e devorava o pequeno, os pedaços de carne estraçalhados em poucos segundos. Que é isso?, perguntei, surpresa. Fome, Yara respondeu com displicência, como se aquele ato de canibalismo fosse a coisa mais normal do mundo. E era, para aquela espécie. Como Yara me explicou, não era raro que os machos comessem seus semelhantes, incluindo os filhotes. Lamentável para os bichinhos mas conveniente para mim, para a jornada que pretendíamos dramatizar, pois mostrava que o jacaré também podia ser o vilão de si mesmo. Dividi esse pensamento com ela, achando-o brilhante, e comentando que já tínhamos cenas de vilania, conquista, romance, compaixão, mas eu ainda sentia falta de outras motivações, como raiva. E como vou mostrar isso?, Yara perguntou. Através da expressão do jacaré, arrisquei. Jacarés não têm músculos no rosto, não têm expressão facial. São como o... Bruce Willis. Dessa vez eu que dei risada. Ela continuou: não fui tão direta com você na reunião porque não dava, mas acho a

sua ideia de humanizar os animais uma bobagem. Fiquei surpresa, era raro algum contratado se dirigir a mim com tanta honestidade. Fica tranquila que sou profissional, vou fazer o que você pediu, mas saiba que a beleza dos selvagens está justamente em não se adequar a nada. Em seguida, tirou um baseado do bolso, em pleno horário de trabalho, acendendo-o e ainda oferecendo-o para mim. Claro que não aceitei. Meu astral, naquele momento, estava mais para um Rivotril, já que meus neurônios estavam agitados, metade pensando na abordagem da série, metade acendendo a pira dos meus hormônios. Disfarcei e disse que ela podia entender de bichos e direção, mas quem entendia de produção de entretenimento era eu, a série já tinha sido vendida daquele jeito, e se o canal investira dois milhões nela, era porque a abordagem tinha apelo, mas claro que poderíamos flexibilizar um pouco a forma, poderíamos conversar a respeito. Ainda vamos conversar bastante, ela disse com um sorriso malicioso.

O produtor local da série apareceu, trazendo sanduíches e bebidas. Misturei minhas fibras solúveis ao suco, enquanto Yara e Matuto se puseram a falar sobre um fazendeiro da região, ela perguntando como estava um tal de Norberto, eu pensando como ela poderia conhecer tão bem os moradores dali. Nessa hora, meu celular começou a tocar, eram os gringos acordando ao norte do equador. Respondi e-mails, assisti a cenas de outra produção em andamento, e quando vi, a equipe estava de novo na margem do coração, de onde saía um jacaré, as patas dianteiras puxando sua sanfona de gomos para a terra. Esse foi o primeiro, logo depois vieram os outros. Jacarés de todos os tamanhos saindo da água, como se uma corneta, audível apenas por eles, tivesse sido tocada. Eram tantos que pensei que não cessariam de emergir, que sairiam sem parar da garganta do planeta pela boca da lagoa até povoar o mundo, mas claro que não, logo o número se estabilizou e deduzi que era apenas a

população atendendo ao chamado da corneta solar. Lagarteando. Ou assoalhando, como me disse Matuto. No final, era uma cena bonita de se ver, a cordilheira de cascos marrons e quase imóveis circundando a lagoa. Tanto que a equipe estava captando e até eu me levantei para tirar uma foto, para mandar uma imagem para o meu CEO.

Não muito tempo depois, ouvi Yara gritando: é ela. E em seguida: rápido, o cambão. Matuto correu até onde estavam os equipamentos, pegou um cabo comprido com um elástico largo na ponta e deu para Yara. Com o apetrecho na mão, ela foi se aproximando de um jacaré isolado na margem da lagoa. Herta e Matuto posicionaram-se atrás da Yara, como se já soubessem — e provavelmente sabiam — o que estava acontecendo. Agachada, foi se movendo devagar, até chegar perto do bicho e laçar com o elástico sua boca, fechando-a e cerrando qualquer ameaça. Feito isso, ela tocou o jacaré. Passou a mão entre seus olhos. Devagar. E chorou. Eu sei porque eu a vi limpando as lágrimas com as costas da mão. Em seguida soltou o elástico, deixando o animal. Era uma ótima cena para uma série de suspense ou aventura, mas o que estava rolando era a vida, em episódios de vinte e quatro horas, sem edição. Assim, antes de chegar ao clímax e eu poder perguntar para Yara qual a sua relação com o réptil, tive que atravessar o resto da tarde sem maiores acontecimentos: a volta com o motorista, o banho rarefeito do alojamento, a dificuldade de fazer o intestino funcionar com gente esperando do outro lado da porta.

Quando finalmente sentamos para comer, já era noite. Os ruídos dos animais criavam um cenário mais rico do que qualquer imagem. Me acomodei no meio daqueles sons, ouvindo também o fogo crepitar, pois Matuto preparava um leitão no rolete para nós. Sentamos perto dele. Eu, Yara, Herta e Felipe. Matuto e o assistente de som começaram a conversar sobre o fogo. Herta, como sempre, manteve-se alheia, não pela barreira linguística,

essa sempre pode ser superada, mas porque parecia gostar de ficar no seu mundo, ou melhor, no nosso mundo, por inteiro e sem interlocutores, ligada a algo que eu não sabia o que era mas que parecia bom, e que parecia ficar melhor ainda à medida que a romena bebia pequenos goles no gargalo de uma 51. Essa adora uma cachaça, Yara comentou. Às vezes acho que ela topa trabalhar no Brasil só por causa disso. Perguntei se elas sempre trabalhavam juntas. Yara disse que sempre que possível. Além de Herta ser uma boa profissional, era de origem cigana. Aguentava como ninguém a vida nômade de documentarista. E você, de onde é?, indaguei, ainda intrigada com aquele sotaque. De uma cidade que ninguém conhece, Las Cruces. Novo México?, perguntei. Ela me olhou, surpresa. Como não conheceria? É a cidade da maior enchilada do mundo, falei. Yara rebentou numa risada sonora. Como você foi parar em Las Cruces? Conte para ela que amava viajar. Que só não viajava mais porque meu marido era caseiro, eu tinha uma filha pequena e um cargo executivo que me prendia ao escritório, mas que no passado eu havia sido produtora de programas de viagem. E numa dessas produções passei por Las Cruces, onde filmei a enchilada de três metros de diâmetro que, aberta, mais parecia uma cama elástica coberta de molho. E filmei também a mascote da festa, a pimenta de botas, bigodão e sombrero, como se chama mesmo? Acho que era Twefie, Yara respondeu, vibrando com as memórias que eu devia estar suscitando. Depois me contou que saiu muito cedo da cidade, com seis anos. O pai era biólogo e a mãe antropóloga, só foram parar em Las Cruces por causa do doutorado dela. Depois seguiram morando em várias cidades e países, atrás dos bichos do pai e das pessoas da mãe. Também morei em algumas cidades, contei para ela. Só que por um motivo um pouco menos glamoroso: meu pai bebia, jogava, começava a dever para muita gente. Chegava uma hora que a situação apertava e meus pais resolviam recomeçar em outro

lugar. Às vezes acho que é por isso que gosto tanto de cinema, porque enquanto eu não me enturmava na cidade nova, matava minha solidão nas matinês. Yara se inclinou na minha direção. Que coincidência. Também matava a minha solidão no cinema. Isso quando a cidade tinha um. Mas eu não acho ruim a vida nômade, me acostumei a viver assim, acho que nem sei viver de outro jeito. Ela ia falar mais alguma coisa, mas Matuto nos interrompeu servindo o leitão com pão e passando para Yara uma cuia em formato de chifre. Ela bebeu e me passou. Já tomou tereré? Disse que não. Ela me explicou que era uma espécie de chimarrão gelado. Depois colocou água para mim, ajeitou o mate lá dentro — me levando a pensar de novo como tinha tanta intimidade com aquele lugar, com aquela cultura.

Começamos todos a falar da comida, de como o leitão estava bom. Enquanto comia, aproveitei para responder alguns e-mails. Até que senti o cheiro ao meu lado. Era Yara fumando um baseado cônico, a brasa brilhando graúda na noite. Passou para mim, novamente recusei. Eu ainda estava em horário de trabalho, eram três da tarde em Los Angeles. Herta também não quis, estava plena com sua cachacinha. Matuto pegou o baseado e seguiu contando sobre um barco que havia afundado na região, na baía de Chacororé, no século XVIII. A embarcação ficou famosa porque os moradores do local juram que, em noites de lua cheia, a popa sobe para a superfície e dá para ouvir as vozes e risadas dos tripulantes. É lenda, Felipe disse. Matuto retrucou: pode ser, mas o barco existe. Ele acompanhou um grupo de mergulhadores lá embaixo, viu com os próprios olhos. A estrutura toda corroída, fazendo o barco parecer um castelo de outro mundo, e os peixes dando vida a tudo, brotando de cada janela, de cada buraquinho. Fitei Yara com o rabo do olho. Estava de cócoras, com a boca entreaberta, como uma criança que espera a próxima página de um livro. Herta também estava atenta, tive a sensação estranha de que entendia tudo. Matuto passou o

baseado para Felipe, que lhe perguntou sobre os ruídos lá embaixo. Nessa hora um cachorro apareceu e se acomodou ao lado da Yara. Ela começou a acariciá-lo. Você já veio pra cá antes?, falei. Ela deu aquele sorriso malicioso. Por que a pergunta? Você conhece até o cachorro. Ela gargalhou. Nunca vi essa criatura. Mas, sim, eu já vim pra cá várias vezes, disse. Depois sentou-se, virada na minha direção. Me contou que falava bem português e conhecia bem o Brasil porque sua mãe era brasileira. E também porque seu pai era um especialista em jacarés, vinha muito para cá estudar o *Caiman*, que é o nome científico do Bruce Willis, o jacaré do Pantanal. Contou que a vida do pai era esse bicho, enquanto a humanidade vive fugindo deles, ela e o pai passaram a vida andando atrás de jacarés. Por isso moraram na Flórida, na Austrália, no Egito, na Tanzânia e em Corumbá, onde o pai fazia pesquisa. Agora tô entendendo a sua amizade com aquele jacaré, eu disse. Jacaroa, me corrigiu. E então me contou que aquela não era uma jacaroa qualquer. Era a CAI-3, assim chamada por ser a terceira *Caiman* registrada no estudo do pai, trinta e um anos antes, perto da época em que Yara nasceu. Na ocasião, a CAI-3 também era um bebê, subia no pé do pai, ficava mordiscando os dedos dele. Seu pai acompanhou-a quase diariamente até ela ficar com um metro e vinte, e desse período Yara tem uma certa lembrança, o pai fazia cosquinha embaixo da boca da CAI-3 e ela fechava os olhos. Eles voltaram para Las Cruces, e quando vieram outra vez para o Pantanal, a CAI-3 já era uma moça de um metro e oitenta e o pai nem pensou em fazer cosquinha nela, pois perderia os dedos, mas seguiu cuidando dela como se fosse uma filha. Ou um amuleto. Porque os outros jacarés do projeto iam morrendo, predados por outros animais ou por doenças, e a CAI-3 seguia firme e forte, e tomando agulhada. Grande parte da gratidão do pai à CAI-3 vinha da quantidade de teses que ele conseguiu

elaborar com amostragens dela. Claro que nem sempre era fácil. Teve uma vez que a CAI-3 devia estar de TPM, Yara disse, porque o pai a tirou da água, fez um ultrassom, e antes que arrancassem o elástico da sua boca, a jacaré saiu andando. Isso era um problema, porque se a CAI-3 voltasse para a água com a boca amarrada, não conseguiria comer e morreria. Então ela saiu correndo e sentou em cima da *Caiman* — eles sempre fazem isso quando querem imobilizar o animal —, mas a CAI-3 reagiu. Virou-se e prensou Yara contra a caminhonete. Nessa hora ela ouviu um *clac*, era seu osso quebrando. Depois de contar isso, pegou a minha mão, colocou por baixo da gola da sua camiseta e deslizou meus dedos até seu ombro, onde havia um calombo ósseo, que ela me fez tocar devagar, enquanto olhava para mim. Senti o meu corpo amolecer. Até que puxei os dedos.

Yara prosseguiu contando que no ano anterior seu pai fora diagnosticado com câncer. Mesmo debilitado, quis voltar ao Pantanal para fazer sua *last dance*. Foi assim que ele disse: *it's gonna be our last dance*. Porque da mesma forma como ele estava velho, a CAI-3 também estava. Muito provavelmente seria o último dos quarenta, cinquenta encontros dos dois. Yara também veio, o pai já não estava nem andando direito, e foi bonito de ver. Para não terem que imobilizar a CAI-3, chegaram à noite, já que as lanternas na testa deixam o bicho sem reação. O pai tocou rapidamente a parceira, tinha esse barato de todo pesquisador, de sentir a textura, a temperatura do animal, e como *Caiman* não é poodle, logo deixou sua senhora em paz, e partiram. Yara olhou para longe, para um horizonte indivisível naquele momento, e continuou, contando que depois entendeu que o pai quis vir ao Pantanal também para se despedir da vida, para não passar seus últimos dias numa cama branca de um quarto branco de um prédio branco onde a maior representação da natureza era uma rosa arrancada da terra e metida numa

garrafinha com água. E devia ser isso mesmo, o pai queria partir no calor das coisas vivas, porque assim que chegaram a Corumbá, ele morreu. Eu não soube o que dizer, mas acho que olhei para ela com carinho. Foi por isso que quis começar as gravações por aqui, falou. Achei que ia dar sorte. Bem nessa hora, meu celular tocou. Silenciei o aparelho e perguntei da mãe dela, onde a mãe estava esse tempo todo. Ela disse que a mãe desapareceu quando ela estava com dez anos. Foi fazer uma pesquisa numa tribo afastada no Peru e nunca mais voltou. O pai achava que ela havia sido morta por posseiros, mas Yara acha que está viva. Que quis desaparecer. E você?, me falou em seguida. Me conta mais um pouco de você. Meu celular tocou de novo e eu não pude ignorar, era o Matthew querendo fazer a nossa última *call* do dia. Pedi licença para Yara e o resto do grupo e me afastei para atendê-lo.

Quando cheguei ao alojamento, tudo estava em silêncio, a porta do quarto encostada. Empurrei-a com cuidado para não fazer barulho, calculei que talvez a equipe já estivesse dormindo. E parte estava. Felipe capotado no colchão mais próximo à porta e Herta a seu lado. Yara trocava de roupa, virada para a parede. Com certeza percebeu que eu entrei, a porta rangeu levemente, meus passos estalaram um pouco, mas ela não se virou na minha direção, nem interrompeu o que estava fazendo. A única coisa que senti foi que ela ralentou seus movimentos, tirando com languidez a camiseta e deixando que eu visse o perfil dos seus peitos enquanto se agachava para pegar outra camiseta, que vestiu com a mesma lentidão, até que o tecido solto e comprido cobriu os gomos da sua bunda. Então virou-se para mim e sussurrou: boa noite. Dei boa-noite e peguei minhas coisas para ir ao banheiro, eu não teria desenvoltura para me trocar na presença dela. Lá dentro, fiz os sei lá quantos rituais que preciso fazer para dormir, entre cremes e vitaminas, necessidades reais e manias. Quando voltei para o quarto, Yara

também estava dormindo. Desliguei a luz, deitei no colchão que me cabia, entre ela e Herta, mas não consegui pregar o olho. Tateei meu nécessaire e apanhei um Rivotril.

Quando acordei, ainda zonza por causa do remédio, todos os colchões estavam vazios. Eram seis e quinze, o motorista já devia estar me esperando lá fora, tínhamos combinado de sair às seis, eu não podia perder o meu voo de maneira nenhuma. Enfieei a roupa de qualquer jeito, meti o que faltava na mala e saí toda descabelada, sem me despedir de ninguém.

Paro de ler o livro da Nora antes que chegue perto do fim. Não quero ficar sem leitura por esses dias, ainda mais não sabendo como vão ser as coisas, sabe Deus se aquele povo evoluiu, se abriram alguma livraria em Mandaguaçu. Na época em que eu morava lá, um homem passava na fazenda vendendo livros, eu lembro bem, já gostava de ler, mas eram umas histórias de guerra, quase nada de romance. Também tinha os de poesia, mas disso nunca gostei, parece que esse povo que escreve verso tem preguiça de preencher as páginas. Então economizo mais um dedinho da minha água com açúcar e boto a imagem da Nega pra marcar onde parei. Depois olho o relógio, quatro da tarde, deve estar quase na hora do ônibus parar. E claro que vamos descer, sou feito tatu, não posso ver um buraco que quero espiar dentro.

Acorda, Ana, vou sacudindo a Picochuca, tá na hora de descer. Ela esfrega os olhos e pergunta onde estamos. Digo: Santa Cruz do Rio Pardo, é o que vejo embaixo do nome do posto. Assim que o ônibus para, levantamos. Os passageiros que estavam no convencional entram na nossa frente. É a agonia de passar horas sentado num toco duro. Descemos, vemos a lanchonete e um parquinho na parte de trás. A Cora puxa meu braço. Quero ir no balanço. Explico que não dá, só temos vinte minutos. Ela pede: por favor, só um pouco. Fico com pena. Só cinco minutos, contados no relógio. Ela olha pra mim, diz: hoje é o melhor dia da minha vida, e sai em disparada com a Bibi.

Depois pede para eu empurrar. Puxo o balanço com força pra trás, sei como ela gosta de ir longe. Olho o cocuruto indo e vindo e penso que talvez não seja tão difícil ser mãe. O pessoal complica porque gosta de complicar tudo, mas talvez a maternidade seja só isso, empurrar o filho todo dia até que ele não precise mais ser empurrado. Eu podia ficar nesse vaivém por horas, não sei por que o rangido do balanço me dá uma coisa boa, mas o nosso tempo está contado. Vamos, Ana, já passaram cinco minutos. Ela atende pelo nome novo, ô menina obediente. Se bem que obediente não é bem a palavra, a danada desce da cadeirinha e corre para o escorregador, só uma vez, grita, enquanto entra no tubo. Vou fazer o quê, sair voando que nem a Mulher Maravilha e arrancar a menina lá de dentro? Fico esperando, batendo a ponta do pé na grama de plástico, até a levadinha sair dali. Assim que aparece, pego sua mão e caminhamos até a lanchonete. Vamos passando pelos balcões, pelas prateleiras, por uma pilha de doces de mocotó que me dá água na boca, até penso em levar um, mas desisto, o preço está pra lá do firmamento. Pego um pacote de pão. Paro junto de uma mesa, cato uns saquinhos de maionese e ketchup, depois entramos na fila do caixa. Fiz que fiz pra desviar a Picochuca da prateleira de chocolates, e agora está tudo aqui no corredor de pega-trouxa, um paredão de doces e chicletes de cada lado de nós, a menina revirando os olhos. Eu conheço a Corinha, lá vai ela pegar o mais caro, um M&M's que vem com o boneco, uma bola verde com dois olhos vidrados e galochas brancas. Compra este?, ela diz, e eu fico em silêncio, pensando que vinte e oito reais é o preço de uma refeição. Eu agora sou uma desempregada, não posso ficar gastando com bobagem. A Picochuca já começa a fazer bico e vou me impacientando também, porque as coisas mudaram, não levo mais no bolso o saco sem fundo de dinheiro da dona Fernanda. É duro, mas eu preciso explicar isso pra Cora. Me agacho e olho com carinho pra

minha menina. Quando a Maju tiver dinheiro, vai te dar esta loja toda. Mas hoje a Maju não tem, falo, e mostro a minha carteira, vazia porque guardei todo o dinheiro no sutiã. O cartão, a espertinha diz, tocando o plástico. Aqui tem bem pouquinho dinheiro. A Maju é pobre, filha. Ela larga o limão. Então me dá só uma balinha? Sinto amor por ela, um amor que atravessa as paredes da loja e sai estrada afora. Uma balinha pra mim e outra pra Bibi? Então nós duas percebemos, cadê a Bibi? Olhamos pras nossas mãos, pra minha bolsa, que abro já sem muita esperança, não lembro de ter colocado a naninha ali. Um desespero toma conta da gente. Dela porque não pode viver sem a naninha, de mim porque isso não é hora de perder coisa, o ônibus está pra sair. Vejo a hora no celular. Temos cinco minutos. Saímos em disparada pela loja e, não sei por quê, agora tudo parece tão diferente, um emaranhado de embalagens coloridas bagunçando a minha cabeça. Ajuda a Maju, onde foi que você largou a Bibi? Ela diz que não sabe, não lembra. Eu percorro com ela todos os cantos, não tá aqui, ali também não. Até que eu lembro do parquinho. A fila do caixa cresceu, não vai dar tempo de pagar e ainda procurar a Bibi lá fora. Largo o pão, arranco as balinhas da mão dela, depois a Maju te dá outras, e saímos da lanchonete. Procuro o ônibus, está lá no meio dos outros, ainda temos três minutos e esse povo sempre atrasa, vai dar tempo, mas temos que correr. Entramos no parquinho. Olho pra todos os lados, não vejo a ovelha. A Cora cruza os braços. Eu não vou embora sem a Bibi. Vai, sim, senão nós vamos perder o ônibus, falo brava, e puxo a mão da Cora. Ela solta a minha mão e se agarra no trepa-trepa, numa barra de metal onde prende os dedos com uma força que nunca vi, não adianta puxar que não vêm, tenho que ir arrancando dedo por dedo, mas é só eu tirar o fura-bolo e o mata-piolho que ela gruda eles de novo, ai que vontade de bater nessa menina. Vamos senão você vai levar uma palmada, grito, e ela chora, nunca me ouviu falar assim

antes, me sinto mal, mas agora não é hora de sentir nada. Me ajoelho pra puxar ela com força, pra arrancar ela pela cintura, e vejo dentro do tubo do escorregador a ovelha. Vou lá e pego a desgraçada. Dou pra Cora, boto as duas no colo e corro com elas até a frente da lanchonete. O ônibus não está mais ali.

Sigo ligando para a minha irmã. Depois de um tempo, ela atende. Diz que falou com a nossa mãe às cinco da tarde, mais ou menos. Foi um papo rápido, porque ela estava carregando o porta-malas para ir para o sítio. Concluimos que Cora e Maju poderiam mesmo ter ido. Isso justificaria a escolha do péssimo horário de partida, hora de trânsito e da saída da escola. De qualquer forma, não temos certeza, e minha irmã, que já pretendia ir para o sítio no dia seguinte, oferece-se para antecipar a viagem e partir na próxima hora, ficando combinado que vai me ligar assim que chegar ao Hard Rock Café.

Conto para o Cacá. Ele diz que vai tomar um banho e deixa o celular comigo, vai que alguém liga. Olho a tela dele, dez e cinco. Penso que está na hora de preparar outro drinque. Enquanto misturo a bebida, escuto uma mensagem da Yara chegando e sinto o rebuliço que senti da primeira vez.

Foi uns dias depois de voltar de Corumbá. Era cedo, eu estava me arrumando para ir ao trabalho quando vi: quer jantar aqui em casa hoje? Sentei na cama, sem saber o que responder. Claro que eu queria, mas não sabia se deveria. Talvez não devesse, estava na cara que ia dar problema. Mas eu não sentia nada parecido fazia muito tempo, e quem se priva do que a vida oferece tão poucas vezes? Respondi e comecei a pensar em coisas práticas, como a situação da minha virilha. Depois peguei a bolsa para sair, mas não consegui chegar até a porta. Cora pendurou-se na minha perna. Quanto mais eu tentava me desvencilhar, mais ela grudava em mim. Incapaz de sair sem

machucá-la, falei que a levaria comigo. Ela se levantou e disse: hoje é o melhor dia da minha vida.

A frase me enterneceu. Talvez por eu já saber o programa que ela faria no melhor dia da vida dela. A depiladora ficava num predinho caído na avenida Angélica. No térreo não havia nada além de um elevador e uma placa indicando a escada. Não sei por que, em tantos anos em que estive ali, sempre subi de escadas. Talvez pela pressa, essa minha companheira constante. Também pela pressa eu tinha me tornado cliente daquele lugar. Ao contrário dos outros, onde era necessário marcar hora, Audrey funcionava quase sem parar, das oito da manhã às oito da noite, dias de semana, sábados e feriados. Uma linha de montagem de mulheres lisas.

Era a primeira vez da Cora naquele lugar. Para quem chegou ao mundo há pouco, qualquer coisa é uma aventura, tanto que ela não achou ruim subir de escadas, pelo contrário, excitou-se com a ideia de escalar de dois em dois degraus. Chegamos à recepção e fomos encaminhadas para uma das baías. Já fui tirando a roupa, deitando na maca. Sara, com seu nome bordado no jaleco, logo entrou segurando uma panela grande. Perguntou onde ia ser. Perna e virilha, respondi, mas não soube detalhar o estilo. Do que gostam as mulheres? Dei uma busca rápida na internet confirmando que nem para isso há consenso, mas algo desbastado, em forma de triângulo, me pareceu uma boa pedida.

Sara girou a colher de pau na panela. Cora pediu para ver o que havia dentro. Sara lhe disse para subir no banco ao lado da maca. Minha filha obedeceu, seus olhos curiosos passeando sobre tudo. Sara passou a cera na minha virilha esquerda, delineando a primeira aresta. Esperou esfriar um pouco e puxou. Dei um urro, era a primeira vez que eu depilava uma ala de pelo tão avançada, quanto mais perto do clitóris, mais sensível é a pele. Ao virar para o lado, com os olhos cheios de lágrimas, encontrei Cora petrificada. Por que ela tá fazendo isso com você,

mamãe? Pra tirar os pelos, falei com a voz embargada, e Sara lhe mostrou o que tinha na mão, uma lasca âmbar recoberta por centenas de pentelhos eriçados, como um inseto anômalo capturado na cera. A fim de minimizar a dor, a depiladora deu uns tapas na região avermelhada. Por que você deixa ela fazer isso, mamãe? Eu não sabia o que responder, por mais que eu me esforçasse didatizando questões culturais, que argumento seria mais eloquente do que o grito que agora vinha de outra baia, fazendo aquele lugar parecer um hospício a serviço de masoquistas do lado de dentro e de sádicos do lado de fora? Enquanto Sara preparava outra colherada, Cora sussurrou: eu vou ter que fazer isso um dia? Disse que não, só se ela quisesse, e isso pareceu tranquilizá-la. Depois que a depiladora espalhou a cera de novo no mesmo lugar, para tirar os pelos que sobraram, Cora pegou na minha mão e falou: vai dar tudo certo, mamãe. Sorri para ela. Depois olhei para o teto, esperando a cera esfriar, pensando no que eu estava me metendo ao aceitar o convite da Yara, porque uma vez que abrimos uma porta, não temos controle do que vem na nossa direção. Eu sabia que aquela segunda aplicação de cera não ia doer tanto, então quando pedi para a Cora repetir, foi um pedido que fiz para a minha epiderme emocional. Fala de novo, filha? Vai dar tudo certo, mamãe.

Eu custo um pouco pra acreditar que isso é verdade, as coisas ruins são assim, demoram um tanto pra assentar na cabeça. Olho pra lá e pra cá pensando se o ônibus não mudou de vaga, se não está manobrando no estacionamento, mas claro que não, o ônibus fez o que tinha que fazer, pegar a estrada no horário marcado, ninguém tem culpa se você foi trouxa, Maju. E daí vem o pior, me dou conta de que a mala ficou lá. Tenho vontade de chorar pensando em cada coisa, nas mudas de roupa da Cora, como a menina vai ficar sem ter o que vestir, sem uma calcinha limpa? Eu sem uma escova pra ajeitar a piaçava? Os garfinhos de plástico, os saquinhos de sal e açúcar, tudo isso eu arranjo por aí, mas o livro da Nora... nunca vou saber no que deu a paixão da Rosalind. E o que mais me desespera nem é isso, é a imagem da Nega que ficou no meio das páginas, mas pelo menos os documentos e o dinheiro estão comigo. Aliso o sutiã e sinto as notas, talvez eu não seja tão trouxa assim, mas de qualquer jeito sinto vontade de chorar. Quando penso que não tenho mais nada neste mundo a não ser uma bolsa, tenho vontade de despencar ali mesmo, na vaga vazia do ônibus onde eu e a Picochuca estamos paradas, e só não me agacho e começo a ganir porque não posso me dar a esse luxo, preciso resolver a situação. Cadê nosso ônibus, Maju? Foi embora, mas já vamos dar um jeito, digo, tentando não passar o meu nervosismo pra ela.

Olho pra porta da lanchonete. Vejo um homem de uniforme, deve ser algum caixa no intervalo do serviço ou o vigia, se

bobear já estava ali desde sempre e eu nem reparei. Antes de ir falar com ele, digo pra Cora não abrir a boca, tenho medo que ela fale da mãe, que dê motivo pra alguma desconfiança. Depois ajeito meus cabelos e vamos até lá, boa tarde, o senhor pode me ajudar? O homem é simpático, quase dá um sorriso. Eu conto a situação pra ele. Ele me fala que essa companhia tem feito isso, deixar passageiro pra trás, os motoristas levam gancho se chegam depois da hora no destino. Conto pra ele da bagagem. Meus olhos águam, eu me seguro de novo. Ele diz pra eu ficar tranquila que a bagagem eles guardam. Eu duvido um pouco, do jeito que tem perebento em rodoviária, alguém vai passar a mão. Mas o que quero mesmo saber é como faço pra chegar em Presidente Prudente. Boa pergunta, o homem diz, e coça a cabeça. Depois fala que tem um ônibus da Cometa que passa mais tarde indo pra lá, mas é outra viação, eles não vão me deixar embarcar. Tem um da Garcia que vai pra Maringá, fala pra eu explicar a situação para o motorista, ele vai me deixar subir. De Maringá já é meio caminho andado, só comprar a passagem na rodoviária mesmo e seguir mais um pouco pra Presidente. Eu acho a ideia boa, pergunto que horas passa o ônibus. Ele diz que não sabe ao certo, ali passam mais de vinte coletivos por dia, mas sabe que é mais para o fim da tarde.

Faço meus cálculos, botando uma boa margem de erro. Temos meia hora pra ir no banheiro e na lanchonete. Depois quero ficar de pé na frente do estacionamento esperando o ônibus parar. Me abaixo, conto pra Ana o que vamos fazer. Depois vamos para o toailete. Enquanto seguro a Picochuca para o popô não tocar na privada, penso na Nega. Se eu seguro a Cora, é a Nossa Senhora que me segura. Não posso sem ela. Lavo bem as nossas mãos e entro na lanchonete, vou até uma prateleira que já tinha visto, entre a gôndola de doces e de revistas. Lá estão dezenas de imagens sagradas, um poleiro divino, posto de estrada sabe o que é importante pras pessoas:

comida, bebida, proteção. Olho imagem por imagem, o são Francisco está barato, bem mais barato do que a Nossa Senhora Aparecida, talvez porque tenham levado o voto de pobreza dele até as últimas consequências, ô imagem miserável, uma tora de argila mal esculpida, não se deram nem ao trabalho de fazer os cinco dedos do pé, riscaram só dois, mais parece uma pata de porco. Não quero nem de graça, coisa feia do capeta, capaz de dar mau agouro. Pego a imagem do são Jorge, olho o preço, também está mais barato do que a Nega, e não tão tosco quanto o barro de Assis. A Cora olha o cavaleiro com a espada e diz: esse não, tenho medo de dragão. Esticando-se na ponta dos pés, aponta pra uma Nossa Senhora com o Menino Jesus. Pega essa boneca aqui, Maju. Essa já vem com o bebezinho. Gosto da sugestão, em termos de proteção é bom negócio, pagar um e levar dois. E que dois, os patrões da coisa toda. Mas oitenta reais não dá, Picochuca. Então pega essa, por favor, pega essa, ela diz, apontando pra Nossa Senhora de Fátima com três pastores e uma ovelhinha. A imagem é mesmo linda, cabe na minha bolsa e o preço está bom, mas de repente começo a pensar o que a Nossa Senhora Aparecida vai achar disso. Você reza a vida inteira pra uma certa Nossa Senhora, já tem aquele canal aberto, como se fosse uma amiga que você nem precisa explicar as coisas, diz o desgraçado e ela já sabe quem é, fala daquele medo e ela já sabe do que se trata, e de repente, além de perder toda essa intimidade, você vira a cara pra tua companheira. E tudo isso por causa de vinte reais de diferença. Não pega bem. E outra, não é à toa que sou fiel à Nega. Sabe essa aqui?, digo, mostrando a Nossa Senhora Aparecida pra Cora. Essa aqui é fogo na roupa. Já apareceu até em rede de pescador. Eles não estavam conseguindo pescar nada. Depois que ela deu o ar da graça, pegaram tanto peixe que nem cabia na embarcação. Então leva essa, Maju. Eu ainda fico em dúvida, assim que puder vou ter que comprar roupas pra mim e pra Cora. Olho de novo o

preço da Nega, a etiqueta na parte de trás do manto. A Picochuca observa. Depois me puxa pra baixo, olha nos meus olhos. Quando a Cora tiver dinheiro, vai te dar todas essas bonecas, diz, apontando o dedo pra santarada. Eu sinto aquele amor de novo, saindo de mim e passando por ela e voltando pra mim. E o amor me dá coragem. Penso que logo arrumo um emprego, que sempre me virei, que não tenho nada que temer, e pego a imagem da Nega. Depois vou atrás de um pacote de pão, uma garrafa de água e de suco. Antes de passar no caixa, ainda me encosto numa das mesinhas como quem não quer nada, vou juntando guardanapos, açúcar, mais saquinhos de maionese e ketchup. Em seguida passamos pelo corredor de pega-trouxa, deixo Cora pegar uma bala, pagamos a conta. Sentamos num banco em frente às vagas de ônibus, sei que são de ônibus porque o nosso parou ali, além disso são compridas, retângulos pintados com tinta amarela no cimento escuro. Pergunto se Cora está com fome. Ela diz que sim. Maionese ou ketchup? Os dois, me responde, e passo os molhos no pão com a pazinha de mexer bebida que também peguei lá dentro. Mastigo minha fatia e a Ana a dela, é tão bom fazer alguma coisa junto em silêncio, e silêncio é o que não falta em Santa Cruz do Rio Pardo, não tem um ônibus estacionando, uma vivalma andando por aqui.

E agora, o que vamos fazer?, ela pergunta assim que acaba o sanduíche. É um problema de todas as crianças dessa época, achar que tem que ficar fazendo alguma coisa o tempo inteiro, como se estar aqui vivendo já não fosse uma ocupação. Eu já contei pra ela, quando era criança ficava no terreiro de casa o dia todo sem fazer nada, uma minhoca passando era um acontecimento. Agora não, a criança precisa de fogos de artifício pra achar a vida interessante, e lá vai a mãe correr atrás de foguete. Eu não quero esse trabalho pra mim, já vou logo dizendo pra Ana parar de besteira, que olhe a vida passando, o pardalzinho ali se equilibrando na placa do posto. Ela olha, corre

até ele, o bicho voa. Ela volta correndo. E agora, o que vamos fazer? Não digo nada. Ela pede o celular e acabo dando, fazia tempo que não pedia. Ficamos ali juntas, aninhadas, eu fungando sua cabecinha ainda com cheiro de bebê, ela assistindo ao desenho, não sei por quanto tempo. O Cometa que vai pra Presidente aparece, outros ônibus aparecem, eu desde longe tentando ler o letreiro, Apucarana, Marília, Penápolis. O vigia que não era vigia, porque sumiu da frente da lanchonete, estava certo com relação ao horário. O sol já está descendo quando o ônibus que vai pra Maringá aparece. Eu vejo as letronas de longe e já me levanto.

A figura do motorista me anima. A barriga desce do ônibus antes dele, pança rotunda, o que deve comer de costela esse homem, o que deve dar de prejuízo pra churrascaria, e quem come desse jeito não pode ser amargo. Ele se alonga, estica os braços, estala os dedos. Os passageiros vão descendo. Eu digo pra Cora não abrir a boca e nos aproximamos. Desculpe incomodar, seu... Josias, falo, lendo o nome no crachá. Conto a situação, mostro o canhoto das passagens pra ele ter certeza de que não estamos de sem-vergonhice. Ele diz que me deixaria embarcar... se tivesse assento. Véspera de feriado no convencional é complicado, o ônibus está sempre cheio. Se não tem uma poltrona vaga, imagine duas, que é do que vocês precisam. Eu digo que não precisamos, que boto a menina no colo. Ou boto sentada e vou de pé. Ele diz que se autorizar isso e for parado, perde a carteira e depois o emprego. Não sei o que dizer, olho para o calçado dele, todo engraxado, reluzente. Penso que se eu e a Cora ficamos pra trás, talvez alguns passageiros desses ônibus também fiquem, podemos esperar a contagem pra ver se enche? Diz que sim, mas vai ser difícil ele abandonar alguém, não é irresponsável como o motorista que nos trouxe, era o Solano?, me pergunta, e não sei dizer. Depois fala pra

gente esperar, às vezes calha de algum passageiro ficar na parada por vontade própria.

Esperamos. Eu contando as pessoas que voltam para o ônibus. Não sei pra quê, não faço ideia de quantas poltronas tem naquele toco duro, nem de quantos passageiros já estão sentados lá dentro. Quando já entrou uma pá de gente, o motorista olha o relógio e embarca. Eu vejo ele através do vidro fumê, avançando pelo corredor, olhando pras poltronas de um lado, do outro. Finalmente sai de lá e grita: Maringá, última chamada. Eu aperto a imagem da Nega dentro da bolsa. Uma mulher aparece correndo, segurando um daqueles pés de moleque que parecem uma pata de elefante. A gulosa entra e o motorista fala pra mim que lotou. Eu ainda tento. Vou abaixada, ninguém vai me ver. Ele não fala nada, mas me olha com pena. Aproveito a esmola do olhar. Que eu faço agora? Ele pensa um pouco. Diz que à noite passa um ônibus pra Presidente Venceslau, serviria bem, Presidente Prudente fica no caminho. Mas acha que eu não posso correr o risco de tentar outro lotado, preciso comprar a passagem na internet. Mostro meu celular pra ele, está sem bateria. Parece que ele lê meu pensamento, porque não insiste. Diz que o melhor é eu ir até o centro de Santa Cruz. Fica pertinho, uns vinte minutos caminhando pela beira da estrada. Chegando lá, é só ir numa casa lotérica e comprar as passagens.

Achei curioso o horário marcado, sete da noite, meio cedo para os padrões brasileiros. Também achei curioso o lugar. Em São Paulo as pessoas costumam preferir a segurança de um apartamento ou de uma casa de vila, e a dela nem sequer se escondia atrás de um muro, ficava atrás de um portão frágil tomado por hera. Toquei a campainha. Yara apareceu e me deu um beijo no rosto.

Entramos. O interior tinha pouquíssima mobília, apenas um sofá antigo, com o tecido meio gasto, uma tevê e um baú que ficava entre o sofá e a tela, fazendo as vezes de mesa de centro. Fora isso, só plantas, em diversos tipos de vaso. É o que dá pra ter quando você não mora muito tempo em nenhum lugar, Yara disse. E apontando para o baú: tudo que tenho tá aí dentro. Sério?, falei, pensando na extensão do meu closet. Ela balançou a cabeça. Pensei que você morasse num apart-hotel. Faria mais sentido, mas aí eu não poderia ter todas essas plantas. Nem ter o Paul e o Lennon, falou, apontando para um aquário, na passagem entre a sala e a cozinha. Quem não pode ter cachorro, se vira com peixe-beta, concluiu, me mostrando de perto os Beatles aquáticos, enquanto eu pensava que nem de peixe eu conseguia cuidar. Quando tinha dezoito anos ganhei um que matei de inanição depois de esquecer da ração por sei lá quantos dias, mas claro que não contei isso para ela, não ia pagar de insensível, ainda mais com relação à natureza, tanto que falei: adoro peixes, em seguida torcendo para que ela não perguntasse quais, porque teria que dizer: o linguado e o bacalhau à Gomes

de Sá. Esses são seus Beatles preferidos?, disse, desviando o assunto. Eram os meus preferidos, hoje sou mais o George, mas Paul e Lennon foram meus primeiros peixes, um casal de tetras que tive que abandonar em Miami quando eu e meu pai nos mudamos pra Tasmânia. Desde então batizo todos os meus peixes com o nome dos dois primeiros, como uma forma de homenagem, disse, e ficou olhando para o aquário. Depois continuou: se bem que de um tempo pra cá tenho pensado que batizo assim pra ter a sensação de que nunca larguei peixe nenhum, de que dentro desses dois estão todos os outros. Que carma para os coitados, falei. E demos risada. Depois seguimos em frente, entramos na cozinha.

Ela puxou uma banquetta para mim. E se posicionando do outro lado do balcão, falou: quer beber o quê? Perguntei se tinha algum destilado. Disse que seu bar estava mais para boteco, o único destilado que tinha era uma garrafa de 51 esquecida ali pela Herta, mas tinha cerveja gelada e um vinho ótimo que trouxe da sua última viagem, será que servia? Aceitei o vinho, tomando um gole para descontrair, para deixar de ser a garotinha de quinze anos que eu havia subitamente me tornado, olhando para os peitos sem sutiã que se insinuavam através da camiseta. Me dei conta de que não ficava fissurada em seios desde os dois meses de idade, e pensando nisso, virei quase toda a taça de vinho. Ela parecia bem mais tranquila do que eu, esmigalhando numa mesma tábua um montinho de maconha e outro de hortelã, enquanto me perguntava se eu gostava de cordeiro. Ia fazer um koshari, um prato egípcio que combinava muito bem com essa carne.

Logo ofereceu o baseado para mim: tem certeza de que não quer? Falei que não e expliquei o porquê, ainda teria a minha *call* da noite pela frente, podia até falar com o Matthew meio bêbado mas não chapada. Se bem que já tinha falado com ele de tudo que era jeito. Inclusive — só contei isso porque o vinho me

desinibiu — costumava fazer as *calls* no banheiro, sentada na privada, aguardando simultaneamente a entrega de trabalhos do meu pior subalterno: o intestino. Yara deu risada. Você fala cagando com o seu chefe de Los Angeles? Cagando não. Tentando cagar. E dessa vez rimos juntas, eu pensando que meu constrangimento havia desaparecido não só por causa do vinho, mas também porque a minha anfitriã estava tão à vontade que acabara por me deixar à vontade. E pra que esse despacho coletivo?, perguntou. Pra ganhar tempo. Tempo pra quê? Não soube responder, nem assistir a séries eu andava conseguindo, era Agnes, a minha braço direito, que fazia isso por mim. Minha pressa era para ter mais tempo para afundar na banheira onde eu relaxava para evitar a insônia e a ingestão de mais um Rivotril. Mas tudo isso eu apenas pensei, enquanto Yara vinha para o meu lado do balcão, parando pertinho de mim e dizendo: sei como é difícil a vida de produtor executivo, te admiro por fazer isso. Depois me beijou. Segurou minha cintura e passou a mão com suavidade no meu peito. Fiquei molhada a ponto de pensar que deveria usar fraldas geriátricas num próximo encontro.

Yara voltou para a panela, que começava a borbulhar. Baixou o fogo. Em seguida pôs-se a ajeitar os pedaços de cordeiro numa assadeira, encaixando os ossos de um lado e de outro, me fazendo pensar na complexidade de um ser humano que ama os animais mas que também gosta de estraçalhá-los entre os dentes. Enquanto ela foi pegar alecrim em algum vaso, lembrei do baú, imaginando o que deveria ter lá dentro, como essa seria uma forma eficiente de conhecermos as pessoas: através dos seus baús, da seleta lista de itens imprescindíveis em suas vidas. Veríamos o baú do outro e vice-versa, os objetos proporcionando a descoberta simultânea que nenhum diálogo proporciona, pois ao contrário do que acontece numa conversa, ninguém teria tempo de improvisar afinidades com base no que foi entregue previamente pelo outro. E o que eu encontraria no baú da Yara?

Pensei em câmera, lentes, postais, canivete, quem sabe uma bússola. E no meu baú, o que ela iria encontrar? Uma garrafa de gim, uma caixa de Rivotril, um saco de fibras solúveis, um notebook, um massageador cervical. Puta que pariu, já fui melhor do que isso, pensei. E com essa cara de dona de baú de executiva bunda-mole de classe A/B, vi Yara se aproximar com o alecrim. Espalhou na assadeira. Colocou tudo no forno. Íamos nos beijar de novo quando meu telefone tocou. Era Agnes querendo discutir uma compra de direitos de imagem.

Quando desliguei, Yara estava pondo a mesa. Ajudei-a, levando as taças, outra garrafa de vinho e o saca-rolhas. Ela deu uma espiada no cordeiro, disse que já estava bom, perguntou se podia servir. Costumava acordar com o sol, e àquela hora já estava faminta. Falei que sim, que também estava com fome, me tocando que havia passado o dia quase sem comer, ansiosa pelo nosso encontro. Sentamos. Provei a comida. Disse que estava maravilhoso, mesmo não estando lá essas coisas.

Ela me contou que aprendeu a cozinhar por necessidade, não tem delivery em habitat de jacaré. E também porque sempre foi um jeito de levar alguma coisa dos lugares por onde passou, não podia carregar a panela de barro dos beduínos, mas podia carregar a receita. Comentei que andava doida para viajar para algum lugarzinho ermo. Desde que Cora tinha nascido eu só ia a países colonizados pelo Starbucks. Ela perguntou por quê. Tive que pensar para responder. Talvez o problema não fosse o destino em si, se crianças sobrevivem comendo pimenta no México ou coliformes na Índia, por que a minha não sobreviveria? A questão era a dificuldade que eu estava tendo para acomodar a Cora na minha vida. Com uma honestidade que novamente me surpreendeu, contei para Yara como eu estava apanhando no cargo de mãe. Que para mim era muito mais fácil aguentar os desmandos de São Pedro numa filmagem ao ar livre do que os desmandos de uma criança num momento de birra. Não é só

deixar chorar?, perguntou. Não faço a menor ideia, falei, e demos risada. Depois disse que estava brincando, que sabia o que fazer, só me faltava paciência. Ela me contou que também não era das mais calmas, mas aprendeu a ter paciência com o pai, que por sua vez aprendeu com a natureza. Me contou que uma vez ficaram três horas e vinte minutos cronometrando o intervalo de respiração de um papo-amarelo. Eu falei que estava feliz em ter achado uma monja como ela para fazer a série. Que tinha visto o primeiro corte do episódio e achado ótimo, que tinha amado o trabalho dela e da Herta. Ficou bom mesmo, ela disse. E em seguida passou seu pé descalço e cascudo na minha perna. Senti um arrepio, a máquina toda entrando em funcionamento de novo, como aprendi num documentário que fizemos, a testosterona me dando tesão, a adrenalina fazendo meu coração disparar, a dopamina me fazendo perder qualquer traço de inibição e tirar o meu sapato, botando minhas cinco lombrigas táteis para escalar a panturrilha dela. Quando vi, estávamos de pé, eu apoiada na mesa, ela beijando a minha boca, depois descendo a língua pelo meu pescoço. Meu celular tocou de novo. Comecei a conversar com o Matthew, mas ela não se afastou. Continuou onde estava, acariciando a minha barriga. Meu papo com ele era importante, eu não podia me desconcentrar. Me afastei dela, fui recuando até encostar na parede, mas ela veio junto, sua língua no cóis da minha calça, seus dedos abrindo o botão. Para com isso, disse para ela, ouvindo um *what?* confuso do outro lado da linha, seguido de preocupações com uma série que estava em produção, o Matthew na cantilena e a língua bandeirante a desbravar a floresta, ele me contando de um problema de casting e eu lembrando da depilação, tava boa aquela depilação?, e em seguida não pensando em mais nada, só dizendo yes para tudo que ele falava, e a cada yes que eu dizia, ela me chupava com mais vontade. Desencana, Yara, nunca gozo com sexo oral,

cheguei a suplicar, mas ela ignorou e seguiu em frente e em torno, até que de repente, enquanto o Matthew falava sobre o câncer que iria afastar um ator da série, eu gozei. Gozei de pé com sexo oral ouvindo meu chefe falar sobre um câncer fulminante de bexiga. Tive vontade de me ajoelhar e condecorar a Yara com uma medalha de pelos pubianos, mas claro que continuei na linha, entrando numa frequência de bem-estar que me fez até pensar no estado emocional do ator com câncer, e não só no prejuízo que ele nos daria.

Assim que desliguei, olhei para ela e balancei a cabeça. Não é você que gosta de despachar tudo junto pra ganhar tempo?, me disse. Fiquei com vontade de dar uns tapas naquela pessoa que sorria para mim, isso o documentário não explicava, por que temos vontade de apertar, esmagar, matar o objeto do nosso desejo. Peguei-a com força pela cintura, planejando fazer tudo que ela fizera comigo. Fui levantando devagar a sua camiseta, mas o celular tocou mais uma vez. Ignorei a chamada por um tempo, mas a insistência da babá da minha filha acabou vencendo. Maju disse que Cacá tinha esquecido de comprar o presente de aniversário da colega da Cora, a festa era na manhã seguinte, será que ainda dava tempo de eu levar alguma coisa? Falei para Maju que não ia sair atrás de presente àquela hora. Ela disse que a Cora não gostava de chegar nas festinhas de mãos abanando, sentia vergonha. Perguntou se eu não podia parar em alguma banca de revista, comprar qualquer coisa. Tá bom, falei, para me livrar dela, suspirando para Yara, que me encarava com expectativa, e já ia desligar quando Maju prosseguiu, dizendo que o presente não podia ser de qualquer personagem, tinha que ser de menina pequena, alguma coisa com a Peppa, a Hello Kitty... ou não sei mais quem, e nessa hora Yara arrancou o celular da minha mão e o atirou longe. Tá louca?, disse, vendo o aparelho descrever uma parábola luminosa, transformando-se em vaga-lume à medida que

adentrava o jardim escuro, para logo sumir na vegetação. Virei para ela e vi um sorriso crescendo no seu rosto. Enfim livres, disse. E me peguei sorrindo também.

Subimos as escadas de madeira. Davam para o quarto dela. Estava iluminado pela lua, a lua solitária de São Paulo, sem uma constelação que apareça por inteiro para lhe fazer companhia. Mas ainda assim a lua, entrando pela varanda, incidindo sobre o colchão de casal. Ao lado, tinha um holofote de set de filmagem coberto por um papel plástico laranja, mas ela não acendeu, o que achei bom, eu ainda estava um pouco intimidada, porque aquilo tudo era novo para mim, um corpo igual ao meu. Com peitos menores que os meus, com uma virilha que, pasme, Fernanda, nunca tinha visto uma gilete ou uma gota de cera, mas de resto com todos os botões nos mesmos lugares. E, ainda assim, eu não sabia muito bem o que fazer. De repente, estava deitada sobre ela, tocando seu clitóris e pensando quantos dedos eu deveria enfiar lá dentro: um, dois, três? Até que fui percebendo que não deveria pensar em nada, que as coisas iam fluindo, e com uma naturalidade que eu nunca tinha sentido. Com o homem existe o coeficiente indissociável da pressa, ou ao menos da consciência do tempo. Uma hora ele vai gozar, e acabou. Por mais bacana que um homem seja, isso cria uma hierarquia. Entre nós, o tempo nem sequer parecia linear, íamos em círculos, brincando, pegando, gozando, lambendo, mordendo, gozando. Uma hora levantei para ir ao banheiro e me dei conta de que tinha gozado mais naquela noite do que nos últimos meses com o Cacá.

Quando voltei para o quarto, Yara tinha ligado o holofote com o foco para a parede, e o quarto estava mergulhado numa atmosfera cálida. Ela tirou um baseado não sei de onde, acendeu. Dessa vez dei um pega só para não bancar a chata, mas nem quis fumar muito, estava me sentindo tão bem que não queria estragar o momento. Como pasto para ter um pouco de

bem-estar, o tempo todo vivendo em desnível, ansiosa pelo trabalho ou exaurida por ele, faminta ou empanturrada pela gula, sedenta ou transtornada pela bebida, e sempre tão dificilmente em equilíbrio, a plenitude pairando sobre uma navalha sempre prestes a cortá-la ao meio. Mas eu ainda flutuava, envolta pelo braço da Yara.

Meu celular, lembrei só um tempo depois.

Quer eu busque?, perguntou.

Melhor não. A essa hora a única pessoa que pode me ligar é a minha mãe. E a minha mãe só liga pra encher meu saco, pedindo dinheiro, pedindo favor... Talvez eu também não tenha nascido pra ser filha.

Ninguém nasceu pra ser nada.

Frase linda, mas não funciona nem na savana. Você sabe melhor do que eu que até os animais têm suas funções.

Tô falando de expectativa moral.

Como assim?

Tá se achando uma filha ruim? Saiba que o filho da ácaro *Acarophenax* fertiliza as irmãs na barriga da mãe. Depois as irmãs matam a mãe pra saírem lá de dentro.

Nascem todos livres do almoço de domingo.

E mesmo que pudessem se culpar por isso, não se culpariam.

Mais um exemplo.

Algumas aranhas e escorpiãs matam o macho depois da cópula. E a louva-deus não só mata o parceiro, como também come a cabeça dele.

Deus seja louvado.

Você já viu?

Nem em documentário.

A louva-deus segura a cabeça do macho como uma taça e sorve a gelatina que transborda lá de dentro, disse com um vocabulário que chamou a minha atenção, porque apesar de ela ter sido criada em português e morado no Mato Grosso do Sul,

que eu soubesse não usava a língua com tanta frequência. Ia fazer um comentário sobre isso, mas não quis perder o fio da conversa. Mas com os filhos ninguém brinca, falei.

Como não? Você viu o jacaré que eu filmei. Aquele não sei se tava comendo o próprio filhote, mas isso é bem comum. Os leões, que não fazem ideia de que são os reis da selva, que nem sonham ter uma imagem a zelar na Disney, às vezes matam os filhotes pra fêmea voltar logo pro cio, não têm paciência de esperar o período de amamentação pra dar uma cruzadinha.

Tudo isso é pra me convencer de que não existe heroísmo no mundo animal?

Imagina, já desencanei disso, tô fazendo a série do meu jeito, ela disse com uma risada dúbia, que não deixava saber se estava falando sério ou brincando. Eu tô te dando esses exemplos pra você se libertar das suas culpas. Inclusive da sua culpa de estar comigo, porque...

As abelhas de Botsuana corneiam seus machos com outras abelhas.

Abelhas nem copulam, a única que passa por esse martírio é a rainha. Mas alguns peixes mudam de sexo durante a vida... E as macacas bonobos, que eu considero a espécie mais evoluída do planeta, copulam com machos, mas também transam livremente entre si.

Conta mais.

Elas expandem a amplitude do lance. Me toquei que “lance” era uma palavra que ela usava quando não achava outra melhor. Continuou: quando eu tava no meio das bonobos, lá no Congo, vi uma cena interessante. Um grupo de fêmeas chegou debaixo de uma árvore onde havia uma fruta grande, tipo uma jaca, não sei direito, e todas ficaram olhando meio tensas pra cima, na expectativa de quem ia atacar e comer primeiro. Eu tava esperando uma disputa, que elas se pegassem, disse, e parou um pouco, como se vislumbrasse a cena.

E daí?

E daí que elas se pegaram mesmo, só que de outro jeito. Começaram a se esfregar e tocar o clitóris uma da outra. A fazer hoka-hoka, como aprendi com um pesquisador que tava comigo.

Mas peraí, e a jaca?

Elas fizeram isso justamente por causa da jaca. Pra poderem relaxar, reforçar o laço entre elas e comerem juntas a fruta. Elas fazem isso direto em situações de estresse ou competição.

Enfiam o dedo na jaca.

Isso, ela disse, e nos divertimos pensando que o método poderia ser adaptado para empresas. Que, num impasse, a reunião seria interrompida e todos tirariam a roupa por alguns minutos, voltando em seguida mais calmos para resolver a questão.

Ela deu uma risada longa, depois repescou o baseado.

Mas peraí, falei, enquanto ela acendia a ponta. Você percebeu que o mundo animal subverte todas as regras menos uma?

Ela deu um pega.

Todo mundo ferra com todo mundo, os peixes mudam de sexo, as bonobos jogam pro alto a ideia de que o sexo só existe pra reprodução, mas o papel da mãe nunca é subvertido.

Tem mães que matam os próprios filhotes.

Em que situação?

Que eu saiba, só quando não reconhecem os filhotes como seus. Ou quando um é anômalo. Elas preferem alimentar os que têm mais chance de vida.

Ou seja..., eu disse. E depois fiquei em silêncio, sentindo o peso daquilo. Percebi que Yara também sentia, provavelmente pensava na própria mãe, porque seu rosto murchou.

Vem cá, vem, disse para ela. Vem me explicar melhor como é esse hoka-hoka.

Ela me olhou com carinho, veio sorrindo para cima de mim. Ficamos enfiando o dedo na jaca por sei lá quanto tempo. Até

que, novamente exaustas, nos viramos de barriga para cima. Que horas são?, perguntei. Quatro. Comecei a me vestir. Depois descemos e fomos para o jardim, ainda precisávamos achar o meu celular. Yara pegou uma lanterna. Eu estava meio reticente de entrar naquele mato, tinha medo de que alguma rã pulasse na minha perna, mas ela foi me puxando devagar pela mão. Fomos avançando, ela um pouco à frente, o foco de luz revelando o chão: raízes, flores, um balde amarelo. Ergui os olhos para ela e a imaginei mais velha e igual, infantil e eterna nas suas explorações, e pensei que poderia segui-la por muitos jardins.

O celular estava debaixo de algumas folhas. Vivo, para minha sorte. E sem ligações não atendidas. Quando eu já estava indo embora, Yara perguntou quando íamos nos ver de novo, se eu acompanharia a próxima filmagem no Acre. Eu disse que não poderia ir, porque tinha reuniões importantes durante toda aquela semana. Ela sugeriu que eu pegasse um voo na sexta à noite e encontrasse com ela em Rio Branco. Eu não estava querendo sair do circuito Starbucks? Poderíamos passar um fim de semana incrível na Amazônia, hospedadas por seus conhecidos yawanawas. Eu só sorri e balancei a cabeça, sem dar resposta para ela ou sequer para mim.

Quando cheguei em casa, tomei cuidado para não fazer barulho. Mesmo assim, Cora acordou, talvez porque já estivesse com o sono leve. Queria fazer xixi, me pediu para levá-la ao banheiro. Sentei-a na privada, observando seus cílios penderem, os olhos quase fechando. Depois de secá-la, peguei-a no colo e a acomodei na cama. Ela pediu que eu ficasse um pouco no quarto. Sentei sobre o lençol, em meio aos bichos de pelúcia. Puxei sua cabeça para o meu colo, comecei a fazer cafuné. De repente, senti seu nariz fungando alguma coisa. A minha calça, a minha coxa. Ela olhou para mim e disse: você tá com um cheiro diferente, mamãe. Cheiro de Páscoa.

É por essas coisas que eu acredito em Deus. Tem gente que ia dizer que, se perdemos o ônibus, é porque Ele não estava olhando por nós. Mas sempre dá pra pensar de outro jeito. Se pegamos a estrada ainda de dia, é porque Ele está com a gente. Pelo menos espero que esteja, porque vamos levar mais de vinte minutos pra chegar em Santa Cruz, uma criança de quatro anos andando é como um adulto pernetá. Eu tento ter paciência, não é certo estressar a menina, os dois feijõezinhos que caminham ao meu lado nos sapatos de verniz fazendo estalar os pedriscos. Deus também existe na providência da estrada, porque podia ser um percurso estreito no pé de serra, mas não, essa BR corta um descampado, nada de um lado, nada do outro.

Seguimos por alguns minutos sem nenhuma construção à vista, até que alguma coisa aparece. O portão de um castelo, a Cora se anima. E talvez por ser azul, conclui ser de Arendelle. A entrada para o reino de Frozen. Eu mesma não sei o que é aquilo, claro que não estamos em Arendelle, no Beto Carrero ou muito menos na Disney, pobre só tem direito à fantasia durante o sono, mas aquelas três hastes afofadas no formato de uma porta de uns seis ou sete metros de altura lembram mesmo uma entrada, no caso pra lugar nenhum, porque em volta é só mato, e um casebre que agora vejo, uma construçãozinha branca com uma porta no meio. Aquilo é o castelo?, a Ana diz, e aponta desanimada pra construção. Aquilo não é um castelo. Vamos nos aproximando, até que minha vista velha e cansada entende o que são as hastes. São as três escovas que um dia formaram um

lava-rápido de ônibus ou caminhão, imagino pela altura, agora com os fios caindo aos pedaços, tiras azuladas sacudindo ao vento. No chão também vejo umas bombas de combustível abandonadas, jornais voando baixo, a porta do casebre entreaberta, como se estivesse convidando o tatu aqui pra dar uma entrada lá. Resolvo bisolhar, estamos passando por aqui mesmo, qual o problema? Só não podemos demorar muito pra não pegar noite na estrada, falo pra minha companheira, e vou empurrando a porta, que range.

Entro e encontro o que deve ter sido a administração daquela espelunca, e digo espelunca porque, ô gente relaxada, parece que foram embora correndo, deixando tudo para trás. Na parede tem um calendário com um traseiro arreganhado, um relógio parado, uma prateleira com uns frascos empoeirados de óleo lubrificante, eu sei porque o Lauro tinha uma lida com esse Havoline, e lá pelo meio um armário baixo e uma registradora. Eu digo pra Cora não tocar em nada, imagine a quantidade de micróbios, depois abro a gaveta do caixa, vai que deixaram alguma nota pra trás. Claro que não, num incêndio, se alguém tiver que escolher entre pegar uma roupa pra vestir ou uma nota pra levar, certeza que a pessoa sai correndo pelada entre as chamas. Esses não foram diferentes, deixaram tudo pra trás menos o cascalho, a única coisa que consigo arranjar cavoucando na lateral da gaveta é uma moeda de cinquenta. Mas então escuto uma gaveta abrindo, a Cora dizendo: olha o tesouro. Viro pra trás pra dar uma bronca na Picochuca, não disse pra não mexer em nada?, e vejo uma gaveta cheia de pérolas, correntes douradas, pedras coloridas. É uma quantidade grande, vinte, trinta peças, claro que tudo falso, eu aprendi com a Neide, joia de verdade nunca é grande desse jeito, ela mesma só usava coisa miúda pra poder mentir que era ouro. Me agacho pra ver, pego um pingente de coração. A Ana pergunta se pode pôr um anel. Eu limpo, digo pra ela que agora pode, e enquanto ela

se distrai com a esmeralda de feira, penso o que aquelas bijuterias estão fazendo ali, na gaveta de um posto abandonado de beira de estrada. Talvez vendessem aquelas mercadorias, mas não parece, a salinha não tem um mostruário, não parecia vender nada além de óleo, e se não vendiam nem água ou café, por que venderiam coisas de mulher num lugar pra caminhoneiros? Imagino ser de alguma funcionária, mas também é estranho, quem teria tanta coisa e por que deixaria na gaveta do trabalho e não de casa? O anel que a Ana pegou é grande para o seu dedo, ver ela girando a pedra me traz uma lembrança. Eu vejo a Dinalvinha com a mesma idade que eu, uns oito, nove anos, segurando o estojo de maquiagem pra me pintar. Eu lembro do estojo porque eu já estava começando a ler, e enquanto ela passava a sombra, eu tinha que ficar mirando pra baixo, e meu olhar caía bem nos quadrados coloridos, eu tentava entender os nomes escritos embaixo de cada sombra, mas era difícil, devia ser tudo em outra língua. Acho que perguntei se o estojo era da mãe dela, ou não perguntei nada e ela quis me contar, não sei, só sei que enquanto passava sombra verde na minha pálpebra, ela falou que tinha ganhado o estojo de um caminhoneiro que vinha do Paraguai, que se ela subisse na carreta e brincasse de tirar a roupa, ele dava tudo pra ela, e me mostrou um tubo cheio de bolas de chiclete que ele também deu, e perguntou se eu queria um. Talvez eu tenha lembrado tão bem disso porque estava vendo a Cora com uns penduricalhos de mulher adulta na minha frente, e porque quando eu cheguei maquiada em casa, minha vó Brígida me bateu com a cinta, me fez prometer que nunca mais ia usar pintura nem ir na casa da Dinalvinha, e a dor das cintadas foi tanta que nunca mais me maquiei, só fui usar batom de novo com o Lauro, o Doce Veneno. Será que era por isso que tinha uma gaveta cheia de bijuterias ali, para o pessoal do posto pagar as mulheres da estrada, quem sabe as meninas que apareciam? Essa ideia me revira o

estômago e vou tirando tudo da Cora, isso não é coisa de criança, ela faz bico, mas acaba aceitando. Nem eu quero usar essas bijuterias, só que deixar pra trás também não consigo. Vou pegando tudo, depois abro a gaveta de baixo, encontro uma caneta, um saca-rolhas, um bloco de nota fiscal com papel-carbono, meto na bolsa também, nunca se sabe o dia de amanhã. Depois digo: vamos, Picochuca, e sei lá por quê, saímos pela porta de trás, onde vejo uma sujeirada pior ainda, uns pneus velhos misturados com o mato. Escuto um barulho e na hora penso em cobra, pego assustada a Picochuca no colo, mas logo vejo que o ruído vem de uma moita de onde se levantam duas orelhas. Custo um pouco a entender que bicho é aquele, porque a cabeça é de cachorro mas o corpo mais parece o de um potro doente, mais de um metro de altura, as costelas cortando a pele de tanta magreza. É um au-au, Cora diz, e vejo que tem razão, mas ô bicho grande, ô aberração da natureza, em toda a minha vida nunca vi um cachorro desse tamanho, só não saio correndo porque ele está mais pra morte do que pra vida, levanta com fraqueza. A Cora pede pra descer do meu colo, quer agradecer o au-au, nunca vi menina pra gostar tanto de cachorro, mas não deixo, apesar desse infeliz não ter força nem pra coçar uma pereba, ainda tenho um pouco de medo dele, de alguma coisa da ordem do sinistro que não sei explicar direito. Ou talvez saiba, porque já pensei nisso antes, no tanto de medo que só as coisas pequenas me dão. Com o exagerado não me assusto, trabalhei numa casa em que o filho da patroa adorava filmes de terror, assisti sei lá quantos, ele se apavorava com aquele boneco indecente, o Chucky. A minha vó também tinha medo dessas bobagens, de espíritos voando debaixo de lençóis. Eu não, o que sempre me assustou foram as estranhezas miúdas, porque acho que assim como Deus está nas pequenas coisas, o diabo também está. Eu ouvia o tinoso nas badaladas de uma igreja perto da casa da dona Tarsila. O sino badalava treze vezes

à meia-noite. Eu cheguei a perguntar na paróquia: que que tá acontecendo com esse sino?, e o padre me disse que nada, que eu estava enganada na minha reclamação, mas passei a anotar, eu esperava acordada, ouvia o sino e ia riscando num papelzinho, eram sempre treze badaladas noturnas. Outra vez que avistei o rabo do chifrudo foi quando tive uma noite de insônia e fiquei no Facebook, vi uma empregada do bairro publicando fotos. Ela começou à uma da manhã, colocando retratos dela sorrindo em diversos tipos de lugar, aquela bobajada de rede social, a questão é que ela não parou mais de postar, pelos meus cálculos foram mais de cinquenta fotos, uma atrás da outra até o sol raiar, e a partir de uma hora o que eu via não era mais felicidade naquele sorriso, era loucura, aquelas imagens todas tentando gritar alguma coisa pra gente. E agora esse cachorro do tamanho de um potro, essa besta estranha, o tinioso não é trouxa de criar um emissário com olhos vermelhos ou cabeça de fogo, o cão vem disfarçado de normal pra perto de mim, com cara de pidão, cheirando a minha calça. A Ana diz: vamos pegar esse au-au pra gente, Maju? Digo que não dá, esse é graúdo demais, e penso: calma, mulher, talvez seja só isso mesmo, um cachorro grande, um infeliz que foi abandonado por um funcionário do posto e está até hoje esperando o dono voltar, tanto que vou lá dentro de novo pra ver desde quando ele deve estar aqui sem viva alma que lhe dê de comer. Aproximo os olhos da folha de calendário e vejo a data, 23 de dezembro de 1998. Agora não é só o cachorro que me assusta, como pode tudo aqui estar tão intacto há mais de vinte anos?

Ajeito a Picochuca no colo e vou me afastando rápido daquele lugar. O cachorro vem atrás e eu digo: vade-retro, mas ele não desiste, tenho que jogar uma fatia de pão lá longe para o piduncho largar do meu pé. Ele se manda e ponho Cora no chão, não aguentava mais carregar a menina, vamos, Ana, vamos andando, e caminhamos por uns dez minutos, até que ela

começa a reclamar que o sapato está machucando. No começo não dou muita bola, acho que é da boca pra fora, mas logo ela reclama de novo e para de caminhar. Tenho vontade de dar umas palmadas em mim mesma, ô mulher burra, fui botar um calçado novo pra menina viajar bem-arrumada e nem pensei que podia machucar. Talvez não tenha pensado porque nunca imaginei que andaríamos tanto e porque tinha outros pares pra ela na mala, mas agora não tenho nada, nem um bandeide pra pôr no calcanhar, que está rosado, quase em carne viva. Acalcanho o sapato pra não ficar roçando na pele, mas ela não consegue andar desse jeito. O sapato escapa do pé, tenho que calçar de novo. Ela reclama. Abro a bolsa e pego um saquinho de açúcar. Rasgo e digo: chupa, Ana, vem andando com a Maju e chupando o saquinho, quem sabe assim ela se acalma ou para de prestar atenção na dor, mas não tem jeito, ela dá uns passos e começa a chorar, tá doendo muito. Eu penso em levar no colo, mas não vou aguentar, não tem nem sinal de cidade pela frente. Sentamos ali mesmo, eu torcendo pra passar um ônibus de linha, nunca teria coragem de pegar uma carona. Ficamos assim por uns minutos, a Cora choramingando, eu olhando o sol se depositar feito uma moeda brilhosa no horizonte.

De repente, ela me cutuca. Aponta pra um luminoso de neon e diz: eu quero milho. O luminoso está uns metros mais adiante, aperto a vista pra ver. É um milho mesmo, e em cima do milho tem um coração que também pisca e umas letras grandes, Motel Espigão. Eu digo que lá não tem milho. Ela diz que tem sim, ela está vendo. Explico que não é um lugar pra comer, é um lugar pra fazer outra coisa. Ela fala que na sorveteria perto de casa tem desenho de sorvete e dentro tem sorvete, então lá vai ter milho. Falo que aquele é um lugar pra namorar, olha lá o coração, mas ela segue teimando e começa a chorar, quero milho, quero milho, e eu procuro o que mais dizer, como explicar que aquilo não é uma espiga? Quer dizer, até é. Benza Deus,

que espigão. Penso em falar que os namorados vão lá pra pôr uma semente dentro da namorada, os homens põem na barriga da mulher um grão de milho, mas nem é verdade, esses homens de hoje só servem espiga embalada que eu sei, e isso também não é assunto pra um anjo dessa idade, então só tento acalmar, pega aqui a tua naninha, Picochuca, mas ela segue chorando, reclamando do pé, repetindo: quero milho. Me pergunto por que não ir até lá, mostrar pra ela que não tem comida nenhuma e quem sabe pedir ajuda pra chamar um táxi, pra dar um jeito de chegar logo nessa desgraça de Santa Cruz.

Pego a Picochuca no colo, olho para os lados e atravesso correndo a estrada. É estranho como de repente já é noite, parece que pra lá da rodovia o mundo é outro, agora com estrelas em volta do milho, o coração de neon feito uma amígdala na garganta do céu. Vamos chegando cada vez mais perto, já consigo ver direito o pulgueiro, ô gente relaxada que não presta nem pra podar o jardim, ou vai ver acham bom esconder atrás dessa matarada toda os carros que chegam. Eu fico meio sem jeito, porque nunca entrei num lugar desses, uma vez eu e o Lauro até tentamos ir num motel, mas era Dia dos Namorados, a fila estava enorme, quando chegou a nossa vez só tinha as suítes mais caras, não tivemos coragem de gastar tanto pra fazer amor. E se aprendi alguma coisa naquele dia, foi que ninguém chega a pé num Espigão da vida, e muito menos uma senhora com uma criança.

Passamos pela entrada, paramos na cabine. A moça não percebe a nossa chegada, está virada para o computador, deve estar acostumada a só prestar atenção em barulho de carro, se assusta quando bato no vidro. E se assusta mais ainda quando olha pra mim, pra menina que trago comigo. Com a mão que está livre, ajeito a piaçava e vou logo me explicando, perdemos o ônibus, será que ela sabe quando passa um de linha para o centro de Santa Cruz do Rio Pardo? Ela diz que mora para o

outro lado e vem trabalhar de moto, não faz a menor ideia. Pergunto se ela não pode chamar um táxi, ela diz que pode, que tem um ponto na cidade, per aí que vou achar o telefone. Enquanto isso, ponho a Picochuca no chão, dou uma bisolhada lá dentro, ela ligando com umas unhas vermelhas. Ela tenta algumas vezes, eu sou testemunha, faz bolas com o chiclete enquanto espera alguém atender. Depois diz: não tem ninguém no ponto. Eu pergunto se a gente pode esperar um pouco, se ela pode tentar de novo mais tarde. Ela diz que infelizmente não dá, que a direção do motel proíbe qualquer pessoa de ficar ali na frente, já teve funcionária que foi demitida por receber durante três minutos uma vendedora da Avon. Pergunto se posso carregar meu celular, ela diz que não, se não podem dar conversa pra ninguém, imagina trazer coisa dos outros pra dentro. A Cora puxa minha blusa. Maju, por que tão demorando tanto pra dar o milho? Aqui não tem milho, digo meio irritada, e a Picochuca começa a chorar. Eu não sei o que fazer. Como se não bastasse, um carro chega bem nessa hora, e não sei se pra ajudar ou pra se livrar da gente, a moça dá uma sugestão, por que a senhora não pega uma suíte, descansa um pouco, carrega o celular, dá de comer pra menina? Eu sou pobre, fia, quase digo pra ela, mas antes resolvo olhar os preços na plaquinha ao meu lado. Não é caro que nem o motel de São Paulo, talvez seja mesmo uma saída.

Fico meio confusa porque o pulgueiro da paixão chama todas as suítes com nome de flor, mas o preço não tem nada a ver com a planta, prego o olho na Margarida achando que é a mais barata, mas não, parece que a Orquídea e a Rosa Colombiana estão mais em conta, a moça vê que eu me bato e fala que as duas últimas não têm hidromassagem mas são muito boas, e a Orquídea até tem uma banheira simples, é o melhor custo-benefício, a mais pedida. Eu nem posso analisar direito, porque o alarido segue firme, eu quero milho com salzinho, eu quero milho

com manteiga, o motorista do carro estica a cabeça pra fora intrigado com a gente, a funcionária do motel fica nervosa, a senhora tem que resolver logo, capaz de denunciarem a gente por pedofilia. Peço a suíte Orquídea. A moça me passa a chave pela gaveta da cabine. Eu digo: vamos, Ana, e avançamos pra dentro do motel de mãos dadas, nosso caminho iluminado pelos faróis do carro atrás da gente.

Estava tomando café da manhã com a Cora quando o telefone tocou. Era Anthony, produtor executivo do nosso canal em Londres. Me disse que estavam fazendo um programa sobre epidemias e souberam que a febre amarela voltara a atacar no Brasil, será que eu não poderia captar algumas imagens para eles? Dei a única resposta que podia e desliguei. O pedido londrino me despertou para uma questão doméstica. Chamei a Maju, perguntei a ela se Cora tinha tomado a vacina. Disse que não, tinha tentado dar no posto de saúde e na clínica particular, mas as vacinas estavam esgotadas em todos os lugares, ela já tinha me avisado disso. Eu não lembrava, devia estar com a cabeça no trabalho ou nas dobras da Yara. Por que não avisou o Cacá? Porque ele já tava no Rio, falou, e fiquei irritada com o meu marido e sua preguiça totêmica. Morava em São Paulo fazia quase vinte anos e ainda não havia se dignado a arranjar médicos aqui, voltava a sua cidade natal até para resolver unha encravada. E além disso naquele momento tínhamos um problema, porque a minha ilha de edição já começava a funcionar, organizando as cenas de um trailer catastrófico.

CENA 1 — CASA — NOITE

Mãe chega e encontra filha deitada no sofá. A menina está amarelada, suando. A mãe tira a temperatura. Olha assustada o termômetro.

CENA 2 — HOSPITAL — NOITE

A menina está numa maca, ainda mais amarela, ainda mais abatida. O médico olha para os pais e sacode a cabeça com expressão de pesar.

CENA 3 — CEMITÉRIO — DIA

A menina está dentro de um caixão branco. As pessoas vão passando em fila para vê-la. A avó materna chora, depois aproxima-se da mãe e em vez de abraçá-la, desfere-lhe um tapa na cara. A avó paterna faz a mesma coisa.

Aprendi num dos nossos documentários que o cérebro não distingue uma situação imaginada de uma vivida. Portanto, toda mãe já viveu a morte do filho e a dor consequente, em pesadelos ou devaneios diurnos, por segundos, minutos, quiçá horas. O que torna a vida suportável é a mescla de projeções boas e ruins que fazemos, um relativo equilíbrio.

Ainda sentada à mesa, lembrei de uma parlenda que havia sido transformada em cantiga. Ouvimos num teatro quando Cora tinha seis meses, o palco repleto de violões, xilofones e vozes, a banda tocando para uma plateia de mães de primeira ou segunda viagem, todas levantando seus bebês para bater palminhas ao som da letra que começava:

Eram dez, os sacizinhos.

*Um ficou imóvel e nunca mais se moveu,
e sobraram nove.*

Eram nove, os sacizinhos.

*Um comeu biscoito, o biscoito estava velho,
e sobraram oito.*

Eram oito, os sacizinhos.

*Um foi de charrete, a charrete emborcou,
e sobraram sete.*

*Eram sete, os sacizinhos.
Um foi contra as leis e teve que fugir,
e sobraram seis.
Eram seis, os sacizinhos.
Um colocou um brinco, estava enferrujado,
e sobraram cinco.
Eram cinco, os sacizinhos.
Um foi ao teatro, o teatro pegou fogo,
e sobraram quatro.
Eram quatro, os sacizinhos.
Um foi pro xadrez e não conseguiu se safar,
e sobraram três.
Eram três, os sacizinhos.
Um comeu arroz, o arroz estava mofado,
e sobraram dois.
Eram dois, os sacizinhos.
Um ficou de jejum, o jejum foi demasiado,
e sobrou um.
Sobrou um só sacizinho.
Comeu urucum, urucum não é comida,
e não sobrou nenhum.*

Que letra otimista, pensei na ocasião, olhando para o lado e percebendo o mesmo desconforto que eu sentia nas outras mães, todas investigando as tarraxas dos brincos, conferindo se havia saída de emergência no teatro em caso de incêndio, e batendo palmas. Viva, oba, muitas palmas, porque nessa fase a mãe acredita que até seu desânimo pode vitimar uma criança.

Desde esse dia, toda vez que eu sentia medo, criava algum verso cretino para espairer. Naquela sexta-feira, cantarolei:

Eram nove, os sacizinhos.

*Um não tomou vacina porque sua mãe só pensava em molhar o biscoito,
e sobraram oito.*

Em seguida comecei a ligar para todas as clínicas e postos de saúde, pondo a minha secretária para fazer a mesma coisa. Nada, não tinha sobrado sequer uma dose fracionada, nem no Tatuapé. Lembrei do grupo da escola. Pedi para o Cacá consultá-lo. Ele foi prestativo como sempre, em cinco minutos já mandou a resposta. A vacina estava de fato esgotada, mas uma das mães descobriu que uma loja da Renault em Santo André estava dando a vacina para famílias que fizessem um test drive.

Desmarquei todas as reuniões que teria naquela manhã e botei Cora e Maju no banco de trás do carro, rumo à cidade vizinha. Cora estava tensa, tinha medo de vacina. Maju tentou consolá-la, dizendo em algum momento para ela não ter medo, para confiar em Deus. Senti inveja dos crentes, da bengala que usavam para atravessar a vida. Talvez por isso eu nunca tenha achado ruim o papo carola que a Maju jogava para cima da Cora, se fazia bem para a nossa babá, talvez fizesse bem para a minha filha, e de qualquer forma eu e minha pobreza ateuísta não tínhamos nada melhor a oferecer. Mas, de repente, uma curiosidade me picou. Perguntei: filha, o que é Deus? O farol estava fechado, pude olhar para trás e vê-la pensando, o dedinho na boca, os olhos girando como se de fato procurassem a resposta dentro dos gavetões infinitos da consciência. Deus é o amor com barba comprida, por fim disse.

Depois deixei as duas conversando e voltei para o meu mundo de barba curta, ligando o viva-voz para correr atrás de uma equipe que filmasse as imagens para o Anthony. Quando chegamos à concessionária, eu já tinha resolvido esse e outros problemas, estava pronta para a encenação. Disse para Maju e Cora não darem bandeira, para não irem direto até o estande

onde uma moça de jaleco aplicava vacinas sob a faixa: “acelerando contra a febre amarela”. Manteríamos a elegância e garantiríamos a nossa dose fingindo um interesse genuíno pelo carro. Mas foi só avançarmos um pouco pela concessionária que Cora começou a chorar e a gritar: vacina não. Já que não dava mais para negar, resolvi falar para o vendedor que havia tempos queria testar um carro, e como minha filha precisava da vacina, achei que aquele era o momento. Percebi seus olhos na minha bolsa, na chave do carro que eu trazia na mão, na Maju atrás de mim com sua roupa branca. Como bom vendedor, deve ter visto alguma possibilidade tilintando. Abriu um sorriso e perguntou: qual modelo? Apontei para o que estava à minha esquerda.

Embarcamos todos no carro. Um quarteto improvável que só avançava por uma rua sorumbática de Santo André naquele exato instante porque um dia surgiu um arbovírus que encontrou um mosquito de nome *Aedes aegypti* que se proliferava numa região tropical que picou milhares de pessoas e gerou uma corrida por vacinas num país de saúde sucateada onde os recursos escasseiam e algumas mães são negligentes a ponto de serem as últimas a saber. Mas lá estava eu pagando o meu pecado, ouvindo sobre o motor, os sensores, sobre algo que até achei bacana, um farol que percebe outro carro na direção oposta e desvia automaticamente seu feixe de luz. Acho que o vendedor sacou que eu ouvia tudo como um viciado em heroína, só esperando a hora da picada, porque nem se preocupou em ir longe, logo deu as coordenadas para voltarmos à concessionária, para o desgosto de Cora, que àquela altura já assistia a um desenho no monitor traseiro. Ainda assim, ao chegarmos, ele me trouxe a tabela com as condições de pagamento, e eu o despistei, dizendo que discutiria as condições com meu marido e daria uma resposta depois, enquanto já ia encaminhando Cora para o estande de vacinação.

Nisso, uma mulher entrou na concessionária. Me chamou a atenção pela humildade, não só as roupas eram muito simples, como havia nela algo que excedia o físico, uma vergonha de estar no mundo que eu já tinha visto em outras pessoas, inclusive na Maju. Usava chinelos, os cabelos grisalhos presos num coque, trazia uma sacola a tiracolo. E em cada mão segurava um menino, gêmeos idênticos de uns quatro ou cinco anos. Na falta de outro funcionário, o vendedor recebeu a mulher. Olhou-a da mesma forma como me olhara, e já sabia tudo, assim como eu já sabia. Tanto que nem foi simpático, só perguntou o que ela queria. Testar um carro, respondeu. E ele: a senhora tem carteira de motorista? A mulher ficou em silêncio. A senhora não pode testar o carro sem habilitação. Eu não posso conhecer o carro aqui dentro?, ela perguntou. Até pode, ele disse, mas pra que conhecer um carro que a senhora nunca vai dirigir? A mulher olhou para baixo, para seus pés nos chinelos. Depois levantou a cabeça: o que eu posso fazer pra eles ganharem a vacina? A vacina é só pra quem faz o test drive, são regras da concessionária, ele respondeu, impaciente. Por favor, ela disse. E tive a impressão de que se eu não estivesse ali, ele varreria o trio para fora naquele instante. Mas eu estava, e o vendedor me olhou, preocupado com a imagem que eu estava fazendo dele. E claro que não era boa, tanto que o fitei de um jeito duro, como olho para os meus subalternos quando fazem alguma merda. Ele se voltou para a mulher e disse: vou disponibilizar uma vacina pra vocês, mas só uma, porque senão pode faltar para os nossos clientes. A senhora escolhe qual dos meninos quer vacinar. Fiquei boba com a saída que aquele babaca tinha encontrado, uma solução que conseguia ser ainda pior do que o problema inicial. E assim como eu, que não saberia o que fazer, a mulher também não sabia, olhou para um menino, para o outro, a angústia crescendo, as mãos mastigando as alças da sacola. Foi então que me ouvi dizendo: vou levar o carro. Fiquei perplexa

comigo mesma, a decisão não saíra da minha cabeça, tinha vindo de algum outro lugar, e com tanta força que segui em frente. Vamos ver os valores enquanto eles tomam a vacina?, eu disse, apontando para os meninos e para Cora. Claro, o vendedor respondeu, e foi todo lépido avisar a moça de jaleco branco que podia vacinar todos nós, incluindo a avó dos meninos.

Depois me conduziu até a mesa, puxou uma cadeira para mim. Enquanto ele me mostrava as opções de pagamento, pensei no que estava fazendo, o que tinha dado em mim para comprar um carro por impulso. Talvez isso coubesse na trajetória de uma milionária ou de uma executiva impulsiva, só que eu não era nem uma coisa nem outra. Ainda dava tempo de voltar atrás, mas eu não queria, e era justamente essa convicção que me intrigava. Não sou uma santa, não estava comprando o carro para salvar a pele dos gêmeos ou apaziguar a angústia de sua suposta avó. Tinha me comovido com a situação, claro, mas daí a arreganhar a carteira por eles era outra história. Enquanto tomava o café morno da concessionária, pensei que estava comprando porque precisava, porque o nosso carro, que era mais usado pelo Cacá, já tinha quase dez anos e estava surrado, além disso seria melhor pegar a estrada para o sítio com o Renault, Cora não encheria o saco perguntando: falta muito?, a cada quilômetro, se distrairia com a tela. Essa era a versão que o meu ego, sempre tão desenvolto, havia criado, e eu a comprei, assim como comprei o carro, parcelando em dez vezes, já que ainda estava dura por causa da tela da Varejão. Só uns dias depois, quando entreguei a chave do carro para o Cacá, entendi quem havia feito a compra: a minha culpa. Essa tirana que volta e meia se erguia e se sentava no trono da minha mente, ardilosa e dissimulada a ponto de agir sem que eu me desse conta. Perceber a culpa era um bom caminho para constrangê-la e tirá-la do posto de rainha louca, mas naquele momento era tarde

demais, o carro fora comprado e Cacá já vibrava com o sei lá o que do motor, com os bancos de couro marrom que lhe lembravam o sofá da casa da mãe. Confesso que dar de comer à culpa me proporcionou um certo prazer, a rainha cria a fome, mas também se refestela no seu saciamento, me senti bem em dar aquela alegria ao Cacá, e esse prazer também vinha da sensação de que eu era uma boa esposa. Uma esposinha maravilhosa. E como prêmio teria direito a mais uma escapadela com a minha amante.

Mas isso tudo foi depois, naquele momento eu ainda estava cega preenchendo o formulário, ouvindo o vendedor perguntar se eu também não queria tomar a vacina. Ia dizer que não, não sei por que sempre me senti blindada contra tudo, devia ter um corpo frio ou um sangue com gosto de Angostura, porque os mosquitos nunca me picavam, chegava a ser humilhante aquela recusa em me beber ainda que eu fosse a única pessoa numa varanda numa noite de verão, mas então me ocorreu que talvez eu viajasse para o Acre, que talvez lá os mosquitos não fossem tão seletivos quanto os insetos mimados pela variedade de sangues da metrópole. E estando no papel de traidora do marido, não pegaria bem chegar em casa transferida de um hospital amazônico com febre e hemorragia amorosa. Portanto, lá fui eu, tomar a vacina. Maju e a avó dos meninos conversavam. Na sociedade os iguais se atraem. As duas já trocavam suas humildades mútuas. Talvez pela primeira vez vi Maju me olhar com afeto. A senhora também me olhava da mesma forma, levantou-se e beijou a minha mão. Depois disso, ela e os dois meninos foram embora, a moça de jaleco branco arregaçou a manga da minha camisa e tomei a vacina, ouvindo minha filha se esganiçar por causa da sua.

Levei Cora e Maju para casa e segui em direção ao canal, preocupada em ver o material que a equipe havia captado para o Anthony. Esse é outro nó bem dado pelo capitalismo: ao realizar

um desejo de compra, você reforça a sensação de dependência do seu trabalho. Em pouco tempo eu entrava na ilha de edição e conversava com o cinegrafista. Me contou que captaram as imagens na serra da Cantareira. Era lá que se concentrava a maioria dos casos de febre amarela confirmados no estado, cerca de cento e sessenta. Mais que pessoas, o *Aedes* tinha vitimado animais. Setecentos e poucos macacos já tinham morrido da doença naquela área. A população começou a achar que a culpa da epidemia era dos bugios, porque de fato o mosquito pode pegar o vírus de um macaco infectado e transmitir para outro macaco ou para uma pessoa. Mas eliminar os primatas era uma bobagem, o cinegrafista me explicou, quem tem que ser eliminado é o transmissor, os macacos também eram vítimas e, de certa forma, nossos aliados, porque quando começavam a morrer, a despencar duros das árvores, funcionavam como um aviso de que havia muitos mosquitos na região. Mas ninguém entende isso, completou, alertando-me sobre as cenas grotescas que veria a seguir.

Soltou as imagens. No início, tudo parece tranquilo. Macacos pulam calmamente entre as árvores, um deles em close come uma fruta. De repente, começa o barulho. Vozes gritando coisas que não dá para entender. A câmera mostra um grupo de pessoas se aproximando dos macacos, a maioria mulheres. Uma delas se abaixa e pega uma pedra. Dá para ver que espera alguns segundos, olha em volta, como se buscasse aprovação. É um segundo tenso, uma suspensão narrativa, eu esperando que a grávida ao lado dela freie a sua mão prestes a atacar. Mas não é o que acontece. A grávida estica o braço para a frente como um general que ordena fogo. Encorajada, a mulher arremessa a pedra na direção dos macacos. Por sorte, sua mira é péssima. A pedra bate num tronco e cai, rolando pelo chão. Mas a guerra está declarada. Outras pessoas se agacham, pegam pedriscos, jogam nos bugios. A câmera capta uma mão com unhas pintadas

escolhendo a maior pedra, sopesando-a. E atirando em câmera lenta. É como se o cinegrafista tivesse farejado a melhor cena, um corpo flácido de mãe de meia-idade externando seu medo e quem sabe frustrações num único movimento, a dor esculpindo subitamente uma atleta, o joelho flexionado, o dorso para trás, o braço em arco. A pedra voando e acertando em cheio a cabeça de um macaco que corria já assustado entre as árvores. O coitado cai, o sangue escorre por sua cabeça, por suas narinas. É muita barbárie, ouvi o cinegrafista falar. E pensei a mesma coisa, até me dar conta de que eu não era diferente daquelas mulheres. Também tinha começado aquele dia amedrontada, disposta a qualquer coisa para preservar a minha cria. A diferença é que eu havia sido educada e informada. Tinha dinheiro para entrar numa concessionária, fazer um test drive que dava direito a uma vacina. Lá estavam as mães abandonadas havia muito pelo sistema. Mais primitivas do que os próprios bugios, já que é receber e dar amparo que nos torna humanos — embora o termo “humano” não fizesse sentido algum naquele momento.

O bugio acaba sendo morto a pedradas, ao som de gritos que reconheci como de justiça. Não está incrível esse material?, o cinegrafista me perguntou. Balancei afirmativamente a cabeça, sentindo algo que já sentira tantas vezes, uma mistura de satisfação e tristeza por ter imagens tão chocantes.

Giro a chave da Orquídea. Nem entrei e pelo cheiro já sei o que me espera. Uma mistura de mofo e ranço com produto de limpeza, e produto barato, eu conheço de longe essa lavanderia de periferia. Tiro os sapatos da Picochuca, os calcanhares da pobrezinha estão mesmo bem machucados. Depois coloco meu celular pra carregar. Será que já tem recado do seu Cacá e da dona Fernanda? Claro que tem, são oito da noite, vejo no visor que logo acende. Duas mensagens do meu patrão. Vou tocar nelas, mas paro, talvez seja melhor fazer de conta que não vi. Sinto um pouco de culpa, pena do seu Cacá, me tratava tão bem. Mas agora já foi, melhor olhar pra frente. Até porque tenho coisas pra fazer.

Digito a senha da internet que vejo na mesa de cabeceira, espigao69. Procuro o número da Viação Garcia, ligo pra lá. Um homem diz que hoje não tem mais ônibus, mas amanhã cedo tem um que para em Santa Cruz do Rio Pardo e vai pra Presidente Prudente, cento e vinte reais a passagem. Pego a bolsa, o meu cartão. Ana pergunta se pode ver tevê e eu digo que sim, enquanto vou ditando para o homem os números, a data de validade, cuidando pra linha não cair no meio da operação. Dá certo. Ele diz que vou receber o bilhete eletrônico por e-mail e já vai desligar, mas falo pra ele esperar um pouco, quero ver se chegou mesmo, morro de medo de gastar e ficar na mão. Enquanto entro no meu e-mail, escuto um barulho estranho, depois uma gêmeção. Viro para trás e vejo a Ana sentada na cama, com a Bibi no colo, assistindo à tevê. Na tela tem um ânus

tão arreganhado, visto tão de perto, que mais parece a ponta de um vulcão. Que que é isso?, Ana diz, apontando pra tela, pra um espigão que agora aparece e começa a roçar a cabeça nas pregas. Cadê o controle?, saio gritando, a gemeção começando de novo. Minha Nossa Senhora, é preferível cegar a menina a deixar que veja uma coisa dessas. Tenho que levantar a Cora pra achar o controle. Os botões estão cobertos com uma capa plástica, tenho que apertar o off duas vezes para desligar a pouca-vergonha. Assim que a tela apaga, a Ana começa a chorar. Quero ver desenho, repete com a boca arreganhada. Eu penso no outro buraco, será que ela se tocou que era um ânus? Melhor não falar no assunto, quem sabe assim ela esquece. Lembro que deixei o celular ligado, o homem na linha, ai, que vergonha dessa criatura, será que escutou a tevê? Não tenho nem coragem de falar com ele. Vejo se o e-mail com a passagem chegou e desligo na cara do infeliz. A Ana segue chorando e repetindo a mesma frase, criança quando dá pra pedir alguma coisa não tem quem aguente. Resolvo atender o pedido, a pobrezinha não tem um brinquedo fora a Bibi, merece ver um pouco de desenho. Mas claro que não vou correr o risco de mostrar mais pornografia pra ela, mando ir para o banheiro e fechar a porta, só pode sair quando a Maju chamar. Ligo a tevê, mudo rápido de canal, caio num de notícias, no Shoptime vendendo joia folheada a ouro, e depois disso só chuvisco, mais nada. Passo a toalha úmida no bocal do telefone que está sobre a mesinha. Ligo pra recepção. É um moço que atende. Pergunto se não tem canal de desenho. Ele fica em silêncio, parece estranhar a pergunta, depois diz: que desenho? Alguma coisa tipo Branca de Neve e os Sete Anais? Eu fico tão envergonhada que tenho vontade de desligar na cara de novo, mas estou pagando pra estar aqui, e pagando bem. Sigo em frente, digo: desenho pra criança. O moço diz: aqui é um motel, não tem coisa pra criança.

Falo para a Ana sair do banheiro, explico que não tem desenho. Ela faz bico. Antes que o alarido comece, tenho uma ideia. Pego o bloco de nota fiscal do lava-rápido e uma caneta e rabisco na primeira folha. Olha isso, Ana. A flor que a Maju tá fazendo vai aparecer igualzinha na outra página, digo, e levanto o carbono. A Ana se encanta, queria que a Neide estivesse aqui pra ver se não valeu a pena pegar esse bloco. Seguro a mão dela e juntas fazemos casas, nuvem, um cachorro e uma casinha pra ele. Ela me pergunta se sou canhota. Digo que sim. Ela diz que é pedestra. Dou risada. Deixo Cora desenhando sozinha e vou dar conta das outras coisas que preciso fazer. Pego o cardápio, dou uma olhada. Filé com fritas, macarrão de quatro queijos, linguiça do Tarzan, fricacete de frango. Ô gente sem-vergonha, penso, e dou risada, lembrando da dona Tarsila, que adorava um fricassê, e acho que também um fricacete, a gordinha era safada que só. Pergunto pra Ana o que ela prefere, a carne ou o macarrão. Ligo pra recepção e peço o filé, com dois pratos pra dividir. Depois abro o frigobar, todo enferrujado, deviam fazer uma promoção, compre uma água e ganhe uma infecção por tétano.

Sento um pouco, me esparramo em cima da cama. Quando será que o seu Cacá e a dona Fernanda vão procurar a polícia? A essa hora já era pra gente ter cruzado a fronteira e ainda estamos aqui, no meio do caminho. Só devemos chegar em Presidente amanhã lá pela hora do almoço. Apalpo as notas no sutiã, sinto medo do que estou fazendo. Queria ter meu livro pra afastar o medo, por isso sempre gostei de ler, porque lá não é aqui. Novela também funciona pra isso, mas vá seguir uma novela trabalhando de empregada doméstica. Na primeira casa em que fui contratada, até dava, mas tinha que sentar no chão. A patroa tinha três filhas, tudo noveleira, não sobrava lugar no sofá. No meu segundo emprego, tinha tevê no quarto de empregada, mas não adiantava, a arrumadeira que dividia o casulo comigo

dormia cedo e roncava alto, ver novela com aquele barulho me enervava. No terceiro emprego, achei que ia conseguir. A Cibele, ela não gostava que chamasse ela de senhora nem de dona, me chamou pra assistir a novela na primeira noite, senta aqui com a gente, disse, apontando pra uma poltrona do lado dela e do namorado. No dia seguinte, apareci pra ver mais um capítulo, mas ela não me chamou pra sentar. Fiquei andando por ali, fingindo que estava arrumando as cortinas, mas ela fez que não viu. Fui reparando que ela só me tratava bem quando o namorado estava junto. Acabou levando um pé na bunda do moço, bem feito. Mas a essa altura eu já tinha desistido de assistir qualquer coisa, já tinha ido atrás de leitura. Não era uma novidade pra mim, porque eu sempre fui de ler, desde que o seu Miguel passava vendendo livros lá na fazenda, mas ter descoberto a Nora Roberts num sebo perto do terminal foi uma bênção. Ô mulher pra escrever o que eu gosto. A Neide não se encantou com ela porque diz que tem amor de mais e sexo de menos, mas pra que ler sobre sexo? Sexo é pra fazer, não pra ler. E nem é verdade que não tem sexo. Os personagens fazem amor, isso que ela não entende. O homem não lambe os seios, reclama o peito. Não chupa, saboreia. Não entra, mergulha. Não goza, se esvazia plenamente. Aliás, os personagens nem fazem amor, se unem em carnes trêmulas. É outro nível. E tudo isso em frente ao lume de uma lareira ou sobre o crepitar de folhas secas. Sei que não é meu mundo, e quero mais é que não seja. Lá sou trouxa de pagar pra imaginar duas pessoas fazendo que nem cabra, que nem os dois lá na tevê? No livro que ficou no ônibus, a Rosalind se apaixona por um homem maduro. Demora para os dois marcarem um encontro. Quando acontece, a Rosalind está na frente do espelho, se arrumando para sair, e o espírito de uma antepassada aparece e rasga em pedaços a blusa dela. Dali em diante, toda vez que ela vai sair com o grisalho, a penada aparece e estraga a roupa. Conte isso pra Neide e ela tirou sarro

do meu livro, coisa mais besta uma história dessas. Besta nada. Quantas vezes não me senti igual à Rosalind, pronta pra sair, toda arrumada na frente do espelho, e daí aquela arrumadeira com quem eu dividi o casulo aparecia na minha cabeça, dizendo: mulher, como tu é jeca, e nessa hora parecia que a minha roupa também se despedaçava. O Lauro era outro que aparecia pra me assombrar de vez em quando. Só de lembrar que ele me abandonou sem deixar um bilhete, meu rosto ficava mais velho, meu decote parecia um buraco triste.

E já que não tenho nada pra ler e não estou acompanhando a novela, resolvo pôr no canal de notícias, deixar a tevê ligada a noite toda, vai que aparece alguma coisa sobre o desaparecimento da Cora, que nem apareceu sobre o bebê da Neide. Bato na madeira e depois ponho o controle sobre a tevê, não tem chance da Picochuca alcançar aqui em cima. Em seguida ando um pouco pelo quarto, vou no banheiro ver se tem toalha pras duas, secador de cabelos. A Ana me cutuca. Maju, olha o desenho que eu fiz pra você. Me agacho, gosto de olhar para o rostinho dela, pra esses dentes que logo vão cair. Sabe o que é isso?, ela me pergunta. Claro que não sei, o que vejo é uma nota fiscal com um círculo malfeito e uns rabiscos estranhos dentro. Mas não vou desapontar a Ana, pelo menos vou tentar acertar. Uma bola. Um balão. Uma pizza. Um palhaço. Um foguete. Um planeta. Um brigadeiro. A abóbora da Cinderela. Ela ri quando eu falo da abóbora. Nada disso, sua bobinha. É um coração com eu e você dentro.

Era quase uma da manhã quando o avião aterrissou. Eu nunca tinha pisado no Acre. Logo senti que era outro mundo, pelo cheiro de floresta, pelo calor que não arrefece nem noite adentro. Peguei a mala, ajeitei meus cabelos num espelho que encontrei no caminho, pensando onde eu estava com a cabeça para pousar naquele lugar, mentindo para o meu chefe, para o meu marido, dizendo que ia acompanhar uma filmagem quando as gravações já tinham sido concluídas.

Logo descobri que eu estava com a cabeça no meio das pernas. Tanto que senti uma fisgada na pélvis ao ver Yara me esperando, encostada numa picape toda suja que devia ter sido usada na filmagem. Entrei, nos beijamos. Pra onde vamos?, disse, assim que consegui me recompor. Até então, Yara não tinha detalhado nada sobre a viagem e eu não quis fazer muitas perguntas. Vamos pra Tarauacá, a umas três horas daqui, e de lá pra São Vicente, onde pegamos o barco às seis da manhã pra subir o rio até a aldeia. Você não vai cansar de dirigir a madrugada toda? Sou diretora, tô acostumada a virar a noite. E colocando a mão na minha perna: se prepara, porque daqui a duas horas acabou o sinal. E, depois, toda a comunicação. Não tem nem telefone na aldeia. Nem telefone público? Ela balançou a cabeça. Entrei em pânico, pensando no Matthew, no Cacá, na Cora, na possibilidade de tomar uma picada de cobra e não poder chamar uma ambulância.

Já cogitando o que falaria para o meu chefe, perguntei como tinha sido a filmagem. Yara disse que foi excelente, a ariranha

tinha cumprido o cronograma, me contou algumas cenas. Em seguida, mandei um recado para o Matthew dizendo exatamente o contrário, que a filmagem foi um desastre, talvez tivéssemos até que substituir o animal escolhido, por isso fiz o sacrifício de ir pessoalmente até a Amazônia. Depois mandei um recado para o Cacá, a Cora e para a minha assistente, que sabia o que eu estava aprontando e, se preciso, me daria cobertura.

Eu seguiria cutucando o celular se não fosse a figura ao meu lado acender um baseado, aumentar o rádio e cantar o refrão de uma música sertaneja com seu erre esquisito. Fiz como ela, demos risada. Que mundo injusto, pensei. Se Cacá estivesse cantando e fumando maconha numa estrada esburacada como aquela, à noite no meio do nada, eu teria arrancado o bagulho dele e desligado o rádio dizendo que prestasse atenção, mas amantes são amantes e simplesmente pulei para o assunto seguinte, perguntando como ela havia conhecido os yawanawas.

Yara me contou que esteve a primeira vez na Aldeia Sete Estrelas aos nove anos, foi acompanhar a mãe numa pesquisa sobre as tribos amazônicas. Ficaram dois meses e, nesse período, fez amizade com uma yawanawa da mesma idade que ela, a Shakuna. Sete anos depois, quando Yara já estava com dezesseis e a mãe dela já havia desaparecido, o pai disse que queria voltar à Sete Estrelas para pesquisar uns jacarés. Ela achava que ele não queria pesquisar bicho nenhum, queria era ver se a mulher estava lá. Não estava, mas ir lá acabou sendo bom, entre outras coisas porque Yara reencontrou Shakuna e restabeleceram a amizade. Há poucos anos, foi Shakuna quem a visitou com o marido nos Estados Unidos. A yawanawa tinha ido para um congresso de ameríndios, tinha virado uma figura importante. A primeira mulher da etnia a se tornar pajé. Como ela conseguiu?, perguntei com interesse verdadeiro, mas não lembro o que Yara respondeu, eu já estava tomada pelo sono, minhas pálpebras tentando encerrar um turno que havia começado às

seis da manhã. Ela olhou para mim e comentou que quando entramos no portal do mundo sem comunicação, é assim mesmo, o corpo relaxa. Em seguida, tirou uma das mãos do volante e me fez um carinho. Peguei no sono.

Acho que foi o sacolejo do carro que me acordou. Ou a luz que anunciava o dia, batendo nas casas da única rua de São Vicente. O vilarejo existia só em função do rio Gregório, era dali que subiam os barcos para as aldeias. Estacionamos perto da água, Yara me despertando de vez com um beijo bafudo na boca. Descemos, ela descarregou a bagagem. Vi que tinha trazido um galão de água, pão, biscoitos com fibra. Talvez você estranhe a comida da aldeia, disse para mim, e senti por ela o amor que sentimos por quem cuida da gente.

Olhei o celular, nem o relógio fora atualizado, sinal de que estávamos mesmo em outra dimensão. Um indígena, que também esperava um barco, nos disse que eram seis e quinze. Será que nosso barqueiro foi embora?, perguntei para Yara. Ela deu risada. Claro que não, nosso barco sai às seis na hora índia, que é quando tudo está pronto. Pode ser às seis e meia, sete, até oito. Nunca às seis e pouco. Era verdade, nem sinal do barqueiro por um bom tempo, só dos mosquitos aumentando o meu medo de malária, me fazendo passar repelente até dentro das orelhas. Toma isso aqui, Yara disse, me dando um comprimido de complexo B que segundo ela faria meu sangue ficar ainda mais intragável do que já era.

Lá pelas sete, nosso barco chegou. Na verdade uma canoa motorizada, com ripas de madeira como banco. Carregamos a nossa bagagem. Eu queria sentar ao lado dela, mas o barqueiro não deixou, precisava ficar uma em cada ponta para distribuir o peso. Partimos rio acima, com a perspectiva de quatro horas de viagem, o que me pareceu uma loucura mas, aos poucos, foi fazendo sentido. Como Yara disse, custa chegar aonde o

Starbucks não chegou, e tudo ia ficando cada vez mais bonito à medida que nos distanciávamos dos dedos do capital.

Finalmente chegamos ao pé de um barranco. Lá de baixo não dava para ver nada. Subi com expectativa as escadas. Ao pisar em terra plana, tive uma surpresa agradável, um grande descampado rodeado de ocas, crianças correndo com saias de palha, algumas mulheres de seios nus, vozes cantando. Uma mulher, que imaginei ser Shakuna, veio andando na nossa direção. Deu um abraço na Yara, depois em mim. Fomos para a casa dela. Pensei que seria uma oca maior, mais reservada, ela não era pajé?, mas sua habitação era igual às outras, de madeira com um monte de redes penduradas dentro, no fundo a cozinha com uma mesa. Imagino que estejam morrendo de fome, disse, e pediu para sua cunhada servir o almoço.

Enquanto comíamos, Shakuna comentou que à noite era melhor fazermos uma refeição mais leve, não era bom tomar uni com o estômago cheio. Uni?, indaguei. Essas pessoas que estão cantando, Shakuna disse, e fez uma pausa para que ouvíssemos o canto que vinha de longe, estão cantando para fazer o uni. Yara virou-se para mim: é como eles chamam a ayahuasca. Acho que arregalei os olhos, porque ela disse que se eu não quisesse, não precisava tomar. Ou pode tomar só um pouquinho, Shakuna sugeriu. Mas depois não pode fazer sexo por um dia inteiro, completou, olhando para a gente com um sorriso materno. Fiquei tensa, até lidava bem com drogas, mas só as recomendadas pela FDA ou perseguidas pelo FBI. Resolvi mudar de assunto, perguntei a Shakuna como conseguira virar pajé. Disse que foi difícil, teve que ficar isolada na floresta nove meses para provar que era tão forte quanto um homem. E durante todo esse tempo se alimentando muito pouco, só com o que ela caçava e com o uni, que tomava todo dia para falar com os espíritos. Acho que Shakuna sentiu a minha perplexidade, porque explicou que

aquilo era normal entre eles, passar um tempo sozinhos na selva para ganhar força.

Depois ela e Yara botaram em dia o papo de não sei quantos anos, até que Shakuna resolveu nos conduzir a nossa oca. Ficava isolada do resto da aldeia — segundo a pajé, os turistas gostavam de alguma privacidade —, num clarão no meio da mata, junto a um igarapé. A oca era construída sobre palafitas, tinha um telhado bonito de palha, mas não tinha paredes. Nem banheiro. Assim que a pajé nos deixou, perguntei: nós vamos dormir aqui? Vamos, Yara disse, e começou a pendurar as redes. Em seguida vestimos o biquíni, pegamos os necessários e descemos em direção ao igarapé, na companhia de uma quantidade impressionante de borboletas. Do nada, Yara parou. Olha que linda essa *Scolopendra*. Olhei para baixo e vi uma lacraia repulsiva atravessando na nossa frente. Minha vontade era dar uma chinelada no bicho, mas fiquei parada, ouvindo Yara dizer: olha as cores dela, olha essa antena. Ela seguiu fitando a artrópode por um bom tempo, pensei até que estivesse chapada, mas me toquei que ainda não tinha fumado. Quando a lacraia sumiu pela vegetação, fomos em frente. E então foi a minha vez de ficar impressionada, vendo a paisagem na sua totalidade. Um riacho cristalino cortava a floresta, galhos e flores debruçados sobre a água como numa reverência. Do lado em que estávamos, havia uma pequena faixa de areia. Uma praia particular. Fazia quase trinta graus, foi maravilhoso dar um mergulho. Yara encaixou o sabonete líquido numa pedra, começou a passar nos meus cabelos. Esfregou a minha cabeça, lavou o meu rosto, os meus ombros. Puxou o laço do meu biquíni, tocou com a mão cheia de espuma os meus mamilos. Fiz a mesma coisa com ela, nossos tops boiando ao nosso lado. Depois mergulhamos juntas. Fomos nadando até a bancada de areia. Deitamos no raso, só com água suficiente para cobrir os nossos corpos, e ali fizemos um hoka-hoka.

Quando olhamos em volta, percebemos que nossos tops tinham sumido correnteza abaixo, o que não era exatamente um problema naquele ambiente. Deitamos na areia, os quatro mamilos olhando para o sol. Yara acendeu um baseado. Ficamos um tempão conversando. Num certo momento, escutei um barulho. Olhei e vi uma espécie de porco, só que bem miúdo, não muito longe de mim. Yara disse para eu não ter medo, era só um caititu inofensivo. Depois deitou-se de novo sobre os cotovelos, o olhar lá longe, na dobra do rio. Quando era pequena, tinha um pesadelo recorrente, contou. Sonhava que as luzes da cidade iam invadindo o campo, que nem uma praga. Brotavam até no vale atrás do rancho onde a gente morava. Depois, virando-se para mim: às vezes acho que esse pesadelo tá acontecendo de verdade. Sabe quantos por cento dos mamíferos são selvagens? Vinte, chutei. Quatro por cento. O resto são seres humanos e seus animais de criação. Transformamos tanto a natureza que tem um biólogo que diz que a era em que estamos vivendo não deveria nem se chamar Antropoceno. Deveria se chamar Eromoceno. O que isso quer dizer? A era da solidão. Me aproximei, beijei a sua tristeza na boca. Depois subimos em silêncio até a oca, talvez por estarmos cansadas ou em paz. Ou as duas coisas. Yara deitou na rede, disse que ia tirar um cochilo. Deitei na minha, sem esperança de dormir, mas cinco minutos depois peguei no sono.

Acordamos com um barulho de pratos. Shakuna mandou essas tapiocas pra vocês, um garoto disse, deixando também dois copos de suco. A noite já caía, Yara acendeu o candeeiro. Ainda estávamos letárgicas, comemos em silêncio na borda da palafita, nossas pernas se roçando de vez em quando. Depois escovamos os dentes com a água do galão e caminhamos com nossas lanternas até o centro da aldeia.

Notei que diversas pessoas subiam o barranco, chegando à Sete Estrelas. Yara me explicou que eram yawanawas de aldeias

vizinhas, no sábado à noite todos se reuniam para fazer a cerimônia. Deduzi que aconteceria no descampado, onde havia agora uma fogueira. Ao fundo, uma mesa comprida, com duas cadeiras e dois jarros bojudos, com a boca coberta por tecido. Quem chegava ia sentando em torno do fogo, o que era compreensível, a temperatura caía de madrugada. Shakuna logo apareceu, com uma serpente de miçangas no pescoço. Nos cumprimentou com o mesmo carinho, perguntou como estávamos. Depois nos apresentou para várias pessoas, entre elas outro pajé, que conduziria com ela a cerimônia. Ele quis saber se seria a minha primeira vez, referindo-se à ayahuasca. Não soube o que dizer, nem tinha certeza se ia tomar aquele negócio. Estava me cagando de medo de ter um piripaque no meio da floresta. Por outro lado, não queria desperdiçar a chance de provar num lugar como aquele, e com a Yara. Disse que iria. Yara sorriu. Logo depois, me puxou até a mesa, onde Shakuna e o outro pajé haviam sentado, uma fila na frente de cada um.

Quando chegou a nossa vez, Shakuna disse que me daria pouquinho para começar. Se eu sentisse enjojo, podia vomitar na mata. E procurá-la para qualquer coisa. Depois me estendeu um copo com dois dedos de uni. Olhei para o lado e vi Yara entornando um copo cheio. Virei o meu. Sentamos juntas em torno da fogueira. Logo comecei a sentir um peso na barriga, uns arrotos inconvenientes. O que eu mais queria era roubar uns beijos da Yara, e aqueles gases não ajudavam muito. Mas ainda que eu estivesse pronta para beijá-la, ela já estava em outra, de olhos fechados, levada pela música. Também fechei os olhos, vai que assim aquela feijoada de cipó batia, mas o tempo passou, e nada. Fiquei prestando atenção nas pessoas, nas melodias. Em como as letras eram simples, despojadas de metáforas ou narrativas, talvez para dar espaço ao inconsciente, como um trampolim que só existe para aprofundar o salto. Mais ou menos meia hora depois, percebi que Yara estava chorando. Sequei

suas lágrimas. Seu olhar estava diferente, ou talvez eu é que estivesse enxergando melhor. Nas suas pupilas dilatadas pela noite e pelo chá, vi uma tristeza além daquela causada pela perda dos selvagens ou da natureza. Yara tinha a tristeza de quem não tem para onde voltar. Abracei-a. Perguntei como estava. Disse que bem, estava sendo bom chorar. E eu, tava sentindo alguma coisa? Falei que não. Ela puxou a minha mão e disse: vem.

A fila começava a se formar de novo, com as mesmas pessoas, o que me sugeriu que era normal tomar uma segunda rodada. Entramos juntas. Shakuna perguntou se eu estava bem. Disse que sim. Ela me deu um copo cheio. O pajé deu outro para Yara. Tomamos, dessa vez eu querendo que batesse, querendo entender o que todos sentiam — depois soube que a viagem é sempre imprevisível, não se repete nunca. Também aprendi que a quantidade não é garantia de nada, mas que estar desarmado ajuda bastante. E como me ajudou, porque dessa vez o uni veio com tudo. Comecei a sentir ondas fortes de enjoo. Vomita, Yara disse, vai te fazer bem. Me conduziu até a borda do descampado, onde outras pessoas também deixavam as tripas. De longe, vi o pajé me observando, e percebi a pequenez de achar que eu estava sozinha num lugar sem socorro, quando eu estava amparada por uma comunidade e por uma sabedoria de centenas de gerações. O conhecimento deles recomendava ainda que tomássemos o uni com um propósito, não à toa também chamavam a substância de “medicina”. Pensei na Yara, no que eu faria com o meu casamento caso as coisas tomassem o rumo que eu sentia que estavam tomando. Mas como alguém disse mais tarde, você pode até pedir resposta ou cura para alguma coisa, e pode até conseguir, mas quem decide mesmo o que precisa ser curado é o chá. E o chá me mostrou Cora. De olhos fechados, vi minha filha gigantesca, na frente de uma porta minúscula que ela tentava abrir mas não conseguia. Girava o

trinco, olhava pelo buraco da fechadura, empurrava, e nada. Da mesma forma como a imagem surgiu, sem aviso ou explicação foi embora. E então me vi pequena, na casa em que passei a infância. Andei pelos cômodos, vi detalhes que não lembrava, que deviam estar guardados numa parte inacessível da minha memória e agora brotavam com a mesma qualidade palpável de um sonho ou da vigília em si, eu abrindo a caixa de charutos do meu pai na mesa de centro, vendo em vermelho a marca Menendez. Sei que estava no meu corpo de menina porque em algum momento vi a mim mesma no jardim, com um macacão que eu usava quando tinha uns cinco anos. Eu olhava amedrontada para as plantas altas que meus pais nunca aparavam, para os pneus velhos e o entulho que deixavam se acumular naquele quintal sombrio. Chamei várias vezes pela minha mãe, mas ninguém veio me buscar. Até que eu mesma apareci, adulta, e peguei a minha versão menina no colo. Calma, lhe disse, vamos embora daqui. Senti que deveríamos buscar mais alguém, mas nesse momento abri os olhos e tudo cessou.

Quanto tempo teria transcorrido? O fogo continuava ardendo, mas os indígenas e Yara estavam no outro canto do descampado, cantando em círculo, de mãos dadas, suas silhuetas e vozes alongadas sob a lua. Toquei o ombro da Yara, me posicionei entre ela e uma senhora, no começo me achando meio ridícula, cantando e cirandando como uma criança, mas logo percebendo que o problema não era cirandar, e sim julgar a ciranda. Julgar tudo, o tempo todo. Levada pela música, fui sentindo que a barreira entre mim e as pessoas e as plantas e a lua se desintegrava. E sendo tudo, eu não era mais eu. E não sendo mais eu, não sofria tanto. Foi a experiência mais próxima que tive do divino, algo que nenhuma religião com todo o seu esforço litúrgico tinha conseguido me oferecer. Depois Yara me contou que a Igreja sempre tentara marginalizar a ayahuasca por isso, porque sabia desse poder. Enquanto católicos e

evangélicos precisavam de um atravessador — o padre, o bispo — para falar com Deus, o chá desmanchava essa hierarquia, colocando a pessoa em contato direto com o divino ou com a sensação dele.

Nisso, os indígenas começaram a formar fila para a terceira rodada e Yara perguntou se eu queria mais. Disse que não, estava tão bem que não queria estragar. Ela disse que também não queria. Ficamos ali por um tempo, observando a roda se diluir, os tambores voltarem, até que ela falou: vamos? Iniciamos a caminhada em direção a nossa oca. Quando levantei os olhos do caminho projetado pela lanterna, vi que o céu já clareava um pouco, era possível enxergar o contorno da nossa palhoça. Yara pulou para cima da palafita e estendeu a mão para eu subir. Perguntou se eu estava com fome. Disse que não, mas ela insistiu que era bom comermos. Dividimos uma fruta, falamos um pouco sobre as nossas visões com o uni. Depois vesti uma camisola, ela uma camiseta, aquele olhar recíproco de tesão. Começamos a nos beijar. Lembra que não podemos?, falei. E ela: vou matar a Shakuna.

Resignadas, deitamos nas nossas redes, ouvindo, além dos bichos, o ranger dos ganchos, até que uma mão entrou como uma aranha no meu mosquito, levantando o tule. Senti o corpo da Yara aninhando-se ao meu, a rede se balançando para acomodar o volume das duas. Não podemos, ela sussurrou, e apertou meu mamilo. Não podemos, repeti, e levantei a camisola. Seguimos nos encostando e falando “não podemos” até que colamos boca com boca, peito com peito, buceta com buceta, e fodemos siamesas na rede. Quando acabamos, não viramos para o lado nem para cima, não havia espaço para isso. E mesmo que houvesse, eu não queria. Olhando para suas pupilas ainda dilatadas, falei: eu te amo. Também te amo, ela disse, olhando para as minhas.

Acordamos com o sol pregado feito uma lâmpada no céu. Demos um mergulho rápido e fomos almoçar levando a nossa bagagem, não faltava muito para a hora de ir embora. Shakuna nos recebeu com a mesa posta, a cunhada tirando um peixe da brasa. Comemos. Yara fez algumas fotos.

Depois a pajé nos conduziu até o rio, onde um barqueiro de uns dezesseis anos já nos esperava, um pé na terra, outro no casco. Me despedi e embarquei. As duas ainda conversaram um pouco, acho que Shakuna falava sobre uma possibilidade de se encontrarem em breve, não sei direito, porque acabei me distraíndo com o barqueiro, com as marcas no seu abdômen. Ele tinha dezenas de bolinhas brancas na pele, cicatrizes iguais às que eu tinha visto num documentário, abertas para a aplicação do veneno do sapo. Eu lembrava porque aquilo havia me intrigado. Quão bom deveria ser o barato da substância para que os indígenas agredissem a pele daquela maneira? Resolvi assuntar com o barqueiro. Me confirmou que os buracos eram mesmo da aplicação do veneno e disse que a sensação era péssima, um pesadelo. Quantas vezes você já tomou? Quinze, comecei aos sete anos, falou com orgulho, me mostrando três furos pequeninos na altura das costelas. Depois que partimos, atinei com a função do veneno. Além de limpar o corpo, era uma forma de ganhar coragem, por isso eles exibiam com tanto orgulho os furos. Tomar cambô e ayahuasca não era exatamente bom, passar meses sozinho na selva como Shakuna e outros indígenas faziam não era bom, e isso era estranho para mim, porque na nossa sociedade só vemos sentido no que dá prazer. E o foco dos indígenas não tinha nada a ver com hedonismo, o que eles faziam era treinar para encarar temores. Tudo girava em torno de enfrentar o medo, algo que achei fascinante, porque fui educada para suprimi-lo. Seja corajosa, ouvi a vida toda, não tenha medo. E naquele momento me perguntava: é possível não ter? Claro que não, daí a sensação de impotência que eu

experimentava, porque o medo sempre seguirá voltando repaginado. Pensei que a partir de então iria dizer para Cora: vá apesar do medo. Se eu tivesse esperado o meu sumir, não teria mentido para o Cacá e o Matthew, não teria entrado no avião, não teria enfrentado a zona endêmica de malária, não teria subido o rio sem sinal e sem pronto-socorro, não teria tomado ayahuasca, não teria conhecido uma floresta que talvez nem exista daqui a vinte anos e não teria ouvido “eu te amo” numa rede. Senti uma satisfação tão grande por ter feito o que fiz. E foi com essa satisfação e os cabelos desgrenhados pelo vento que algumas horas depois aportei em São Vicente.

Era quase o fim do dia e ainda tínhamos muita estrada pela frente. O que não era bem um problema, eu seguiria viajando até os polos com aquela mulher. Mas eu tinha um voo, uma vida, aquela coisa toda. Carregamos a picape, nos preparamos para partir, mas antes disso Yara disse que precisava tomar uma Coca-Cola. Achei curioso, nunca a vira tomando uma, por que aquela necessidade urgente? Entramos no único comércio local, que vendia de batatas a vestidos. Encostada no balcão, Yara abriu o refrigerante, me ofereceu um gole. Eu disse que não gostava tanto de Coca. Ela falou que também não, mas era um lance dela, do pai e da mãe. Toda vez que iam a campo, em alguma região isolada, na volta bebiam uma Coca. Não pelo gosto em si, mas porque depois de um tempão privados das regalias civilizatórias era como se dissessem para o corpo: estamos de volta.

Em seguida pegamos a estrada, o tempo passando rápido, quando me dei conta já tínhamos até sinal, eu podia reavivar o meu aparelho. Parecia tão grave ficar sem contato, mas, quarenta e oito horas e quase duzentas mensagens depois, nada de relevante tinha acontecido. Em algum momento falamos do futuro, o que me deixou feliz, só quem ama faz planos. Claro que se tratava de um futuro próximo, Yara não sabia onde estaria dali

a um ano, mas sabia que assim que encerrasse a nossa série, iria para a Escócia filmar a migração dos lobos. Com satisfação, me contou que os escoceses haviam percebido que precisam dos selvagens para equilibrar o ecossistema e resolveram importar uma alcateia da Dinamarca. Vai ser lindo ver eles chegando, disse, e apertou o volante. E depois: eu alugo uma casa na colina. Vamos ficar fruindo daquela paisagem linda. Não sei o que me surpreendeu mais, o verbo “fruir” ou o convite. Disse que não podia desaparecer por um mês, tinha filha, marido, trabalho. Ela disse para eu levar a Cora, me ajudaria a cuidar dela. Quanto ao trabalho, eu poderia fazer à distância. E, para o marido, era só contar que eu tinha encontrado a mulher da minha vida. Ainda que achasse aquele papo uma bobagem, senti um frio e um calor simultâneos. Disse que ia pensar. E ia pensar mesmo. Ao longo dos dias seguintes, a cada minuto eu pensaria naquilo, em conhecer com Yara um mundo diferente do meu. Talvez paixões sejam avassaladoras também por isso, porque se apaixonar por outro é se apaixonar por uma nova possibilidade de si mesmo.

O telefone do quarto toca. Eu tomo um susto, será que alguém descobriu que nós estamos aqui? Penso em não atender, mas daí pode ser pior ainda, o pessoal da recepção ou seja lá quem for pode vir até aqui. Tiro do gancho, digo: alô. O prato está na gaveta, o moço fala pra mim. Digo: tá bom, e desligo, e só então percebo a esquisitice do que ele falou. Não sou ignorante, já fiquei em muito hotel com minhas patroas, em todos é a mesma coisa, o funcionário toca a campainha, entra no quarto e deixa em cima da mesa uma bandeja coberta por uma tampa. Sempre achei tão chique aquela tampa. Mas comida na gaveta, que loucura é essa? Ligo pra recepção. O moço fala pra eu olhar na parede, não tem um gavetão cinza? Até tem, um quadrado de metal com um puxador, achei que fosse uma caixa de luz. Abro e lá está o bife com batatas fritas.

Coloco o prato em cima da mesa. É tão estreita que lembra uma tábua de passar com duas cadeiras. A comida também é pobre que só, não sei por que essa mania de usar a alface como cama, talvez seja pra distrair da feiura do bife cheio de nervos, tenho que cortar em pedacinhos minúsculos pra Ana conseguir mastigar. Depois sento, começo a jantar também. Não dá nem dois minutos e escutamos um barulho, uma porta batendo, uma voz de mulher dizendo: vem logo que eu gosto de foder chorando. Era só o que faltava. Levanto e aumento o volume da tevê pra abafar a bagunça do vizinho. A Ana reclama, tá muito alto, mas logo nos distraímos com uma brincadeira que invento. Ela diz que estava com fome e eu digo que sim, quem cozinhou

foi um homem. Ela diz: me dá um palito, e eu digo que não tenho apito, e assim vamos, eu fingindo que não escuto direito, ela se matando de rir.

Quando acabamos de jantar, abaixo o volume da tevê, falo que está na hora do banho. Vou até a pia, pego xampu e sabonete, os frasquinhos com uma maçã na embalagem, Motel Fruto Proibido. Pelo jeito o dono do Espigão não tem cascalho nem pra fazer os produtos dele. Abro o chuveiro. Até que esquenta rápido, o único problema é a quantidade, uma goteira. Pra mim até que serve, mas já pensou lavar a cabeça da menina nesse ritmo? Vai demorar mais de cinco minutos só pra tirar o xampu, com ela gritando, o que é meio normal num motel, mas não na boca de uma criança num motel, e a última coisa que eu quero é chamar a atenção. Penso em não lavar os cabelos dela, mas não encontro touca de banho, o que vou fazer? Olho pra banheira. Os milhões de germes lá dentro olham pra mim. Chego a ficar vermelha só de pensar de onde eles vieram. Se for pra tomar banho, melhor dar uma desinfetada.

Lembro do que vi em cima do frigobar. Vou até lá, dou uma olhada no rótulo do Old Eight, quarenta por cento de álcool. Seagers, quarenta e cinco, melhor ainda, mas deve ser gim paraguaio, não dá pra acreditar no que está escrito na embalagem. Olho o preço no cardápio. Paraguaio, com certeza, só não sei se pra economizar eles põem mais ou menos álcool na garrafa. Resolvo dar uma bicadinha. Deve ser concentrado, porque queima meu estômago. Com a garrafinha aberta, vou até o banheiro, a Picochuca atrás de mim, curiosa pra ver o que vou fazer. Espalho o gim pela banheira, mas é pouco, não cobriu todo o espaço, e não quero gastar com outra garrafa, o Old Eight está os olhos da cara. Então tenho uma ideia, um jeito de matar de vez os micróbios. Vou até minha bolsa e cavouco lá no fundo. Acho o que esperava, a caixa de fósforos de um restaurante aonde fui jantar com a dona Fernanda. Risco a cabecinha

vermelha e joga na banheira. Uma labareda levanta. A Ana vibra, escuto ela batendo palmas do meu lado. Me debruço rápido pra abrir a água, o plano é deixar o fogo só por uns segundos, mas a torneira não solta nada, só faz barulho e não solta uma gota, a chama se alastra. Minha Nossa Senhora, é agora que eu vou botar fogo nesse banheiro, nunca imaginei que iam descobrir a gente desse jeito, no *Jornal Nacional* incendiando um motel de beira de estrada. Corro para pegar um copo, encher de água, mas nisso a torneira da banheira solta um jato, uma rajada fedida que apaga o fogo e toda a agitação dentro de mim. Sento do lado da banheira e caio na gargalhada. Que susto, que alívio. A Ana ri comigo, foi muito legal, Maju. Depois, enquanto enxugo as lágrimas que caíram de tanto eu rir, ela diz: eu te amo. O quê, Picochuca? Eu te amo.

Não é a primeira vez que ela diz isso, mas talvez seja a primeira vez que vou responder. Não fui educada pra dizer essa frase. Sei que minha vó Brígida me amava porque fazia tudo por mim, mas nunca ouvi da boca dela um eu te amo, ninguém na roça falava isso, era como se o amor fosse uma coisa delicada demais pra nós, uma caixa de bombom com papel de seda que só algumas mãos podiam abrir. Convivemos quinze anos, dormimos na mesma cama, sentimos tanto amor uma pela outra e não trocamos essa frase nem quando ela estava partindo. Depois fiquei anos sem dizer porque não sentia, o amor parecia um privilégio, uma sorte grande que se tira e exhibe, aqueles casais se beijando na rua. Daí veio o Lauro, e eu descobri que podia amar, mas falar já era diferente. Depois de dois meses juntos ele disse eu te amo e eu quase morri, olhei pra ele dura como um sabugo, que que eu faço agora? Um receio de dar pra ele a frase que nunca tinha dado nem pra minha vó. E um medo de gastar uma coisa que eu aprendi que era só uma vez na vida. Tanto que não consegui, a frase parou atrás dos meus dentes, fiquei com o eu te amo dentro da boca, pensando se devia botar

pra fora ou não, até que finalmente consegui responder, baixinho e gaguejando, oito dias depois. Não sou a única, sei que não sou a única. Empregada conhece a intimidade das pessoas, suas calcinhas e cuecas do avesso, por isso sei que dizer eu te amo não é pra qualquer um. Tem homem que passa a vida sem dizer para o filho. Tem mulher que passa a vida sem dizer para o marido. E tem pessoas como a Neide que dizem pra todo mundo. Eu achei um absurdo quando nos conhecemos, uma coisa de sirigaita, dizer isso pra todo mundo. Até que eu comecei a reparar como a Neide era feliz, como o Lauro era feliz, e que talvez fossem felizes porque amavam mais, e talvez amassem mais porque falavam mais eu te amo. Como alguém me disse uma vez, a fome vem ao comer. Quem sabe o amor também venha ao amar. Eu aprendi e passei a dizer, contado e medido como é do meu jeito, e teria dito pra Cora nas vezes que ela me falou na casa da dona Fernanda, de madrugada quando escapulia da cama dela e ia dormir no meu casulo, e só não disse porque seria muita confiança da minha parte falar isso pra filha de uma patroa. Mas agora ela é minha. Respondo: eu também te amo. Ela não dá bola, já se distraiu com outra coisa. Está debruçada, tentando tocar a água com os dedos. Tira essa mão daí, Ana, enchi pra fazer um caldo e mandar a sujeira embora, só depois a banheira vai estar pronta. Me abaixo pra desrosquear a tampa. A água começa a escoar, vai ficando cada vez mais rasa, a Ana olhando, pelo jeito perdeu até a preguiça de tomar banho. Viro pra pegar o sabonete. Ela me chama. Olha isso, Maju. Aponta para o ralo, para a água que forma um redemoinho comprido, girando sem parar. A água é bailarina, diz, sorrindo para mim.

Depois que voltei da Amazônia, encontrei com Yara algumas vezes. Depois ela foi para o Espírito Santo captar outro episódio da série, e começou o silêncio. Mande mensagens durante alguns dias, nada de resposta. Não entrei numas. O trabalho da minha equipe era justamente fugir do sinal, me preocuparia se estivessem captando onças sob o guarda-chuva da telefonia. Mas depois de quase uma semana comecei a ficar preocupada. Teria se envolvido com alguém? Ou fora engolida por uma jaguatirica? Pedi para Agnes dar uma discreta averiguada. Logo me contou que a diretora da série tinha aterrissado em São Paulo na véspera, às dez da manhã. Fiquei surpresa, se estava na mesma cidade que eu, por que não havia me procurado?

Saí do trabalho e passei em casa para tomar um banho. Tirando as alternativas que levavam ao IML, em todas as outras eu nutria esperança de fazer um sexozinho depois do encontro. Ao chegar, fui recepcionada pela Maju, sem o uniforme branco. Que bom que a senhora chegou, já ia mandar uma mensagem, achei que tinha esquecido da festa. Claro que eu tinha esquecido, mas não precisei de muito esforço para lembrar. A mãe da aniversariante, uma colega de escola da Cora, havia mandado um *save the date* para todas as mães dois meses antes do grande dia, como se alguém fosse adiar uma viagem ou mesmo uma consulta médica por causa daquele evento. Maju disse que tinha me mandado uma mensagem avisando que não iria ao aniversário por causa da visita íntima. E eu tinha mandado um positivo para ela. Mande mesmo, sem ter entendido que

quem teria que acompanhar Cora na festa — ela já estava lá, a turma havia ido direto da escola — seria eu, já que meu marido fora entregar cactos num casamento.

Sem opção, peguei a bolsa e fui cumprir o meu dever. Toquei a campainha do número 25 da rua Clélia. Uma funcionária atendeu e só então me dei conta de que não sabia qual era a aparência da mãe da aniversariante. Enquanto caminhava para o espaço da festa, na parte de trás da casa, dei uma olhada na minha agenda, mas não tinha o nome dela nem o telefone, quanto mais a foto. Cumprimentei as mães, todas sentadas a uma mesa, com a mesma efusividade. Depois fui atrás da Cora, que estava sendo maquiada por uma moça vestida de palhaça. Vi seus olhos girarem de alegria ao me ver. Dei um beijo na minha filha, disse oi para suas amigas. Perguntei a Cora quem era a mãe da aniversariante. Ela apontou para uma ruiva. Depois correu atrás das outras meninas.

Puxei uma cadeira, sentei-me com elas. Eu conhecia só uma, a mãe de uma menina que frequentava a minha casa, mesmo assim não tínhamos muita intimidade. As outras eu só conhecia de vista, de ois e sobranceiras levantadas em festas da escola. De qualquer maneira, não era o caso de criar uma conversa paralela. Éramos apenas sete ou oito, não tenho certeza, as outras responsáveis pelas crianças eram as babás, sentadas pelos cantos do jardim. Fiquei ali tomando minha cerveja e ouvindo o papo. Uma delas, com olheiras que roçavam os tornozelos, disse que desde que o filho nascera, não sabia o que era sexo. E o pior: nem queria saber. Outra, com uma saia curta, disse que com ela era o contrário, estava transando mais do que nunca — embora não tenha especificado com quem. Essa segunda era a mãe da amiga da minha filha. Eu já a conhecia de vista, de vê-la pelo bairro, antes de nascerem as meninas. Me dei conta de que, desde que se tornara mãe, a Renata tinha mesmo mudado, ficou muito mais sensual, como se marcasse território

com a minissaia, o pouco pano a tremular indicando que aquele corpo seguia sendo a pátria que sempre fora, não uma terra arrasada pela maternidade. Ter um filho era uma porrada tão forte que atirava cada uma num canto do ringue, com estrelas rodando em torno da cabeça. Sem saber mais quem eram, resvalavam em extremos. Ou se anulavam sexualmente ou seu desejo recrudescia. Ou mergulhavam no trabalho ou não sabiam mais o que fazer da vida, largando a carreira para tentar outros negócios ou viver crises existenciais que podiam durar anos. E tão inseguras na sua tarefa materna que precisavam implodir as semelhantes. Era a isso que eu assistia naquele momento, todas fazendo um exercício tão comum entre nós, comentar procedimentos duvidosos ou lamentáveis de outras mães. Fulana botou o filho para dormir com eles na cama de casal. Beltrana dá tudo que a menina pede. Sicrana deixou o bebê vinte dias com a avó. Não é usual que as pessoas questionem tanto o comportamento das outras, não por motivos tão irrelevantes. Desqualificando o outro, atenuamos a sensação constante de estar sendo péssimas mães. Eu não fugia à regra, tinha as fraquezas de todas e ainda um dedo compulsivo, que não parava de olhar as mensagens. Os tracinhos indicando que Yara havia lido. Como assim, ela leu as mensagens? Até então apareciam como não lidas, o que me tranquilizava um pouco, ela podia ter perdido o celular. Mas naquele momento eu sabia: ela não queria falar comigo.

Tentei voltar para a conversa, mas eu já não estava mais ali. Pedi desculpas para a ruiva, mas precisava ir embora antes do “Parabéns”. Ela sussurrou que a mãe da aniversariante era outra e apontou-a para mim. Cinco minutos depois eu saía da festa com Cora esperneando, gritando que não queria ir antes do bolo, eu entupindo seu alto-falante com brigadeiros. Arranquei a caminho de casa. Com Cora acordada, não havia muito que fazer. Mas, de repente, o silêncio. Cora se exaurira tanto que

pegou no sono. Pensei: por que não ir? Minha filha estava tão cansada que não acordaria em hipótese alguma. Meti meu orgulho em algum lugar entre o freio de mão e o banco, e acelerei para a casa da Yara.

Toquei rapidamente a campainha, a mão logo voltando a segurar a Cora. Vi seu rosto me olhando por trás da janela. Sorri para ela, que sorriu de um jeito estranho para mim. Saiu da casa, caminhou hesitante até o portão, me cumprimentou com um beijo seco demais para sua média. É a Cora?, disse, e afastou os cabelos do rosto da menina, olhando-a com ternura. Depois tensionou-se de novo. Aconteceu alguma coisa pra você vir aqui? Fiquei preocupada porque você não respondia as mensagens, falei. E fui avançando em direção à porta, apressada pelo peso da minha filha.

Entramos. E só não derrubei Cora para não quebrá-la. Na sala havia uma mulher bem à vontade, com roupa de ficar em casa e pés descalços. Essa é Violeta, Yara me apresentou. A mulher levantou-se, sorriu para mim. Acomodei Cora no sofá. Depois beijei a recém-conhecida, cheirava a xampu. Sentei com as duas na sala e só então consegui absorver toda a figura. Tinha perto de setenta anos, cabelos brancos bem cortados, não era exatamente bonita, mas era muito elegante. Uma elegância que eu não sabia de onde vinha, porque ela não usava acessórios e estava de cara lavada. Era algo dela mesma, da maneira como segurava a taça, como sorria. E por que sorria tanto? Yara me contou que eram velhas conhecidas, de Corumbá. Violeta se hospedou na sua casa porque veio a São Paulo para lançar um livro. Ela é poeta, e foi essa palavra, “poeta”, que fez Violeta sorrir de novo, claramente feliz em ser ela própria. Respirei fundo, não tinha por que me incomodar. A explicação estava dada, eram velhas amigas, quem sabe ela não tinha sido namorada do pai da Yara? Tudo bem que havia as mensagens não respondidas, aquilo ela ainda não me explicara, talvez por

não ter tido oportunidade. Ou seja, nada para me preocupar. Tanto que aceitei até uma taça de vinho. Comecei a beber num estado agradável de relaxamento, enquanto ouvia Yara contar que a captação no Espírito Santo havia ficado extraordinária, talvez se tornasse o melhor episódio da série. Depois de tirar uma dúvida sobre o material, puxei papo com Violeta. Acho que perguntei onde seria o lançamento, porque ela falou de uma livraria pequena, explicando que quase ninguém lê poesia. Depois contou que uma vez, num dos seus lançamentos, só uma pessoa apareceu. Ela autografou o livro para o sujeito, tirou foto, bateu papo. Depois descobriu que ele era o responsável pelo estoque da loja. Comovido com a situação, pegou um livro a preço de custo e foi dar uma força para ela. Mas isso foi no começo da sua carreira, antes de você ganhar o Jabuti, Yara disse, e notei uma ponta de orgulho pela outra. Foi sim, antes do prêmio, Violeta assentiu com modéstia, baixando os olhos para o vinho. Em seguida, me convidou para o lançamento e me serviu mais vinho, comentando que eu não tinha sorvido quase nada. Eu já ouvira a palavra “sorver” da boca da Yara. Então era da Violeta que vinha aquele vocabulário elaborado demais para uma estrangeira? Ou mesmo para uma brasileira?

Quando Yara foi ao banheiro, aproveitei a chance. Menti para Violeta, dizendo que também estava apertada, ia usar o banheiro lá de cima. Acho que ela nem me escutou, parecia ter um ouvido refratário a coisas que pesassem menos de duzentos gramas. Subi as escadas e entrei na suíte. Encontrei a cama desarrumada, com dois travesseiros. Junto ao colchão, um livro de poesia, um frasco de vitaminas, óculos de leitura. No banheiro vi uma segunda escova de dentes e uma calcinha grande demais para ser da Yara pendurada no chuveiro. Me olhei no espelho, vi meus olhos lacrimejando. Respirei, ajeitei os cabelos. Desci a escada sorrindo, fazendo de conta que estava tudo bem, mas sem nem sentir, comecei a usar o meu sarcasmo para atingir as

duas. E para esse tipo de coisa Violeta tinha ouvidos atentos. Depois do segundo ou terceiro dardo verbal que soltei, ela disse que ia ao posto da esquina comprar cigarros.

Assim que a porta bateu, perguntei para Yara se ela estava comendo a Violeta. Disse que não, foram namoradas muitos anos antes, quando ela morava em Corumbá, desde então nunca tiveram nada. Eram amigas. Tão amigas que Violeta tinha feito a gentileza de nos deixar a sós, dizendo que ia comprar cigarros quando nem fumava. Falei que se era assim, por que ela estava me evitando? Disse que sabia que eu não levaria a situação na boa. E também não podia negar pouso para a amiga. Assim que Violeta fosse embora, me procuraria. Dito isso, encheu nossas taças, chegou perto de mim. Mas se um dia eu transar com outra pessoa, qual o problema? Fiquei sem reação. Demorei alguns segundos para rebater: como assim, qual o problema? Você disse que me amava. Te amo mesmo, quero ficar com você, mas não sou inocente a ponto de achar que nunca mais transaremos com ninguém. Que porrada. Que mão desnudando sem piedade a fisiologia frágil da relação monogâmica. O que eu ia falar, que pelo menos no começo preciso acreditar que entrelaçaremos himens para sempre? Talvez pudesse ter dito isso, mas nessa hora a porta rangeu e Violeta apareceu. Sem cigarros, comendo um pão de queijo. A lua tá grávida, disse, me fazendo pensar como Yara tinha aguentado aquela fábrica de supositórios poéticos no dia a dia. Não devia entender tão bem o português. Ou na ocasião precisava de uma mãe, vai saber. Mas a verdade é que tirando essa questão, Violeta foi se mostrando uma pessoa razoável. Talvez até interessante. Nos chamou até o jardim para ver a lua, o que foi uma boa ideia. Depois falou dos astros, de uma descoberta recente que punha em xeque a disposição astronômica que havia originado os signos. Falamos um pouco sobre o assunto, demos risada pensando na crise de identidade

astral, em como um aquariano ferrenho faria para justificar que agora era Peixes.

Depois voltamos para a sala, Yara queria fumar um. As duas sentaram lado a lado no sofá e começaram a preparar o baseado como se estivessem numa linha de montagem. Uma dichavando, outra confeccionando o filtro. Uma enrolando, outra pegando o pilão. Como se não bastasse a sintonia em relação à erva, lembraram de um amigo do pai da Yara, um tal de Roundup, um cara tão desagradável que levava aquele apelido de pesticida, e rememoraram um certo escândalo que ele deu, o que provocou um acesso de riso. Forte a ponto de chorarem, de botarem a mão uma na perna da outra. E tudo isso sem nem terem acendido o baseado. Podia até ser que as duas já não tivessem nada, mas assistir àquela sintonia invejável noite adentro seria terrível. Achei melhor me poupar. Disse para elas que precisava ir. Yara falou para eu esperar, pelo menos fumar com elas. Falei que estava dirigindo, e com a Cora. Não era uma boa estar bêbada e chapada. Dei um beijo nas duas, peguei minha filha e saí da casa.

Yara me acompanhou, ajudou a acomodar Cora no carro. Falou para eu ir ao lançamento. Ia ter uma galera bacana, amigas dela e da Violeta do Mato Grosso do Sul que estavam morando em São Paulo. Não disse nada, só me despedi e arranquei. Depois, como toda pessoa atormentada pela paixão e portanto pelo pensamento cíclico, comecei a achar que tinha entrado numas, que não tinha entrado numas, que tinha entrado numas, que não tinha entrado numas, que tinha entrado numas... E assim, sem parar, até me agarrar na opção que renderia uma desculpa para falar com ela.

Cheguei em casa e larguei minha filha de roupa na cama. Depois fui até a sala e olhando para os azulejos manchados de sangue, mandei a mensagem de voz: fui embora com pressa e

esqueci de dizer que te amo. Nesse exato instante, Cacá entrou, com a gravata afrouxada, carregando um cacto e uma suculenta.

Agora sim, o banho está pronto. Testo a temperatura da água, mais pra morna, como a Picochuca gosta. Vem, digo pra ela, e vou tirando a roupinha. Assim que coloco seu corpo na água, ela começa a chorar. Tá doendo, Maju. Imagino que a dor seja nos calcanhares, vejo a pele vermelha debaixo d'água, ela saltitando, tentando tirar os pés dali, como se a banheira ainda estivesse com fogo. Sei que tá doendo, mas vai passar, falo. Ela tenta sair do banho, mas penso no dia que tivemos, na quantidade de germes grudados nessa criança, e seguro seus bracinhos. Logo vejo que não devia ter forçado a Picochuca. Não agora, neste lugar. Ela fica nervosa e começa a chorar mais forte. A falar: eu quero a minha mãe. É a primeira vez que ela diz isso desde que partimos, me entristeço e também me preocupo, vai que alguém escuta. Digo: calma, Ana. Eu não sou Ana, eu sou a Cora e quero a minha mãe, agora grita com aquela força que só nasce da raiva, e com essa mesma força sai da banheira. Eu pego a toalha pra enrolar seu corpinho, não dá pra ficar pelada nessa friagem, mas ela não quer saber de mim, parece possuída, vai correndo em direção à cama e agora sou eu que grito: para, Cora, não vai deitar com a pepeca de fora nessa colcha imunda. Ela não dá bola. Corro na frente, puxo rápido o cetim antes que ela deite, e quando faço isso, a bolsa que estava em cima da cama voa e bate contra a parede.

Estava aberta, a minha bolsa. Eu escuto. Antes de virar, já sei que a Nega quebrou. Conheço o barulho do barro seco espatifando, como espatifavam os vasos da fazenda. Só pode ter

sido a Nega. Vou me aproximando, as coisas espalhadas pelo chão, as pérolas fajutas voaram longe, uma embaixo do meu pé. E perto, um pedaço do manto. Falo pra Picochuca sair dali, tem caco no tapete, vai cortar o pé. Ela sobe na cama, chorando. Eu me agacho, torcendo para o resto estar inteiro, minha Nossa Senhora, me ajude a não ter quebrado a Nossa Senhora, mas é só puxar a alça que vejo embaixo e atrás os pedaços, a cabeça para um lado, o manto para o outro, os pés não sei onde. Pego o rosto da Nega, seguro entre os dedos. Será que isso foi um sinal? Começo a pensar em tudo que aconteceu. A Cora tem a Bibi desde os dois anos e nunca tinha perdido a ovelha. Eu nunca tinha perdido um santo na vida, vim de Mandaguaçu com um Exedito dobrado dentro do sutiã, ainda ando com ele na carteira, mas hoje extraviei a imagem da Nega e depois quebrei a santa. Mesmo assim não ouvi. A minha Nossa Senhora teve que criar essa cena toda, esse escândalo da Cora, que bem parecia tomada por alguma outra força, pra chamar a minha atenção. O que você tá querendo me dizer?, pergunto, encarando o olho que sobrou. Você tá comigo? A resposta não vem. Não que eu esteja esperando um milagre, a Virgem aparecer num motel ou falar por uma boquinha de argila, mas surgir na minha cabeça, como já surgiu tantas vezes, quando sinto o sopro da Nega nos meus pensamentos. Mas nada, minha cachola é um branco. Meu Nosso Senhor, você tá comigo?, digo, e olho pra cima, e então vejo uma imagem estranha. Nem Jesus, nem a Nega, nem o teto, nem o céu. Vejo eu, a Nossa Senhora despedaçada e a Cora pelo espelho. E ao ver a gente, percebo que a Nossa Senhora e o Jesus Cristo estão falando comigo, porque perder o ônibus foi um sinal, perder a naninha e a Nega foi um sinal, ver o cachorro do tihoso na estrada foi um sinal, a imagem quebrada foi um sinal e o espelho também é. Um jeito de virar a minha cabeça pra cima e abrir meus olhos para o que estou fazendo, de joelhos

neste tapete imundo catando pedaços de uma santa, com uma filha que não é minha chorando pelada numa cama de motel.

Olhando para o reflexo dessa imagem toda errada, sinto meu coração bater. Um galope que vai acelerando quanto mais eu penso nas coisas. É uma sensação estranha, porque tento me acalmar, mas o peito não para. Como se tivesse vida própria. Me preocupo, nunca senti isso antes, será que vou ter um treco? Só de pensar nisso, meu coração dispara de vez, meu corpo sai do controle. Não consigo mais pensar em linha reta. Na verdade não consigo pensar, só sentir, as mãos aguçando, os dedos formigando, uma onda de calor subindo do peito pra cabeça e levando embora o meu ar. Será que estou tendo um ataque cardíaco? Eu tive um patrão que morreu de ataque cardíaco. Quem vai cuidar dessa menina? Pensar isso me deixa pior ainda. Meu coração bate tanto tanto tanto tanto que parece que o meu corpo é só ele. Não tenho mais dúvida, vou morrer. Começo a rezar. Seguro com força a cabeça da Nega, meus olhos fechados, não me deixe ir, minha Nossa Senhora, não agora. E acreditando que sou ouvida, que minha fé pode me salvar, sinto meu coração desacelerar um pouco. Ainda corre, mas parece que menos, com certeza menos, o ar voltando, voltando.

Abro os olhos devagar. É a vida? Graças a Deus é a vida, toda torta, mas a vida. A Cora me olhando assustada, meu dedo sangrando de tanto apertar o cocuruto afiado da Nega. Só agora percebo que esse tempo todo eu estava de joelhos. Solto o corpo, desabo no chão. Começo a chorar de alívio. A Cora chega perto de mim. Me dá um abraço e diz: não chora. Você pode me chamar de Ana se quiser, eu não vou ficar brava.

Sento a Picochuca no meu colo, depois de tudo que passei, como é bom sentir o cheiro de cabeça de criança, o cheiro da cabeça desta criança. As lágrimas seguem descendo, parece que vêm pra limpar a minha vidraça, agora posso sentir até o sopro da Nega, uma clareza que eu mesma sozinha não tenho.

Percebo o tamanho da intervenção divina que acabou de acontecer comigo. Depois de me mandar todos aqueles sinais e me obrigar a ver do alto o que eu estava fazendo, a Providência mandou a grande mensagem. Porque claro que não é normal uma pessoa ter uma crise do coração que não dá em nada. Onde é que já se viu sentir tudo aquilo, ir pra perto da morte e depois ser devolvida? Aquilo foi Deus interferindo pra eu perceber o que vai acontecer se eu morrer. Especialmente depois de fazer os documentos. Não tenho família, não tenho viço pra dar padrasto pra Cora, não tenho mais óvulo pra dar irmão. Se eu abotoo o paletó, ela vai parar num orfanato ou acabar sendo sirigaita ou doméstica de alguém. Vai ser uma mulher num casulo. Um bicho-da-seda que pode secar dentro da casca que ninguém vai perceber. É isso que você quer pra essa menina, que ela seja que nem..., penso, e olho pra cima, pra minha piaçava aticada pelo suor. Se a Cora ainda fosse um bebê que eu peguei na rua que nem o filho da Neide, mas não, ela tem família, e uma gente que vai dar pra ela tudo que eu nunca vou poder. Por que você não pensou nisso antes, jeca de Deus? Porque foi tudo muito rápido, respondo em voz alta, e começo a chorar de novo. A Cora limpa meu rosto. Para com isso, Maju. Você já tem quarenta e quatro anos, já é uma adolescente, diz, usando a frase que sua prima disse uma vez para falar do irmão. Penso nos parentes dela, na árvore que estou cortando com uma machadada, e isso só me confirma o que devo fazer.

Levanto, digo que ela não precisa mais tomar banho. Vou até a pia, molho a toalha do Espigão. Passo no corpo de Cora. Visto a roupa nela, e pra dar uma sensação de limpeza, penteio bem os seus cabelos. Depois abaixo a luz do quarto, acomodo ela na cama, um travesseiro embaixo da cabeça, a naninha nos braços. Ela me pede um cafuné, ela me pede isso toda noite. Devia estar cansada, porque é só eu tocar os cabelos que pega no sono.

Melhor assim, penso. Não quero que ela me veja desesperada desse jeito. O que passou foi ruim, mas vem mais pela frente. Já entendi o que devo fazer, mas como? Peço por mais uma iluminação, nada acontece, só escuto a televisão baixinho. Me dou conta de que a Providência já fez sua parte, salvar a menina, agora pouco importa o que vai acontecer comigo. Ando pelo quarto, procuro uma janela. Quando estava com algum problema na cabeça, gostava de me debruçar na abertura do casulo, mas aqui não tem um único buraco, nunca vi uma coisa dessas. Paro pra olhar o celular. São dez e meia da noite, a tela com alertas de mensagem, ligações não atendidas. Resolvo não ler nem ouvir nada, tenho medo de que o aparelho me localize, diga onde estou.

Sinto raiva da dona Fernanda, se não fosse ela nada disso teria acontecido, eu agora estaria no meu casulo lendo o livro da Nora, a Picochuca dormindo tranquila com a Bibi no quarto dela. Tudo bem que eu não precisava ter orelhado a conversa, mas quem resiste a uma porta meio aberta? Eu estava saindo do quarto da Cora quando ouvi o meu nome, vindo da suíte. Virei para o roupeiro do corredor e fiz que estava arrumando os lençóis, enquanto ouvia a conversa do seu Cacá e da dona Fernanda. Eu sabia que ela estava brava comigo. Um dia antes, a Cora teve uma festa de aniversário depois da escola e eu disse que não podia acompanhar, era meu dia de visita íntima. O Lauro já tinha me abandonado, eu não ia fazer amor fértil com ninguém, mas tinha marcado pé e mão com uma manicure que atendia em casa, que vinha de longe, não ia deixar a coitada dar com a cara na porta. E nem perder os trinta e cinco reais. A Val cobrava pouco, mas se desmarcasse em cima da hora, tinha que pagar do mesmo jeito. Então fui firme, se eu não dormir em casa hoje, meu marido vai me matar. A dona Fernanda botou a mão na cintura. Tenho que acompanhar uma filmagem, como vou fazer? Fiquei quieta, a outra funcionária, que podia quebrar esse galho,

já tinha ido embora e o seu Cacá tinha ido entregar uns terrários numa festa de casamento, eu não tinha o que sugerir. Lembro que nessa hora ela olhou o celular e suspirou, seus olhos se encheram de água. Achei estranho, a dona Fernanda sempre foi tão forte, nunca tinha visto ela se abalar desse jeito por causa de trabalho. Mas não quis nem saber qual era o problema, peguei minha bolsa e me mandei antes que ela resolvesse me amarrar na Suíte Tóquio.

No dia seguinte de manhã, a conversa no quarto deles. Eu já devia ter desconfiado que tinha alguma coisa de errado, porque a minha patroa estava transtornada, a filmagem devia ter sido péssima, parecia que ela tinha sido atropelada enquanto dormia, os olhos inchados, o robe todo torto, um seio quase pulando pra fora. Também não me deu bom-dia, estava com raiva de mim. No corredor, escutei ela dizendo que ia me mandar embora. O seu Cacá falou pra ela ter calma, eu não tinha feito nada de errado, foi ela mesma quem inventou aquele negócio de visita íntima. A dona Fernanda falou que era verdade, ela que tinha inventado, mas não tinha dado certo, precisava de alguém com quem pudesse contar todo dia. O seu Cacá sugeriu que ela falasse comigo, quem sabe eu não ficava direto. Acho que nessa hora a dona Fernanda andou pelo quarto, porque não ouvi direito o que ela disse, só escutei o seu Cacá pedindo pra ela esfriar a cabeça antes de tomar a decisão.

Não era nada certo, mas eu entrei em pânico. Larguei os lençóis de qualquer jeito no roupeiro e fui para o casulo. Pensei no salário. É no que a gente pensa. Mas não era a primeira vez que eu ia ser mandada embora, dá-se um jeito. O problema era a Cora, eu nunca mais ia ver a minha Picochuca? Eu já tinha passado por isso com outra criança, o Totô da dona Natália. Essa me mandou embora porque separou e ficou na rua da amargura, não tinha dinheiro nem pra comprar papel higiênico folha dupla, imagine pagar uma babá. Eu era louca pelo Totô, o Totô era

louco por mim. Ficou combinado que eu ia voltar pra visitar o menino. Na primeira vez, o pitoco pulou no meu pescoço, a dona Natália fez sala pra mim. Seis meses depois apareci com um presente, tinha sido aniversário de três anos do Totô. Ele não me reconheceu. Pegou o helicóptero que eu dei e foi correndo para o quarto, a Natália incomodada com a minha presença, apressada pra fazer alguma outra coisa. Tomei logo minha água e fui embora, o danadinho não quis nem me dar tchau. Então a dona Fernanda que não viesse com aquele papo de a casa vai estar sempre aberta pra você que não colava, vai ver se tem outra trouxa na esquina. E o que é uma visita quando a gente quer estar com alguém o tempo todo? Eu tinha me afeiçoado à Cora de um jeito que nunca tinha me afeiçoado a outra criança. Naquele dia, fui até a janela do casulo, olhei pra fora. Pensei que aquele amor proibido de bebê e babá também era culpa da dona Fernanda. Ela tinha deixado a filha no cantinho da vida, e lá no cantinho da vida tinha eu.

Não sofri muito para resolver. Era melhor não ir. Eu ficaria de lado, um satélite em torno das mato-grossenses que se conheciam havia anos. E lambendo o saco da poeta. Bela capa, belos versos, me dá um autógrafo? E todo esse desconforto para quê, só para mijar no meu território, coisa que nem adiantava com a Yara, e ainda aumentar o álbum de imagens flertativas que já estava me incomodando tanto? Valia mais a pena ficar em casa com duas rodelas de pepino nos mamilos e entrar em ação quando Violeta partisse.

Outra vantagem de não ir era dispensar a Maju, eu estava irritada porque ela havia me deixado na mão, não conseguia nem olhar para ela. Falei que podia ir embora, eu ia tirar a tarde e a noite para fazer algo com meu marido e minha filha. Posto isso, fomos para o nosso programa: passear no shopping. Eu não sei o que a humanidade fez para acabar assim. Depois de passar por tantas guerras, sobreviver a tantas epidemias, inventar a penicilina e o avião, atingimos o nosso ápice civilizatório caminhando por corredores estreitos e desviando de cotovelos para ver roupas em liquidação. Não era o que eu queria fazer, mas era o que Cora queria, e num sábado à tarde o voto de uma criança vale mais que o de um adulto. Além do mais, Cacá também queria ir, precisava comprar sei lá o quê. Ou essa foi apenas uma desculpa que inventou para fazer o programa mais próximo, com mais ar-condicionado e estacionamento.

Logo que chegamos, vimos um cachorro. Um pug com uma roupa estranha — só o fato de um cachorro usar roupa eu já

acho estranho, mas esse ia além —, uma saia de babados vermelhos e dourados. Cora adora cachorros, agachou-se para agradar o au-au. A dona, orgulhosa, contou: tá de rumbeira, explicando depois que seu pet participaria de um concurso de fantasias no átrio do shopping. Cora deu um grito de felicidade. Olhei para Cacá e através da telepatia desenvolvida pela convivência concordamos que o concurso seria uma roubada mas não poderíamos negar esse prazer para a nossa filha.

No átrio, descobri que não era só ela e meia dúzia de pessoas que achavam aquele concurso interessante. As cadeiras em volta do palco já estavam quase todas ocupadas, demoramos um pouco para encontrar três lugares vagos. Bem na nossa frente, estava uma amiga da Cora. As duas sentaram juntas. Eu, Cacá e a mãe da menina ficamos na fila de trás. Que sorte ela ter sentado ao lado do meu marido, porque além de eu não estar com cabeça para conversa, não estava com cabeça para a conversa dela. Era uma mãe holística, dessas que assam o próprio pão, espremem as frutas para o suco orgânico, improvisam brinquedos de madeira reflorestada e sem querer instituem um padrão de exigência tão alto para a maternidade que provocam um retrocesso. Para dar conta de ser tão perfeita, só abdicando da vida profissional e voltando para casa, amarrando-se voluntariamente ao pé do fogão. Enquanto ela contava que estava tentando fazer terrários em casa junto com a filha, meu celular vibrou. Vamos pro lançamento? A gente tá acabando de se arrumar, saímos daqui a pouco.

Gostei que Yara me escreveu, mas contar que estavam se arrumando pôs em funcionamento a minha ilha de edição.

CENA 1 — QUARTO DA YARA — DIA

Yara está de peitos de fora, vestindo a calça para sair. Violeta se aproxima com a ponta de um baseado. Coloca na boca de

Yara. Enquanto ela traga, seus corpos se roçam, os mamilos de Yara endurecem.

CENA 2 — QUARTO DA YARA — DIA

Violeta põe um vestido. Pede para Yara fechar o zíper nas costas. Yara se aproxima, olha para a abertura do vestido, que deixa ver a coluna e o começo da bunda. Yara ajoelha-se e puxa o vestido para baixo.

Quando voltei a mim, a mãe holística falava sobre fermentação natural. Eu também fermentava, não só de ciúmes mas de tesão. Imaginar as duas tinha me deixado molhada, e não sei por que estar molhada às dez para as seis da tarde num shopping center parecia um crime. Fiquei tão desconcertada com meu corpo e minha incapacidade de conversar que resolvi ir ao banheiro e dar uma espairecida. Mas não ter o Cacá e a mãe holística para me trazer para a realidade foi pior. Segui pensando na Yara e na Violeta enquanto entrava na cabine e tentava fazer um pouco de xixi. Ali me ocorreu que o botão ficava no meio das minhas pernas, talvez apertá-lo pudesse me desligar. A única vez que eu tinha me masturbado num lugar público fora no banheiro de um avião, num voo para Tóquio, quando eu não sabia mais o que fazer com as mãos. Levantei e me encostei contra a parede da cabine. Comecei a pensar na Yara e a me tocar. Devia ter fila, porque num certo momento alguém se incomodou com a minha demora e perguntou: tá tudo bem aí? Lembro que pensei: puta que pariu, não dá nem pra se masturbar em paz no banheiro de um shopping, e disse que sim, estava tudo ótimo. Depois continuei me tocando até gozar ao som de descargas e torneiras.

Saí do banheiro como quem não queria nada e voltei para a plateia. O concurso já estava começando, a apresentadora agradecia aos patrocinadores e explicava os critérios da premiação. Sentei-me, aliviada pelo orgasmo mas também tomada por aquela incompletude que vem depois. Não acho que

sejamos incompletos, somos inteiros ainda que precários, mas que a melancolia pós-orgasmática da dissolução existe, disso eu não tenho dúvida, porque era o que eu estava sentindo depois de ter me fundido e fodido, mesmo que apenas mentalmente, a Yara. Talvez essa leve tristeza também fosse agravada pela conclusão, cada vez mais concreta, de que eu nunca teria aquela mulher. De que ela me escaparia nas suas viagens, paixões paralelas, aventuras das quais nunca abriria mão. E era justamente isso, sua natureza livre, que me dava tanto tesão. Que paradoxalmente me amarrava a ela. E eu, era quem? Naquele momento uma mulher que assistia a um concurso de fantasias de cachorros.

O primeiro candidato a entrar na passarela foi um vira-lata de tamanho mediano com um chapéu de caubói e uma cartucheira amarrada à barriga, puxado por uma adolescente. O público aplaudiu, Cora chegou a gritar, gostei de vê-la vibrando. Em seguida, apareceu um candidato minúsculo, talvez fosse um recém-nascido, vestido com uma camiseta do Super-Homem e coberto por uma capa vermelha. O herói assustou-se com a plateia, empacou na entrada do palco, sua dona puxou-o pela coleira, inutilmente. Teve que pegar o cãozinho no colo e mesmo assim, e talvez por isso, ganhou uma salva de palmas. Depois foi a vez de um cachorro vestido de astronauta, acompanhado de um garoto vestido de astronauta. Foram ovacionados por causa da perfeição dos trajes, ambos usavam macacões, capacetes e adesivos da Nasa. Na sequência um cachorro com chapéu e nariz de palhaço, e atrás dele a nossa já conhecida rumbeira. E então um vira-lata pequeno, arredio, com uma peruca preta topetuda e um blazer branco cravejado de pedras coloridas. Não sei exatamente por quê, o cachorro vestido de Elvis me fez chorar. Um choro provocado pela tristeza subliminar que havia naquele concurso mas também cheio de outras coisas, como sempre são os choros, corredeiras que levam tudo junto.

Não consegui me conter. Ou talvez não quisesse. Deixei que as lágrimas escorressem pelo canto do meu rosto, Cora estava distraída demais para vê-las. Mas Cacá percebeu e me olhou com pena. Para minha surpresa, disse: vai passar, e colocou o braço em volta do meu ombro. Naquele momento, tive a sensação de que ele sabia da Yara, de que tinha me ouvido dizer “eu te amo” no celular, de que tinha lido os tantos sinais que eu acabara por deixar transparecer. E mesmo desconfiando, teve a inteligência de não me pôr contra a parede — de que adiantaria? Senti amor pelo meu marido, um amor que não sentia havia tempos. Aninhei-me a ele. E lamentei os mecanismos do casamento, as dinâmicas que induzem mas também desgastam o amor. Ou seria apenas o tempo, a erosão inevitável do tempo? Eu não tinha a menor ideia, porque ainda que fizesse documentários ou terapias ou pensasse sobre o amor, nunca havia chegado perto de dissecá-lo. Para mim o que gerava e regia o amor era algo inexplicável, como a orquestração que leva as aves a voarem em bando formando desenhos. Lá estavam todos os elementos que um dia me atraíram no Cacá: seu bom humor, seu companheirismo, sua capacidade de falar sobre qualquer assunto, mas os predicados não voavam mais em harmonia, não formavam mais desenho algum. Não me diziam nada. E que pena que não diziam, porque para mim seria mais fácil seguir amando o pai da minha filha do que amar outra pessoa. Mas era Yara que eu queria e foi nela que pensei quando vi alguém tentar colocar um troféu na pata de um astronauta que veio do lobo.

Resolvo me arrumar para sair. Sou caprichosa, nunca saio de qualquer jeito, mas agora é ainda mais importante parecer uma mulher decente, não uma louca que saiu carregando o filho dos outros. Paro na frente do espelho do banheiro, molho as mãos, aliso a piaçava. Parece que o cabelo sente quando a gente está nervosa, vai ver é a umidade das lágrimas, esses fios todos elétricos no topo da cabeça. Aliso tudo, prendo num coque. Maquiagem não tenho, mas passo uma água no rosto, penteio as sobrancelhas.

Depois vou juntando meus poucos pertences, as coisas que peguei por aí, as bijuterias, os saquinhos de ketchup, o saca-rolhas, a caneta, os produtos do Fruto Proibido que voaram da bolsa. E os pedaços da Nega, o que vou fazer com isso? Deixar tudo jogado no chão parece desprezo, não é bom fazer pouquinho de uma Nossa Senhora. Vou juntando os pedaços pra jogar no lixo, mas me toco que é pior ainda. Se abandonar é desprezo, pôr no lixo é ofensa. Se pudesse, enterrava, do barro veio e ao barro voltará, uma cruz de palito de dentes sobre a terra, uma oração de despedida e o mato cobrindo tudo depois. Seria um fim bonito, mas não tenho tempo nem terra pra isso. Quase nunca temos terra pra nada, sempre estamos tão longe de onde nossos pés nunca deviam ter saído, vai ver por isso sofremos tanto. Diga, Nega, o que faço com você? Se eu deixar os pedaços na mesa de cabeceira, alguém pode encontrar e colar. Pobre é tão bom em ressuscitar as coisas. Mas também pode jogar no lixo. Talvez a melhor solução seja deixar tudo debaixo da

cama, aposto que arrumadeira de motel não se dá ao trabalho de limpar lá embaixo, passar vassoura e aspirador como se faz em casa de família. A Nega vai ficar uma eternidade debaixo dessa cama, e então começo a imaginar a quantidade de coisas que esses ouvidos santos vão testemunhar, talvez esse seja o inferno, morrer e ficar pra sempre preso debaixo de uma cama onde ninguém nunca dorme.

E já que não sei onde enfiar a Nega, resolvo levar junto. Na bolsa não cabe direito. Embrulho no saco plástico onde vieram as toalhas, um nozinho bem dado na ponta. Dou uma olhada no quarto pra ver se não esqueci alguma coisa. Depois coloco a bolsa debaixo do braço, pego a Cora no colo, o saco plástico na mão. Com tanta coisa mal consigo abrir a porta, fechar nem pensar, a arrumadeira que resolva depois. Vou caminhando rápido, o peso da criança aumenta com o passar dos minutos, sei que uma hora vou me cansar.

Quando chego na saída do motel, tem um veículo no caixa, sou obrigada a parar atrás, abaixo a cabeça por causa das câmeras. O carro logo arranca e eu avanço. O moço do caixa parece que viu uma assombração, a senhora tava aí no motel? Digo que estava na suíte Orquídea e apoio a Cora no balcão pra pegar o dinheiro. Tenho medo de que me descubram se eu usar o cartão. Ele calcula, teve comida, teve bebida, me entrega o total por uma gaveta, ainda olhando encafifado pra mim. Dou o dinheiro e pergunto se ele pode chamar um táxi. Ele diz que sim e pega o telefone. Segue me olhando enquanto digita os números. De repente sinto medo de que esteja ligando pra polícia. Alô, as duas procuradas estão aqui comigo, pode mandar a viatura. Bato discretamente na madeira do balcão, o moço vê. E minhas batidas devem funcionar, porque ninguém atende. E se ninguém atende, é para o ponto mesmo que ele deve estar ligando. A essa hora é difícil, diz. Toda hora é difícil, resmungo irritada. Meu plano era ir até uma rodoviária. Dependendo do

preço, quem sabe pegar um táxi até o meu destino. Mas às vezes a gente tem um plano e Deus tem outro. No meu caso, Deus sempre tem outro. Pergunto onde tem um ponto de ônibus e saio caminhando do motel.

Ando uns quinhentos, oitocentos metros. Talvez isso não seja muito pra quem vai com os braços soltos, mas estou carregando uma menina que virou um saco de cimento, sinto o suor descendo pela minha testa. Chego no ponto com aquela sensação de que não poderia dar mais nem um passo. Acomodo a Cora no banco. Depois tiro o meu casaco, cubro o corpinho dela. Reparo que um dos seus sapatos, o que estava acalcanhado, caiu do pé. Era só o que faltava, como é que eu vou achar um calçado uma hora dessas? Olho em volta, a noite está clara por causa da lua, talvez eu possa ver. Agarro a minha Nega e ando para um lado, para outro, uso a lanterna do celular, vejo até bosta de cavalo, mas não vejo a sapatilha. Deve ter caído mais pra longe, e até penso em avançar, mas não posso deixar a menina sozinha, nem correr o risco de não pegar o ônibus. Volto para o banco, imaginando o sapatinho caído num canto, mais um sapato caído num canto. É o que as pessoas mais perdem, o que têm nos pés. Eu sei porque minha timidez me faz andar olhando para o chão e já vi de tudo perdido por aí, chapéu, óculos, chave, presilha, documento, cartela de remédio. Até faca e carta de baralho já vi. Mas nada supera o número de sapatos. Em tudo que é canto tem um pé perdido, um pé sozinho. E eu sempre pensei no estado da pessoa pra largar o calçado, porque você pode largar tudo nesta vida, um marido, uma casa, uma cidade, um passado inteiro, mas não aquilo que vai te levar pra frente. Quem larga um sapato não tem mais esperança de nada.

Eu ainda não estou a ponto de largar a minha sandália. Se Deus quiser, daqui a pouco passa um ônibus que me leve pra alguma cidade onde posso arrumar um transporte. Duro é

aguentar esse frio. Esfrego os braços. Depois arrumo melhor a Cora, tento enrolar minha jaqueta nela como um saco de dormir, mas não consigo porque me desconcentro. É o seu Cacá, ligando de novo. O barulho da chamada me dá nos nervos. Meto o aparelho dentro da bolsa e volto o olho pra estrada.

Perto da meia-noite, o telefone toca. É a minha irmã, ligando do sítio. Não sei por quê, sinto que algo está errado. Talvez pelo jeito demorado como diz meu nome. Ela conta que a Cora não está lá. E a mãe, não sabe dela? Minha irmã diz que não. Que estão preocupadas. Que vão fazer um lanche, descansar um pouco e pegar a estrada para São Paulo. Desligo, conto para o Cacá. Ele pega o celular e a carteira e diz: vamos pra delegacia. Nem troco de roupa. Saio de calça de moletom e chinelos, só levo a bolsa. Aperto o botão do elevador várias vezes. Entramos. A viagem do terceiro andar ao térreo nunca foi tão longa, a viagem do elevador ao carro nunca foi tão longa.

O Cacá dá partida, sai acelerando pela garagem. Digo: puta merda, o que pode ter acontecido? Boa coisa não foi, ele diz. Começamos a aventar teorias. Quando ele para, eu sigo sozinha.

*Era um, o sacizinho.
Uma arma alguém sacou.
O sacizinho morreu
e não sobrou nenhum.
Era um, o sacizinho.*

Para, Fernanda, sua idiota, digo para mim. Abro o vidro, respiro fundo. Ainda bem que a delegacia é perto. Logo estacionamos na avenida Angélica. Caminhamos depressa, entramos pelo portão do 14º DP. Tenho a sensação de que uma nova realidade, triste e talvez irreversível, se consolida a cada passo que dou. Cogito

não passar pela porta, como se negar um fato o salvasse de existir, mas claro que não me prendo a essa bobagem e avanço.

Encostamos no guichê. Nossa filha sumiu. Um policial se vira para nós: tem quantos anos? Quatro, Cacá responde, mais rápido que eu. O homem franze a testa. Quatro é problema. Agora há pouco apareceu uma mãe dando queixa do desaparecimento da filha de vinte e dois anos. Vinte e dois geralmente não é problema. Mas, enfim, já vamos atender vocês, diz, e aponta para uma sala de espera com algumas cadeiras.

Eu não consigo sentar. Como alguém pode sentar numa situação dessas? Nem o monge do Cacá consegue, anda de um lado para outro, pega um copo d'água. O meu celular vibra, torço para ser uma mensagem da Maju. Dona Fernanda, viemos dormir na casa da fulaninha, desculpe avisar só agora. Mas é a Yara me mandando boa-noite e uma mordida na bunda. Tenho vontade de contar para ela o que está acontecendo. Não posso fazer isso na presença do Cacá, mas de repente tudo parece tão irrelevante: a crise do meu casamento, o meu marido, a própria Yara. Me afasto um pouco e falo rapidamente com ela. Depois volto para a sala.

O delegado nos chama. Antes de mais nada, pede que a gente dê os nossos dados para o escrivão. Assim como a viagem de elevador, meu nome parece um longo percurso, nunca me incomodou tanto soletrar as várias consoantes do meu sobrenome polonês. Eles também querem a identidade da Cora. Cacá diz que não temos. É a babá quem cuida da nossa filha a maior parte do tempo, leva com ela o RG, o cartão do plano de saúde. De qualquer forma, damos as informações sobre a Cora, nome e data de nascimento, aparência física. Mas na hora de falar da Maju, não sabemos tudo. Nem eu que a registrei lembro o seu nome completo, só sei que é Maria Júlia, cabelos castanhos, olhos castanhos, pele branca, estatura mediana, quarenta e quatro anos, a mesma idade que eu. O delegado diz

que tudo bem, quando chegar em casa lhe envio o que falta. O mais importante agora é entender o caso.

Quem conta é o Cacá. Explica um pouco a rotina da Cora e da Maju, fala que nessa segunda não foi diferente, as duas saíram cedo, logo depois do café da manhã, para pegar um táxi no ponto e ir ao clube, onde a nossa filha faz natação. O delegado pergunta se vimos as duas saindo. Dizemos que não, mas que a outra empregada viu e nada lhe chamou a atenção, a não ser o fato de a babá estar carregando uma bolsa grande e um tupperware, coisa que não chega a ser estranha porque, além da toalha e de roupas para Cora, Maju costuma levar frutas picadas para o lanche. Tem também a naninha, que elas levaram, acrescento, contando que foi o que nos fez crer que as duas tinham viajado com minha mãe. O delegado quer saber se isso é incomum, levar a naninha. Dizemos que não tanto, quando Cora está manhosa deixamos que saia com a ovelha. Ele olha bem para o Cacá, já entendeu quem é quem na relação, e indaga se Maju é de confiança. Totalmente, Cacá responde, e eu assinto, acrescentando que ela está conosco há três anos. O delegado pergunta se sabemos qual foi o taxista que as levou para o clube. Respondemos que não, mas será fácil descobrir, algum conhecido do ponto. Depois pergunta se ligamos para o clube e para a escola, elas estiveram nesses lugares? Cacá diz que não ligamos, até pouco antes achávamos que elas estavam no sítio, viemos correndo para a delegacia, assim que soubemos que não tinham ido para lá. Em seguida, o delegado quer detalhes da nossa situação financeira. Conto em que bairro moramos, que temos um Renault. Ele pergunta se recebemos algum telefonema estranho, alguma ligação de número desconhecido. Digo que não. Ele olha para o relógio de parede. Diz que não deve ser sequestro. Além de não termos bens ostensivos, se fosse esse tipo de coisa os sequestradores já teriam entrado em contato. Mas claro que nunca se sabe, ainda mais num país de técnicas

de extorsão tão criativas, tão variadas. Posto isso, nos orienta sobre o que fazer caso recebêssemos uma dessas ligações.

Em seguida, o delegado baixa os olhos para umas anotações ilegíveis que fez no papel na sua frente. Continua: e essa Maju, sabem se estava passando por algum aperto financeiro? Digo que não, não que eu saiba. E é difícil que esteja passando, recebe um salário excelente. Às vezes ela tem alguma dívida, um filho envolvido com drogas, ele sugere, e percebo que está indo no caminho errado, desconfiando de quem não tem que desconfiar. Cacá deve achar a mesma coisa, porque logo responde que Maju não tem filhos. Que é uma mulher bem-casada, está tentando engravidar, não tem por que se meter em confusão. O delegado pergunta sobre os funcionários do prédio. Cacá fala um pouco do Chico, do Aldo, também não acreditamos que eles possam estar envolvidos.

O delegado quer saber se temos algum palpite. Pode parecer ridículo, ele diz, mas às vezes a solução do caso está dentro das pessoas. O Cacá dá uma risada nervosa, fala que adoraria que a solução estivesse dentro dele. Eu digo que também não faço ideia, mas temo que se trate de assalto. E depositando em cima da mesa a minha angústia contida e recontida, pergunto: você acha que elas podem ter sido assassinadas? Pela primeira vez, ele me olha com pena. Eu entendo que sim, era possível que tivessem sido, e sinto vontade de ir ao banheiro. Seguro, não vou sair dali sem ouvir tudo. O que mais pode ser?, indago. Ele responde: um acidente, podem ter sido vítimas de uma batida e por algum motivo não acharam os documentos. Vítimas, Cacá repete, olhando para o nada, e tenho a sensação de que vai chorar, ponho a minha mão sobre a sua coxa. O delegado diz que também pode se tratar de um desaparecimento, um sumiço sem explicação. Pergunto se isso é comum. Ele afirma que mais do que a gente pensa. Não ouvimos falar tanto a respeito porque as mães de filhos desaparecidos costumam ter vergonha de

expor suas histórias. São como as mães de crianças que morrem afogadas, acham que foram negligentes mesmo quando não foram, têm certeza de que a culpa é delas. Depois disso, ele pega mais alguns dados, entrega o boletim de ocorrência e diz para mantermos a calma. Vão colocar tudo no sistema, checar hospitais e delegacias, dentro de umas três horas já devem ter algum tipo de informação e ligam para nós.

Assim que saímos da sala, corro para o banheiro. Nem olho se o assento está limpo. Sento e, para minha surpresa, cago. Cago muito. Depois, ainda na privada, olho o celular. As mensagens da Maju, que eu tanto ignorei nos últimos anos, agora são as que mais espero. Mando para ela: kd vc? kd vc? kd vc?, mesmo sem ter muita esperança de que responda.

Ao sair do banheiro, encontro Cacá me esperando. Caminhamos em silêncio até a rua. Perto do carro, tem uma banca de revista. Parei de fumar faz anos, mas foda-se o esforço que eu fiz. Peço um maço de Marlboro vermelho, quero o que há de mais forte. Peço também um isqueiro. O moço da banca aponta para uma dezena de Bics, me pergunta qual a cor. Digo que tanto faz. Pago, dou alguns passos pela calçada. Cacá nunca fumou, detesta o cheiro de cigarro, mas me pede um. Está frio, ventando, temos que fazer cabaninhas com as mãos para acender o cigarro um do outro. Olho o rosto tenso do Cacá. Esse cara já foi meu namorado, meu marido, meu amigo, em alguns momentos meu pai. Agora é também meu irmão.

Como o ônibus não aparece, acabo pegando de novo o celular. A tela tem mais uma mensagem: kd vc? kd vc? kd vc? Não sei por que fui olhar essa tranqueira, guardo de novo na bolsa. Não são só as mensagens que me deixam nervosa, essa demora também. Estou acostumada com São Paulo, com aquele ir e vir de ônibus o tempo todo, seja a hora que for. Aqui pelo jeito é como Mandaguçu, passa um ônibus na vida e outro na morte. E pelo jeito até esses dois já passaram. Será que é isso mesmo, não vem mais nada hoje? É quase meia-noite, não posso mais esperar.

Nunca pensei em pegar carona, sempre achei coisa de gente sem juízo, mas agora penso a respeito. Que mais posso fazer? Claro que não vou pegar carona com qualquer um, a quantidade de gente assassinada que já vi na tevê, minha Nossa Senhora. Será que é melhor fazer sinal pra carro ou caminhão? Talvez carro, uma mulher seria o ideal. Mas, nessa escuridão, como é que eu vou saber se tem uma mulher dentro do carro? Nem se tivesse uma girafa na direção eu ia saber. O que dá pra enxergar é o tipo do carro. Melhor acenar para os mais caros, mais novos. De gente que trabalha, ganha salário, usa sachê no retrovisor. Eu ouvi alguém falar um dia que o primeiro sinal de loucura é a falta de asseio, a pessoa fica tão abilolada que esquece de se cuidar, de cuidar das suas coisas. Então essa Variant caindo aos pedaços que passou agora, nem pensar. O carro que vem atrás também me deixa com a pulga atrás da orelha, comprido demais, parece transporte de funerária, o que esse maluco leva aí

dentro? Em seguida, a estrada fica vazia. Eu olho o relógio, meia-noite e seis. Meia-noite e oito. Meia-noite e treze. Uns faróis aparecem lá longe e eu reconheço o modelo, um Chevrolet Prisma igual ao do Lauro, carro de quem paga as contas em dia. Levanto a mão, estico o polegar como fazem nos filmes. O Prisma para. Um rapaz de vinte e poucos anos abre o vidro. Parece boa pessoa, o cabelo todo penteado pra trás. A senhora vai pra onde? Dou uma bisolhada dentro do veículo, tudo normal, nenhum revólver, nenhuma faca, nenhuma serra elétrica, mesmo assim sinto um medo tão grande. Na hora que entrar não vou ter mais controle de nada. A senhora vai pra onde?, repete. Não vou pra lugar nenhum. Tava só acenando. O moço bufa e arranca.

Sinto um desânimo. Uma vontade de desistir de tudo. Da carona, da vida. Não seria bom se a gente pudesse fazer isso, desligar como uma máquina desliga? Viveríamos um pouco e voltaríamos a viver quando doesse menos. Se não fosse pela Cora, eu ficava aqui até acabar a bateria, até cair de fome ou frio e alguém me recolher. Ou não me recolher, feito o lixo dos lugares abandonados por Deus, onde gente e embalagem são tudo a mesma coisa. E falando em embalagem, lá vem outro caminhão, a carinha da Elma Chips sorrindo na carroceria. Penso: por que não? Talvez seja até melhor. Motorista é empregado, com carga pra entregar, horário pra cumprir, não vai ficar estuprando durante o expediente. Pra mostrar que sou mulher direita, vou até o banco, pego a Picochuca. Volto com ela dormindo no meu colo, levanto a mão. Outro vem e passa direto por mim. Não demora muito e aparece uma cegonha. Esse vai parar, leva tanto carro, o que custa levar uma mulher e uma menina? Deve custar alguma coisa, porque o motorista não para. Talvez não tenha enxergado a gente. Resolvo avançar um pouco mais, meu pé direito em cima da faixa amarela. Lá vem mais um e penso que foi enviado pra mim, no para-choque escrito bem grande Rastreado por Deus. Mas esse também não para, assim

como a carreta e o caminhão-tanque que vem atrás dela e passa como se eu não existisse. Fico pensando o que é que está acontecendo, a vida arrancou o coração de todas essas pessoas? Depois de alguns minutos, vem outro. Pra minha surpresa, o caminhão freia. A porta abre. Um homem me olha lá de cima. Tenho medo dele, mas parece que ele também tem medo de mim. Me observa, desconfiado, do assento coberto por bolinhas de madeira, que nem as que o Lauro usava pra relaxar no trânsito. Tô indo pra São Paulo, falo pra ele. Eu também, sobe aí, diz, e estende a mão pra me ajudar. Não sei se é a gentileza ou o banco igual ao do Lauro, mas não sinto tanto medo dele, só um pouco. Sento, me ajeito sem acordar a Picochuca, ponho o cinto de segurança. É tua filha?, pergunta. Digo que sim. Ele arranca, o motor fazendo barulho.

Depois pergunta o que uma mulher como eu faz na estrada, a uma hora dessas. Conto que fui roubada na lanchonete. Deixei a mala de lado um segundo, enquanto dava janta pra menina, levaram embora. Minto que lá dentro estava todo o meu dinheiro, os nossos documentos. Por isso resolvi voltar pra São Paulo. Me diz que a estrada está cheia de sem-vergonha, ele bem sabe. E de gente desalmada, completo, contando que estava pedindo carona há quase meia hora e nenhum caminhoneiro parava. É porque a senhora tá com a menina, ele fala. Se a senhora fosse rapariga, tinham parado. Não entendo nada, pergunto o que é rapariga. Ele diz que é mulher da vida. Eles sabem pelo jeito de se vestir, de subir na cabine. Todo mundo sobe de frente, rapariga sobe de ladinho. Eu balanço a cabeça. Ele continua, me explica que nenhum caminhoneiro parou porque mulher com criança pedindo carona é treta. Pergunto que tipo de treta. Roubo de menor, ele fala. Sinto um frio no rego, será que ele sabe? Disse menor, jeito de falar de polícia. Imaginei esquartejamento, estupro, assalto, mas nunca ser presa por um agente disfarçado de caminhoneiro. Tento dar uma de desentendida, roubo de

menor? Pois é, roubam muito mais criança do que a gente imagina, fala, e olha pra mim. Fico tão nervosa que já estou quase me entregando, pode me algemar aqui mesmo, meu filho. Ele continua: mas pelo jeito de se vestir da senhora, logo vi que é outro tipo de pessoa. Respiro aliviada. Ele pega uma cartela de comprimido. Bota um na boca, engole com água. Depois me oferece a garrafinha. Estou morrendo de sede, mas tenho vergonha de aceitar, não quero parecer folgada, bicando bebida, bicando carona. Sem falar dos germes, vai saber a última vez que esse homem escovou os dentes, tomou um banho. Agradeço e digo que não estou com sede. Depois sigo bisolhando em volta. Esse deve viver na estrada, porque a cabine é arrumada como se fosse a casa dele. Uma bandeira do Flamengo no teto. A foto de uma mulher no painel. Uma coberta bem dobrada atrás do banco. Também dou uma observada nele, com o canto do olho. Deve ter uns trinta anos e pra feio não serve. Moreno de rosto largo, a Neide no meu lugar ia ficar louca. E parece boa pessoa. Me pergunta se quero ligar o ar, se a temperatura está boa pra menina. Mas tem alguma coisa de estranho nele. Uma inquietação, os dedos batendo no volante, ele olhando sem parar nos retrovisores. Será que está fugindo de alguém? Dou uma checada no espelho da minha lateral, como são grandes os retrovisores de caminhão, mas não vejo nenhum farol atrás da gente.

Ele pergunta com que eu trabalho. Conto que sou doméstica, de certa forma é verdade. Sou acanhada, mas levo o papo adiante, o homem vive sozinho na estrada, deve estar louco pra conversar. E você, tá há muito tempo nessa vida? Desde que aprendi a dirigir, responde. Em seguida me conta que nem sempre guiou esse tipo de caminhão. Começou com carreto de mudanças, depois ficou anos como graneleiro, levava soja, milho, essas coisas, um trabalho chato porque carga seca é pesada, o motorista tem que ir devagar e ele não tem paciência. Bem se vê,

tenho vontade de dizer, olhando o fura-bolo que voltou a batucar, uma coisa que ele deve fazer sempre, porque o volante está gasto no lugar onde os dedos tocam.

Entramos no carro. Abro a janela, acendo outro cigarro. Enquanto isso, Cacá liga para a mãe da Bebel, colega de classe da Cora. Explica a situação, eu ouço o desespero dela no viva-voz. Cacá apazigua, mente que talvez Cora esteja dormindo na casa de alguma outra amiga, mas de qualquer forma pede que acorde a filha e pergunte se viu Cora na escola. Demora uns cinco minutos e a mãe volta dizendo que a menina não viu. Sabemos que isso não é garantia de nada, às vezes crianças de quatro anos veem uma batalha de dragões, mas não veem o colega ao lado. Atendendo à sugestão que o delegado tinha dado, mandamos uma mensagem no grupo do colégio, abrindo o jogo e pedindo que nos informem se viram ou se seus filhos viram a Cora.

Estou acostumada com o imediatismo dos meus grupos, com os workaholics, com os gringos em outro fuso, acho que teremos respostas imediatas, mas são quase duas da manhã e, aparentemente, mães e pais de crianças pequenas às vezes dormem. Cacá sugere que enquanto esperamos essas e outras notícias, façamos os caminhos que Cora e Maju devem ter feito. De casa para o clube, do clube para a escola. Embora não ache a proposta promissora, aceito.

Cacá abre sua janela. Não trocamos mais uma palavra. Os olhos atentos, os ouvidos atentos. O carro a trinta por hora. Ele vasculha o lado esquerdo da rua, eu o outro. É um daqueles quarteirões típicos da cidade, de pequenas construções geminadas. A essa hora, não há ninguém na rua. Só os letreiros

disputando o exíguo espaço urbano. Passamos pela Ótica Vivian com a grade abaixada. Os portões também abaixados de uma oficina mecânica. Na lateral, a porta que leva ao segundo andar, uma academia de muay thai cujas janelas são escuras, talvez nem de dia deixem transparecer alguma coisa. Em seguida, um portão de setas metálicas oculta um corredor estreito. Uma clínica de podologia com uma abertura baixa, claustrofóbica, como que talhada só para pernas e pés entrarem ali. O chaveiro não chega nem a ser uma casa, é uma porta apenas, com uma chave amarela de boné sinalizando o serviço. Ao lado, uma loja de doces, uma papelaria. E na esquina, o Taste Delivery, com a porta de aço abaixada mas não totalmente, um palmo de luz acesa vazando pela abertura, uma moto estacionada na frente. E tudo isso em somente um quarteirão. Se cada porta e cada janela de uma cidade escondem um mistério, por mais banal que seja esse mistério, quantos se escondem num lugar do tamanho de São Paulo? A mesma cidade que um dia me fascinou pelo seu infinito de possibilidades agora me aterroriza.

CENA 1 — TASTE DELIVERY — NOITE

Maju entra no delivery com Cora e pergunta se vendem pizza em pedaço, a criança sentiu o cheiro e ficou com vontade. O homem que está no caixa olha para Maju, depois para um motoboy sentado num banco. Os dois trocam um sorriso. O homem volta-se de novo para Maju.

HOMEM DO CAIXA

A cozinha já fechou, mas posso arranjar alguma coisa.

O homem do caixa entra na cozinha enquanto o motoqueiro se levanta e abaixa a porta de aço. O homem do caixa volta com uma faca de cozinha. Encurrala Maju na parede, passa a lâmina rente ao seu pescoço.

HOMEM DO CAIXA

Tira a roupa senão vamos cortar você e a menina.

Maju começa a tirar a roupa. O motoqueiro se aproxima, abre o zíper do macacão. Tira o pau duro para fora. Maju dirige-se aos homens.

MAJU

Não na frente dela.

O homem do caixa pega a criança, senta-a no colo dele, tapa seus olhos com uma das mãos. O motoqueiro encosta Maju no balcão e mete nela por trás. O homem do caixa assiste enquanto bolina Cora com a outra mão. A menina chora.

O farol abre e o Taste Delivery fica para trás. Eu nem conto para o Cacá o que imaginei. Não é hora de pirar, preciso prestar atenção na rua, lamento não ter trazido um Rivotril. É pensar nisso que uma farmácia aparece. Não surpreende que apareça, tem uma Droga Isso e uma Droga Aquilo em cada esquina, mas de qualquer forma eu não teria a receita para comprar o meu benzodiazepínico. Só olho lá para dentro, para aquela luz obscena de branca nas embalagens coloridas, procurando uma mulher e uma criança, uma mulher e uma criança, mas o balcão está vazio. Pleno de dor no seu vazio. E as aberturas não param de surgir, a padaria fechada, a casa gradeada, seguida de uma garagem com portas metálicas enlaçadas por um cadeado grosso.

CENA 2 — CASA — NOITE

O taxista para na calçada, abre as portas metálicas. Entra com o carro. Fecha o cadeado. Em seguida abre o portamalas. Pega Cora desacordada, leva no colo para dentro. Atravessa com ela uma sala, passando pelo sofá, mesa de centro, tevê. No fundo do ambiente, há outra porta, que ele destranca com a mão que está livre, revelando um lance profundo de escadas. Ele desce com cuidado para não pisar em falso, para não derrubar a menina. Lá embaixo há outra

porta, grossa, com duas fechaduras que ele destranca usando o mesmo molho de chaves. A porta abre e revela um minúsculo apartamento, de pé-direito baixo. Uma menina de onze anos, com a pele muito branca, de quem não vê a luz do sol há anos, está lavando a louça. Ela se vira assim que ouve a porta abrir. Aproxima-se para ver a criança que o taxista traz consigo, um olhar curioso mas ao mesmo tempo morto. A menina afasta o cabelo do rosto de Cora. Seu pulso branco e magro está circundado por inúmeras cicatrizes finas.

Lembro das mulheres que mataram o bugio. Sinto uma força que nunca senti, talvez nem no parto. Tenho a sensação de que consigo fazer qualquer coisa. Arrancar uma casa do chão, um prédio do asfalto como Godzilla, olhar nas entranhas de cada construção até achar a Cora. E só não tento fazer isso porque me falta altura e uma mão que abarque todo um telhado ou o diâmetro de um edifício. Penso que posso até voar se for preciso, embora não consiga voar para fora da minha própria loucura. Se bem que “loucura” não é a palavra. Tudo que imagino enquanto vejo esse labirinto de portas e janelas é possível, já aconteceu com diversas meninas. Pego mais um Marlboro, acendo e puxo com tanta força que a brasa consome um terço do cigarro de uma só vez. Intuo que não devo olhar para os buracos, Cora e Maju não devem estar nesses lugares e mesmo que estivessem, eu não veria. Devo olhar para a calçada, para onde posso encontrá-las. É isso que faço, quarteirão após quarteirão, os olhos cegos para as janelas acesas que tentam me seduzir, até que enxergo um viaduto. E embaixo dele três adultos e umas dez crianças perambulando entre colchões, um carrinho de catar papel e um fogareiro.

Maju e Cora caminham pela rua na hora do rush, as calçadas apinhadas de gente. Maju para e compra água, distrai-se conversando com o vendedor ambulante. Uma mulher pega Cora, que logo é posta num carrinho de catar papel junto com outra criança, em meio a grande quantidade de entulho. O carrinho segue por diversas ruas até chegar debaixo de um viaduto. A mulher veste Cora com roupas velhas. Depois a manda ir com um garoto pedir dinheiro no farol.

CENA 4 — RUA — NOITE

Maju paga o vendedor ambulante, vira para trás e percebe que Cora não está mais ali. Se desespera, sai andando por toda parte. Entra nos estabelecimentos comerciais, na estação de metrô, na galeria. Aborda a polícia, que pede seus documentos. Maju se assusta. Esgueira-se. Depois entra num táxi, vai até a rodoviária e embarca num ônibus para Mandaguari.

Ainda vejo o viaduto pelo retrovisor. Jogo fora o cigarro e digo: para. O Cacá não entende. Para esse carro agora, já sei o que aconteceu. Ele obedece. Eu saio, bato a porta. Ando rápido em direção ao viaduto. De perto, o amontoado de pessoas é ainda mais triste, de repente e pela primeira vez entendo o significado da palavra “miséria”, o chão coberto de embalagens pisoteadas, os meninos chupando plásticos vazios. Não são eles que procuro. Procuro por ela. Eu a vi de costas, o jeitinho de andar, a altura, os cabelos. Começo a gritar: Cora, Cora. Todos viram para mim com seus rostos encardidos. Sigo pisando sobre os colchões rasgados, como se este lugar não pertencesse a ninguém, como se pessoas não fossem ninguém, só cones dos quais preciso desviar para achar a minha filha. Cora, a mamãe tá aqui, grito, passando por cima de um cobertor e me aproximando da barraca que não preciso arrancar do chão como Godzilla

porque já está solta, sem porta e quase sem teto. Cora, repito, tocando o ombro da menina que agora já sei não ser quem procuro. A menina me olha confusa. A mulher que está na barraca me olha confusa. Escuto Cacá chamando por mim. Vejo nosso carro parado no meio da rua, o pisca-alerta ligado, meu marido correndo na minha direção. Vamos pra casa, Fer. Sinto sua mão tocando meu ombro. Sua voz repetindo: vem, vamos pra casa. Acho que ele pede desculpa para os moradores de rua, não sei bem. Caminhamos juntos, entramos no carro. Viro e pergunto pra ele: você acha que a gente vai encontrar a Cora? Acho. Acha mesmo? Acho, ele repete. Tomara que sim, porque deve ser melhor ter um filho morto do que desaparecido.

Não dá um minuto de silêncio, ele pergunta meu nome. Maju, respondo. Depois fico pensando se devia ter dito a verdade. E o teu? Ednardo. Eu já ouvi esse nome na boca do Lauro. Ednardo que nem o cantor? Exatamente, ele responde, e sorri orgulhoso, como se o cantor fosse ele. Depois aponta para a foto no painel. Conta que a mãe era fã do Ednardo. Estico o pescoço pra olhar melhor a foto. Ele descola do painel, põe na minha mão. Comento que a mãe é bonita. Ele sorri orgulhoso de novo, todo mundo me diz isso. Em seguida reencaixa a foto. Me conta que ela se chamava Samara. Morreu quando ele tinha catorze anos. Conto que minha mãe morreu quando eu tinha cinco. Ele me olha com pena. Não diz nada, mas entendo o que pensa, de repente se sentiu felizardo, teve nove anos a mais pra conhecer a mãe dele. Mas também paga o preço de ter amado, o amor sempre cobra um preço tão alto, está na cara que sofre mais a perda do que eu. Tanto que segue no assunto. Me conta que ela adorava a música Pavão Misterioso, você conhece? Digo que sim e é verdade, a memória surge na minha cabeça, lembro do Lauro na sala com o pano de prato no ombro cantando o refrão. Ele me conta que essa era a música preferida da mãe, uma época estendia até roupa no varal escutando, fez uma extensão para o aparelho de som chegar no quintal. Viro, percebo que ele está com a boca seca e os olhos cheios de lágrimas. Ele toma um gole d'água. Conta que quando a mãe estava morrendo, prometeu pra ela que escutaria a música todo dia, pelo resto da vida, em sua homenagem. E assim foi, durante anos, ouvindo

todo santo dia, não importava onde ou com quem estivesse. Até que num certo sábado foi preso. Arregalo os olhos, agora que estava me acalmando ele vem com essa? Para meu alívio, ele logo explica que não fez nada de errado. Atravessou muamba sem saber que era muamba de Palotina pra Guarapuava, uma carga de nove tevês sem nota no meio dos eletrodomésticos. Dou uma bisolhada nele, parece que está sendo sincero. Ou sou eu que quero que ele esteja sendo sincero. O que dá na mesma. Retoma dizendo que foi pego de trouxa, tanto que ficou só uma noite em cana, o tempo de desbaratarem a quadrilha. E nessa noite surgiu o problema, como é que ia fazer pra ouvir Pavão Misteriozo? A delegacia era pequena, a ala dos presos tinha só um corredor com três celas. Ficou na primeira, com um homem estranho, acocorado o tempo todo. Uns minutos depois de ir pra jaula, chamou o carcereiro, disse que precisava pedir uma coisa. Estava com vergonha de contar o pedido em voz alta, pediu que se aproximasse dele. O carcereiro disse que nem a pau, o último funcionário que se achegou de um preso naquela delegacia quase foi estrangulado através das grades. Se quisesse falar, que fosse de longe mesmo. Ednardo limpou a garganta e explicou o que prometera pra sua mãe, será que o carcereiro não podia arranjar um aparelho de som ou um celular, um jeito de tocar a música pra ele? O carcereiro ficou alguns segundos em silêncio. Depois estourou numa gargalhada e disse: larga mão de ser viado, rapaz! Nesse instante, o Ednardo ouviu outras gargalhadas, assobios, vozes gritando: viadinho. Não imaginava que tinha tanta gente nas celas vizinhas, como foi colocado na primeira, não tinha passado pelas outras. Calou-se e ali ficou, quieto como o acocorado. Já era tarde da noite e ele não tinha mais esperança de ser solto naquele dia, tanto que se desculpou com a mãe, dizendo pra ela que já tinha feito muita coisa errada e ela era testemunha, mas das tevês não sabia, nem que terminaria a noite ali, sem escova de dente e pavão. Depois

tentou dormir, mas o colchão de molas gemia mais que um doente. Além disso, Ednardo sempre virava a noite dirigindo, não estava acostumado a pregar o olho àquela hora. E que bom que não pregou, porque um tempo depois, quando a delegacia estava em silêncio, quando devia ser perto da meia-noite, ouviu uma voz. Vinha de uma das celas ao lado. Aguda, afinada, cantando as primeiras palavras. *Pavão misterioso, pássaro formoso...* Ficou com medo de que fosse uma tiração de sarro, mas a voz continuou: *tudo é mistério nesse teu voar...*, e assim seguiu, verso a verso, pausa a pausa, afinada até o final, *eles são muitos, mas não podem voar*. Ednardo achou que o preso ia ser vaiado, mas não, ninguém deu um pio, nem mesmo o carcereiro. No dia seguinte ele foi solto, sem nunca saber como é o rosto do homem que cantou pra ele. Vejo que os olhos do Ednardo aguaram de novo. A história também me arrepiou. Ou arrupiu, como diria minha vó, que nem gostava de música mas me aparece na cachola, puxada pelos mistérios do pavão. Chego a pensar se a história é verdade, mas por que ele inventaria isso? Como não sei o que falar, digo que conheço a música. Que é muito bonita. Ô se é, ele diz. Depois olha nos retrovisores e continua, dizendo que não sabe se é só com essa letra ou com outras, porque as outras ele não escuta nem canta sempre, mas é muito curioso como cada dia ou cada época que ele ouve, a música ganha um significado diferente. Como a estrada, que nunca é a mesma, não importa quantas vezes você passe por ela. Na noite em que estava preso, era da prisão que a letra falava. *Meu pássaro formoso, no escuro dessa noite me ajuda a cantar. Derrama essas faíscas, despeja esse trovão, desmancha isso tudo que não é certo não*, ele cantarola. E eu penso que não, o pavão fala é da Cora, de todo o errado que precisa ser desmanchado o quanto antes. Não sei se é de tanto falar ou cantarolar ou o quê, mas a boca do Ednardo fica seca de novo. Eu sei porque os lábios dele grudam na gengiva, ele pega a

garrafa d'água. Depois me oferece um pouco. Estou morta de sede, mas aguento, essa loucura de germes e bactérias, por Deus que eu não queria ser assim.

Um posto aparece. O Ednardo pergunta se estou com fome. Digo que não, nunca daria a ele o trabalho de parar por minha causa. Além de nem estar sentindo muita fome. Nunca sinto quando estou nervosa desse jeito. Ele diz que deu uma banguela no almoço, também não está com fome, mas precisa comer alguma coisa pra seguir de pé. Depois vai freando, entra no posto. Estaciona. Pergunta se vou descer. Até quero, mas não dá. Teria que levar comigo a Picochuca e não posso correr o risco de acordar a menina. Deixar a Cora sozinha no caminhão, nem pensar. O medo que eu tenho de asfixia com as janelas fechadas. O medo que eu tenho de roubo com as janelas abertas. O medo que eu tenho do Ednardo me deixar e partir com ela. O jeito é ficar na cabine. Peço pra ele me comprar água e uma coxinha. Tiro o cascalho do sutiã, boto na mão dele uma nota de vinte. Ele diz que já volta e bate aquela portona pesada.

Me dou conta de que tenho uma chance de ouro. A chance de ver se esse homem é de confiança. Se posso seguir tranquila até São Paulo. Espero ele entrar na lanchonete. Abro o porta-luvas, minha mão tremendo porque não sou de fazer esse tipo de coisa, em quase trinta anos trabalhando em casa de família nunca fuxiquei uma gaveta. Mas hoje não é um dia qualquer. Mexo lá dentro, encontro mais remédios, um pacote de camisinha, um CD com uma pluma azul e bege na capa. E a carteira de trabalho. Abro, vejo a foto. Ele mais novo, mais bonito ainda. Viro a página sentindo um frio na barriga, já pensou se o nome dele é José Carlos, vou ter que sair correndo em fuga com a Cora? Mas ele se chama Ednardo mesmo. Ednardo Pereira de Souza. Filho de Maria Samara Alves Pereira e Rogério de Souza. Viro as páginas, faço o que aprendi com minhas patroas, verificar se a pessoa dura nos empregos, mas antes que eu ache a data de

admissão, vejo o Ednardo voltando. Fecho rápido o porta-luvas, ele cada vez mais perto, com duas garrafas d'água, um saco de papel na outra mão. Abre a porta. Me entrega uma Minalba e duas coxinhas, diz que a outra é pra menina. Conto pra ele que criança dessa idade, quando dorme, demora a acordar. Mas obrigada, quando ela acordar é bom que tenha o que comer. Ele também trouxe uma coxinha pra ele, come em duas mordidas. Limpa a boca com as costas da mão. Será que só comeu isso? Acho estranho um homem tão grande comer tão pouco, lembro do Lauro, era uma retroescavadeira, mas claro que não comento nada. Como falava a minha vó, carona não pia. Ainda mais de boca cheia, mastigando. Quando acabo, estou com tanta sede que bebo quase um litro d'água. O Ednardo engole mais um comprimido e toma a Minalba dele.

Chegamos em casa. Cacá diz para eu tomar um comprimido, mas nem precisava. É a primeira coisa que faço, depois de revirar rápido a minha gaveta. Que alívio me dá sentir o plástico da cartela estalar, o comprimido derreter debaixo da língua. Penso em tomar dois, mas mudo de ideia, ficaria chapada demais e agora não posso, preciso estar atenta.

Volto para a sala e encontro meu marido no telefone. Pela conversa deduzo que uma mãe do grupo viu a mensagem e se desesperou, resolveu nos ligar para saber o que está acontecendo. Não estou ouvindo, mas sinto sua curiosidade mórbida através das respostas detalhadas do Cacá. Meu celular também tem perguntas. Da minha irmã, da Yara. Respondo de forma breve, estou com pressa, quero passar as informações que a polícia pediu. Abro meu computador, procuro pelo registro da Maju. Encontro o nome, CPF, RG, data e local de nascimento. Mandaguaçu, não Mandaguari. Depois procuro o endereço dela, o delegado ressaltou que seria bom encontrar o endereço, mas não acho. Também busco por ela nas redes sociais. Seu único perfil não tem informações nem postagens recentes.

Em seguida vou para o seu quarto, quem sabe lá ache algo relevante. Entro, acendo a luz. É tão raro eu pisar na Suíte Tóquio, a última vez deve ter sido quando acabei a reforma. Foi um trabalho bem pensado. Para o banheiro ganhar espaço, trouxemos a pia para dentro do quarto, como fazem os franceses. É a pia que olho primeiro, e lá encontro um pedaço minúsculo de sabonete. Bem a cara da Maju, usar tudo até o fim.

A escova de dentes não está aqui, mas acho normal, saíram para almoçar no clube, a Maju deve ter levado. É neurótica com a limpeza dos dentes. Em seguida, viro para o armário, por um segundo imagino que possa estar vazio, que ela levou consigo todas as suas coisas. É um pensamento estranho, não acredito que ela tenha fugido com a minha filha, está tentando engravidar, por que ela e o marido ficariam com uma criança que não é deles? Sem falar que se ela fosse maluca de fazer isso, já teria feito. Mas agora tudo que é absurdo passa pela minha cabeça. Tanto que abro o armário com medo. E de fato tomo um susto. Não porque esteja vazio, mas porque está cheio demais. Meu corpo se contrai ao ver o volume grande e escuro que logo reconheço ser a nossa árvore de Natal. Um pinheiro semidesmontado que não coube no meu closet, não coube em lugar nenhum e acabou vindo para cá. Ainda que o trambolho não seja dos maiores, Cacá optou por um modelo *slim*, preenche quase todo o armário de uma porta. No cantinho sobra espaço para apenas três cabides, ocupados por camisas brancas. Ainda há as gavetas. Na primeira tem calças. Na segunda, calcinhas desbeijadas, um pijama que era meu, agora completamente desbotado. Acho curioso, ela que é tão caprichosa, que ganha um salário tão bom, ter um vestuário tão roto. Talvez seja a pobreza, essa marca que nunca sai de ninguém, não importa quanto a borracha do dinheiro tente apagá-la. Abro a terceira e última gaveta, torcendo para encontrar algum documento, quem sabe um boleto com o endereço da Maju. Surpreendo-me ao dar com uma coleção de amenidades de lugares que frequentamos. Guardanapos do Starbucks, fósforos do Riviera, hashis do Sushi Cute. Por que diabos um ser humano ocidental precisa de tantos hashis? Não sei nem quero saber. Fecho a gaveta e o armário. Olho em volta, mas não há mais nenhum móvel nessa suíte além da cama. Curvo-me e lá embaixo só encontro um par de chinelos com a sola fina de tanto uso. Lembro da minha bisavó, das

peessoas que costumavam guardar dinheiro debaixo do colchão. Levanto a ponta do Ortosono. Sobre o estrado, vejo uma profusão de livros. Dispostos lado a lado, decerto para não fazer volume. Pego um deles. *O cretino irresistível*, Coleção Paixões Picantes. Por um segundo esqueço a desgraça em que estou metida e sorrio. Mas é só por um segundo, ou um milésimo de segundo. Depois devolvo o livro para o lugar, levanto os outros à procura de algum papel que não tenha caráter fictício. Não encontrando nada, vou para o banheiro. Acho outro sabonete gasto, esse com um fio de cabelo, um frasco de xampu quase vazio.

Saio da Suíte Tóquio, passo pela sala. Cacá me intercepta, perguntando se achei alguma coisa. Digo que não, que vou dar uma olhada nos outros cômodos. Entro no banheiro. Vejo o banquinho que Cora usa para alcançar a pia. O copo em que guarda a escova de dentes. Está vazio, mas, de novo, isso não me parece indício de nada. Em seguida vou para o quarto dela, acendo a luz. Lá está o universo singelo da minha criança. O papel de parede com bandeirolas coloridas, o lustre em forma de nuvem. A mesinha que o Cacá pintou porque não conseguiu achar nenhuma com a cor igual à das bandeirolas. Desvio das cadeirinhas, caminho até o armário. Cacá aparece. Vamos ver se elas levaram as coisas da natação. Avança na minha frente, abre a porta. Sabe exatamente em qual gaveta estão. A quantidade de maiôs e biquínis da Cora é tão grande que não fazemos ideia se está faltando um. Com os óculos de natação, quase a mesma coisa. Às vezes esquecemos de levar nas viagens e compramos um novo, devem ser três ou quatro, quem tem certeza? Mas a touca com a logomarca do clube é única. E está aqui. Terão esquecido? Ou não foram para a natação? Lembro da mochila da escola, vamos ver se levaram. Começamos a vasculhar o armário em busca da Kipling com um macaquinho no chaveiro. Não encontramos. Touca presente e mochila ausente compõem

uma informação ambígua. Mesmo assim, Cacá manda uma mensagem para a polícia.

Enquanto isso, sigo andando pelo quarto, não consigo ficar parada. Resolvo abrir os gavetões que guardam os brinquedos. Lembro de ter planejado esses gavetões, de ter etiquetado: bonecas, instrumentos, animais, jogos, carrinhos, massinha, outros. Um plano talhado para o fracasso. Crianças juntam cacarecos demais, babás não têm tempo para diferenciar um quebra-cabeça de um tangram, mães menos ainda, não há nada mais distante da vida do que a idealização da vida. Abro o gavetão classificado como “outros”. Encontro dezenas de pequenos objetos, itens que não se encaixam nos demais compartimentos ou dos quais minha filha reluta em se desfazer, como tampinhas, frutas de plástico, medalhas, braço mutilado de boneca, penas de uma velha peteca, tocos de giz de cera, sapatos de meio centímetro, fichas, balões murchos, pedaços de argila seca, um palmo de coisinhas soterradas umas sob as outras como restos de um tornado em Lilliput, onde agora afundo a minha mão, uma escavadeira trazendo à tona mais um monte de quinquilharias. Olho para tudo como um detetive perdido e desolado, observo um apito, um fantoche de papel cuja sustentação é um hashi. Giro o hashi entre os dedos. Descolo o desenho, dobro e guardo no bolso, se não como uma pista, como um amuleto. Depois sigo abrindo gavetas, revirando brinquedos, atirando chocalho, tambor e pianinho pelos ares. Cacá pergunta o que estou fazendo. Digo que não sei, e me sentindo pequena como minha filha, resolvo ligar para a minha mãe.

Nunca me dei muito bem com ela, mas de repente quero ouvir a sua voz. Aquele timbre de quem fumou e bebeu mais do que deveria. Aqueles conselhos inconsequentes que servem mais como indicação do que não fazer. Mesmo assim, ligo. Ela atende no viva-voz. Fala que já ia me ligar. Está com a minha irmã, acabaram de pegar a estrada, ansiosas por saber o que está

acontecendo. Conto sobre a visita à polícia. Explico que estamos esperando notícias de outras delegacias, de hospitais. Minha mãe começa a lembrar uma história do meu pai, que uma vez sumiu por quase vinte e quatro horas, tendo sido localizado entre os indigentes de um hospital público depois de um coma alcoólico e de uma jogatina que o fez perder até a roupa. Ela conta detalhes. Minha irmã a repreende, a neta desaparecida, onde já se viu ficar de papo-furado numa hora dessas? As duas se põem a discutir. Eu fico ouvindo. Suas vozes são como um ruído branco, há quarenta e quatro anos escuto as duas discutindo. A típica relação mãe e filha, uma reclamando da outra, se frustrando com a outra, às vezes sentindo inveja da outra. E apesar de tudo, juntas. Os relacionamentos amorosos vão, a lua de mel com o filho homem esfria, mas mãe e filha seguem enganchadas, trocando farpas até o último suspiro, na relação mais difícil mas talvez mais bonita de todas. Eu mordo os lábios, não é o tipo de pensamento que queria ter agora. Elas me chamam: Nanda, você tá aí? Digo que sim, enquanto vou me abaixando e abraçando os joelhos.

Não sei o que deu nesse homem. Está falando mais rápido, as narinas abrindo como se estivesse com raiva de alguma coisa. Eu olho pra estrada e não vejo nada, a assombração deve estar dentro dele. Ou talvez seja pressa, porque eu sinto que ele também está andando mais rápido. E logo agora que eu quero ir ao banheiro. Passamos por um posto, mas não tenho coragem de pedir pra ele parar, não quero incomodar, resolvo segurar um pouco. A pressa dele não é de todo ruim, pra mim quanto antes a gente chegar melhor, mas tem outro lado meu que quer que ele vá a vinte por hora. Que ele ande em círculos, que faça o retorno da estrada por dias e dias sem parar, o sol nascendo e se pondo, nascendo e se pondo, só para eu sentir o cheiro desses cabelos de criança por mais tempo.

Quando levanto o nariz da Cora, vejo que o Ednardo está pisando mais ainda, o marcador do painel passando dos cem. Pra mim já é questão de segurança. Tomo coragem e digo, como quem não quer nada: pela gente não tem pressa, viu? Ele olha pra mim. Diz: isso é coisa do prego. Pregos? Quem será esse, talvez o motorista que ele tanto procura pelo retrovisor? Eu não vou cometer a indiscrição de perguntar. Até porque é capaz dele falar por conta, ele não está parando de falar. Diz que é bom que a gente chegue cedo, porque São Paulo é treta, os caminhões têm horários limitados pra rodar. Depois pergunta onde nós moramos. Eu dou uma referência. Ele diz que consegue me deixar lá. Agradeço a Deus por ter colocado esse homem no meu caminho. E se ele está sendo tão gentil, não tem por que eu me

acanhado. Peço pra ele parar quando aparecer um posto, preciso ir no banheiro. Ele diz que tudo bem e segue falando, agora da mulher, o cristal dele. É assim que chamam mulher de caminhoneiro, cristal. Talvez porque precise ser muito preciosa pra aguentar um marido na estrada, aparecendo em casa uma, duas vezes por mês. Mas o cristal dele trincou. Arrumou outro. Viro para o lado e vejo seus olhos aguardando, esse consegue ser mais manteiga derretida do que eu. Me conta que ela avisou, ela bem que avisou. Estava cansada de ficar sozinha. Ou ele largava a vida de caminhoneiro ou ela ia sair com alguém. Penso no meu caso, na decisão de trabalho que me custou o casamento. Pergunto se ele não considerou largar a estrada pra ficar com ela. Disse que não, porque enlouqueceria. Na vida não temos controle de nada. Na estrada, pelo menos, ele tem a ilusão de que controla alguma coisa, que está no manche. Não sei o que é manche, mas imagino. Ele segue falando que ter que chegar em algum lugar também dá sentido pra falta de sentido que existe em tudo. Se sua vida fosse todo dia o mesmo sofá com a mesma janela, já teria metido uma bala na cabeça. Penso: como as pessoas são diferentes. Eu, se soubesse que os dias da minha vida iam ser cada um de um jeito, aí é que metia uma bala na cabeça.

Vejo um posto, mas é do outro lado da estrada. Pergunto para o Ednardo se eles se separaram, menos por curiosidade e mais pra me distrair da minha bexiga que está estourando. Ele diz que eles continuam juntos. Que na vida tudo se aprende, até a ser corno. Só fez um pedido pra mulher, que não conte das escapadas, que minta para ele se for preciso, mas diga para o amante que ele sabe de tudo. Corno sim, mas idiota nunca, diz, e suas narinas abrem de novo. Ele segue falando, mas já não consigo prestar atenção, minha bexiga é como aquelas que as crianças enchem de água, o plástico balangando pesado, apertando as minhas partes por dentro. Seguro com tanta força o

xixi que os pelos do meu braço levantam. Cada segundo vira um minuto. Ô tempo duro de atravessar. O corpo mostrando quem é que manda. Quem já passou fome e frio, sabe o poder do corpo. Quem nunca passou, descobre na doença. Ou na velhice. Uma hora todo mundo acaba se ajoelhando perante a própria carcaça. Eu estou aqui humilhada pela minha. Quando vai aparecer um posto? Sinto uma gota escapar, a urina molhando a calcinha.

Pode parar? Preciso urinar agora, digo. O Ednardo balança a cabeça. Dá seta e vai reduzindo até o acostamento. Só então me dou conta de que não tenho como fazer. Não posso deixar a Cora sozinha no caminhão. Até que estou confiando no Ednardo, mas de olhos fechados não confio em ninguém, nem nos taxistas da praça. Mesmo com eles, embarco eu antes e a Cora depois, porque se tem uma coisa que aprendi vendo programa policial, foi que psicopata não manda aviso. Vou ter que descer com ela no colo. O Ednardo diz: deixa a menina, eu cuido dela. Digo: não, obrigada, e vou descendo do caminhão, procurando um canto na beira do milharal. É tudo tão desgraçado nesta noite desgraçada que até a plantação está seca, escuto as folhas estalando debaixo dos meus pés. Pelo menos a lua está aqui, me guiando até uma moita. Penso em pôr a Picochuca no chão, mas lembro das cobras que andavam pelo meio dos pés de amora. Vou ter que fazer com ela no colo.

Ainda bem que estou de saia, se estivesse de calça seria impossível. Com a mão que está livre, levanto o tecido, enrolo na cintura. Depois vou abaixando a calcinha até ela cair no chão. Tiro um pé de dentro, depois o outro, empurro a peça para o lado. Tento me agachar um pouco, mas não consigo, me desequilibro, a Cora está pesada demais. O jeito é fazer de pé. Abro bem as pernas. Não acredito que vou urinar feito homem, o quadril apontado pra frente para o mijo não molhar os meus pés. Mas eu não sou homem, não tenho nem o direito de urinar em paz, as gotas respingam nos meus joelhos, nos meus tornozelos,

nos meus calçados. Será que o Ednardo está vendo? Sacudo, sacudo como um homem faria. Em seguida tento me abaixar pra pegar a calcinha, mas também não consigo, quase caio no chão. Além disso me dou conta de que a calcinha deve estar suja, empestada pela terra vermelha. Desisto de pegar. Solto a saia. Volto para o caminhão sentindo o cheiro de urina que vem comigo. O Ednardo estende a mão pra gente subir e abre as narinas, será que está sentindo o ranço? Logo eu, uma mulher tão limpa, passando por isso. Sinto uma tristeza. Uma sozinha. Um cansaço. E o Ednardo também deve estar cansado, porque dessa vez não puxa papo. Segue com os olhos bem abertos, os dedos batucando no volante, mas a boca fechada, trincada por aquela tensão que não consigo entender. Olho no relógio do caminhão. São quatro da manhã. Você não vai pegar no sono?, pergunto. Sem chance, ele diz. Relaxo um pouco. Minha Nossa Senhora, que exaustão.

Mãe, quer me ver nadar? Quer me ver correr daqui até aquele muro? Cortar esse mamão com a faca? Enfiar essa batata frita inteira na boca? Mergulhar na banheira? Quer me ver fazendo um rolinho com a língua? Piscando só com um olho? Quer me ver vestida de pirata? Duvida que eu suba a escada de dois em dois, mãe? Que eu alcance o botão do elevador? Que me limpe sozinha? Que escreva o meu nome? Que conte até mil? Que dê uma cambalhota? Que coloque o prato na pia sem derrubar? Que arrote a, e, i, o, u?

Olha pra mim dançando. Olha pra mim pulando do sofá.

Olha, olha, olha.

Olha pra mim, mãe.

Estou andando pelo supermercado. Paro junto de uma pilha de batatas, começo a escolher. Pego a primeira, sinto que está murcha. Pego outra, mas nem preciso apertar pra saber que está passada, vejo pela cor, meio verde. A terceira que pego está pior ainda, além de esverdeada, cheia de brotos, as coroas brancas pipocando. Desisto das baroas. Viro pra pilha de tomates, pego um vermelho, viçoso, mas logo sinto a pele toda enrugada. As alfaces, nem me dou ao trabalho de tocar, estão moles e pretas. O mamão todo carcomido, cheio de buracos escuros. Vou para o outro lado da gôndola, onde tudo parece mais fresco, as laranjas chamando a minha atenção. Pego uma. Na parte de baixo, uma mancha verde que vai clareando até ficar branca. Os morangos também não se salvam, neles o fungo é mais delicado, uma geada cobrindo os pontinhos amarelos. Desisto da seção de hortifrúti, vou até a geladeira. Pego uma garrafa de leite. Procuro a validade, não acho. Abro o lacre e cheiro. Azedo, coalhado. Fisgo um pacote de pão de fôrma, espio através do plástico, bolorento. As flores também estão morrendo, mas até nessa hora são mais bonitas, sem marcas na pele, só as pétalas caídas e marrons, pena que se desfazem nos dedos. Resolvo pegar um macarrão, coisa industrializada não estraga fácil. Puxo a caixa e os pennes caem de dentro, a embalagem está devorada pelas traças, a massa pelos carunchos, os bichos correm por dentro dos pedaços dos tubos, as outras partes já viraram pó. Devolvo a caixa pra gôndola e percebo que a madeira também está apodrecendo, devorada por cupins que correm junto com os

carunchos. Começo a sentir um desespero, o que está acontecendo? Penso em ir embora, mas não posso sair de mãos abanando, estou com fome, preciso dar de comer pra Cora. Resolvo ir até a peixaria, quem sabe lá eu consigo alguma coisa. Encosto o carrinho no balcão de metal, vejo uns dez robalos inteiros. O Lauro me ensinou que o melhor jeito de checar se um peixe está fresco é pela consistência, sentindo se a carne está firme. Toco um dos robalos e meu dedo afunda feito numa gelatina. Reparo que a guelra do bicho está desbotada, o olho amarelo, tenho a sensação de que pisca pra mim. Saio andando rápido, passo pela seção de carnes. O coxão mole está em oferta, resolvo pegar uma bandeja. A carne está azulada. Nunca comprei mignon, parece que hoje não tenho escapatória. Pego alguns bifés. Não chegam a estar podres, mas vejo a cabeça de um verme aparecendo no meio das estrias. Sinto nojo, largo no chão. Só então percebo que minha mão também tem bichos, não o verme do mignon, mas as lagartas da seda. Não sinto asco, até gosto do que estou vendo, fazia isso quando era pequena, ia até a criação de lagartas e enchia a mão com elas, depois saía assustando as outras crianças e dando risada. Como agora, dando risada, até que percebo que não estou brincando, que não estou correndo pela grama de Mandaguaçu. Que essas lagartas estão saindo de dentro de mim, dos músculos da minha mão. Aproximo a mão dos olhos e enxergo as boquinhas, de onde costumam sair os fios brancos da seda. Só que agora as lagartas estão cuspidando fios vermelhos. Tecendo seda vermelha com o meu sangue. Percebo que também estou morrendo. A única diferença entre mim, o morango e o boi é quem come a nossa carne, quem vive através da nossa morte. Preciso parar as lagartas, ir embora daqui. Olho para trás procurando a saída e percebo que a peixaria não está mais lá. Lembro do que uma apresentadora de tevê disse uma vez, que sabemos que estamos sonhando quando olhamos pra trás e de repente, do

nada, a paisagem não é mais a mesma. Preciso acordar, cadê a Picochuca?

Abro os olhos e vejo a Cora no meu colo. O Ednardo dirigindo. Observo as minhas mãos, inteiras. Benza Deus, digo, e aliso a Nega por cima do plástico. Tudo bem?, ele pergunta. Digo que sim, foi só um pesadelo. Por essas e outras que não gosto de dormir, diz, às vezes lá consegue ser pior do que aqui. E quanto pior aqui, mais sinistro lá. Olho pra ele. O dia está começando a raiar. Apesar da pouca luz, já vejo os contornos da estrada, o Ednardo de outro jeito, sem as fitas e rendas da noite. O rosto abatido, parece que levou um soco em cada olho. Há quanto tempo você tá sem dormir?, pergunto. Três dias. Quanto? Ele repete a mesma coisa e ri de um jeito estranho. Penso que talvez eu ainda esteja sonhando. Que ter raptado a Cora e pegado carona com um homem que não dorme é apenas a primeira e a última parte do pesadelo. Logo vou acordar e ser feliz de novo, pegando a minha condução para o trabalho, lendo o livro da Nora no caminho, vestindo o meu uniforme. Olho pelo retrovisor e vejo um barraco na beira da estrada. Olho para a frente, depois de novo para o espelho, e vejo o mesmo barraco, só que mais longe.

Cacá me estende a mão. Vem, vamos comer alguma coisa. Vou com ele até a cozinha. Cacá prepara dois sanduíches que nem parecem feitos por ele, queijo e presunto jogados no meio do pão, sem a maionese de sempre. Olho para o relógio do micro-ondas, quase três da manhã. Penso que seria bom ingerir alguma coisa, mas não consigo, digo que vou guardar o meu para mais tarde. Cacá come o dele com o avesso da minha falta de apetite, uma ansiedade que o leva a liquidar tudo em quatro mordidas. Quando está engolindo o último pedaço, seu celular toca. Ele atende. Pelo grau de atenção, pelo modo como se ajeita na banqueta, já sei que é da polícia. Também sei que as notícias não são boas, porque não há alívio em seu rosto. Pelo contrário, o vinco da testa vai ficando mais fundo, os olhos descem para o piso. Pergunto se Cora morreu, é o que o cérebro primitivo de reprodutora quer saber, para todo o resto paira a ilusão de que se pode dar um jeito. Ele sacode negativamente a cabeça, faz sinal para eu esperar um pouco. Pergunta para a pessoa do outro lado quais são as possibilidades daqui para a frente. Depois desliga e me explica que, ao que tudo indica, não foi acidente nem sequestro. Que na ausência de qualquer tipo de sinal ou contato cresce a chance de desaparecimento. Paro para pensar nessa palavra. No quanto é vaga, um trem de sílabas sem nada dentro, um simulacro de si mesma. O que isso quer dizer?, pergunto, não mais pensando em portas e janelas de um labirinto infinito mas nos contornos da situação concreta. Ele diz que não sabe, que a polícia não sabe. Que desaparecimento

deve ser isso, ninguém saber de coisa nenhuma. E quando vão resolver?, indago, já intuindo a resposta, que vem até mim na forma de um encolhimento de ombros.

Levanto. Vou até a sala, começo a remexer na bolsa. Nada como uma tragédia para transformar um esforço de anos em fumaça. Em menos de duas horas voltei a ser tabagista. E das mais inveteradas. Abro a janela, acendo um cigarro. A nicotina acelera meu raciocínio. Viro para o Cacá.

Sabe o que acho estranho?

O quê?

As duas desaparecerem juntas.

Estranho por quê?

Os desaparecidos geralmente são crianças. E somem sozinhos.

Nem sempre são crianças. Às vezes são adultos. Tem de tudo. Esta semana vi um cartaz procurando por uma calopsita.

Que se dane a calopsita.

A Cora é uma calopsita, não sabe o nosso endereço, não saberia pra onde voltar.

Por esse ângulo é melhor que esteja com a Maju. Por outro, por que alguém pegaria uma mulher com uma criança?

A pergunta também é para mim mesma. Tento imaginar cenas amenas, talvez funcionais, mas nada me ocorre. Só as desgraças de sempre. Cacá também deve estar pensando em imagens indizíveis, porque só me olha. Retoma a conversa alguns minutos depois.

Ainda não conseguiram localizar o marido da Maju.

Você acha que ele sabe de alguma coisa?

Não. Vai ficar mal quando souber.

Não digo nada para o Cacá, sei que é meio escroto da minha parte, mas não estou preocupada com o marido da Maju. Tem homem que pagaria para a mulher desaparecer. Quem sabe ele não é um desses? Para ser bem sincera, não estou preocupada

nem com a Maju, ela só me interessa enquanto elemento envolvido no desaparecimento da Cora.

Cacá tira os sapatos, começa a andar descalço de um lado para outro. De repente, tomo um susto. Escuto-o dizendo o nome da nossa filha. Vejo que ele está de olhos fechados. Fala pro papai, onde você tá? É estranho vê-lo assim. Sinto que está saindo dos trilhos, mas não o condeno, também não estou das mais sãs. Vou até o aparador, onde estão as bebidas. Não deveria misturar Rivotril com álcool, mas esse calmante não está servindo para nada, sorte a minha se a mistura tiver a potência de me derrubar. Abro a garrafa de gim. Preparo um drinque. Um jeito bonito de dizer que não preparei nada, só joguei o gim puro no copo. A coquetelaria é um luxo para quem vive acima da linha de estilhaços da vida, por isso ninguém nunca viu um operário ou um soldado segurando e girando o pescoço de uma taça, prendendo casquinha de laranja em borda de vidro. Eu vivia acima da linha de estilhaços. Até agora, penso. E dou um gole generoso na bebida.

Quando viro, Cacá está sentado, segurando um baralho de tarô. Não percebe que olho para ele, está concentrado misturando, cortando as cartas. Dispondo-as lado a lado sobre a mesa de centro. O que você tá fazendo?, pergunto, irritada. Ele põe a mão sobre a boca, pedindo que eu fique quieta. Aquilo me irrita mais ainda.

Para com isso, Cacá. Você não vai encontrar nada nessa porcaria.

Não fala assim do meu oráculo.

Isso não resolve nem questão amorosa, quanto mais desaparecimento.

Silêncio que eu tô tirando uma carta.

Faz o movimento devagar, como se a carta fosse magnetizada pela mesa e ele a estivesse puxando com força. O gesto me lembra da época em que Cacá resolveu estudar tarô. Mais uma

de suas ondas passageiras que não deram em nada, ele achando que poderia ficar rico como terapeuta holístico num bairro doente, de uma cidade doente, de um mundo doente. Na ocasião não me incomodei, achei até que fazia sentido, mas agora, só de olhar para esse baralho, sinto vontade de bater no meu marido. Finalmente ele vira a carta.

O carro, diz exultante, me mostrando a imagem. Não falei que o tarô ia ajudar?

O que isso quer dizer?

O carro indica iniciativa, conquista. Mas nem precisamos dessa interpretação, a resposta tá na imagem. Como não pensamos nisso antes?

Sigo olhando para ele, sem entender.

O carro. O táxi! Elas não fazem nenhum percurso a pé. É do ponto pra porta do clube, do clube pra porta da escola, da escola pra cá. E todos esses lugares são seguros, os entornos são seguros. Ou seja...

Você acha mesmo que um baralho é capaz de adivinhar o que aconteceu?

Adivinhar não, mas é capaz de sugerir caminhos para que o nosso inconsciente encontre a resposta. É nisso que se apoiam as artes divinatórias, numa projeção probabilística baseada no que já sabemos, ainda que de forma inconsciente. Lembra o que o delegado disse, que muitas vezes a solução está dentro das pessoas?

Ele pega o celular, liga para a delegacia. Pergunta se já checaram os outros pontos de táxi, na frente do clube e da escola. Depois se despede e me conta que eles ainda não fizeram isso mas vão fazer, com certeza alguma coisa será esclarecida. Tomo o último gole. Me aproximo do Cacá.

Concordo com você. É provável que essa história envolva um taxista, mas você acha que ele ia desenrolar um mapa e contar os planos para seus colegas?

Partindo dessa linha de raciocínio, não vale a pena nem ter investigação.

Ele tem razão, mas não consigo deixar de ser pessimista. Ou sensata. Divido com ele a minha suposição. Elas devem ter ido até algum ponto e, não encontrando motorista, pegaram um táxi na rua. Daí pra frente aconteceu alguma merda que não sabemos.

Também acho que foi isso, diz, virando outras cartas, dessa vez sem nenhuma paciência. Depois olha para mim. Eu falei pra você contratar um motorista.

Você sabe quanto custa um motorista particular?

Ele não diz nada.

Claro que você não sabe, nunca botou um centavo nesta casa.

Mas criei a nossa filha. Você acha pouco?

Está cheio de gente que cria filho, lava roupa, trabalha fora e ainda vende Avon.

Você faz isso?

Até poderia improvisar alguma resposta, mas acho melhor ficar quieta, não quero criar mais problema. Resolvo fazer outro drinque que não é drinque. Pego a garrafa e só então percebo que está no fim. Como pude me deixar sozinha numa hora dessas? Jogo o restinho no copo. Bebo. Não basta. Penso em tomar algum dos licores, mas tenho medo de ficar empastelada como a minha mãe. Talvez um vinho seja a melhor opção, seguirei anestesiando a dor, ou tentando anestesiá-la, com menor concentração alcoólica e abençoada por Baco, aquele surubeiro que com certeza teve uma vida melhor que a minha. Abro a porta do aparador, fico olhando para as garrafas mas pensando em outra coisa, na ilusão de que a vida segue uma trajetória, de que tudo vai dar certo em algum momento. De que percebendo isso, podemos inclusive tomar as rédeas pra chegar mais rápido ao *grand finale*. Até que um dia percebo que não

tenho controle de nada. Pior, que nem existe trajetória. Acho que falo alguma dessas coisas em voz alta, porque o Cacá me olha. Desperto para o que estou fazendo. Pego um cabernet reserva que estávamos guardando para uma ocasião especial. Mostro a garrafa para ele: hoje não é um dia especial? Ele balança a cabeça de um jeito triste. Percebe que já estou bêbada, mas não me censura, sempre gostei disso nele, ser uma pessoa que não julga nem poda ninguém. Apoio o cabernet sobre a mesa de centro, vou enfiar o saca-rolhas, mas ele puxa a minha mão, faz com que me vire para ele. Sabe o que a Cora me perguntou ontem? Presto atenção. Papai, quais são as cores primatas? Damos risada. Seus olhos ficam marejados, os meus também. Respiro, solto o ar pela boca. Cacá volta a andar pela sala. Abre os braços e fala:

Se a gente nunca mais vir a Cora, pelo menos sabemos que demos muito amor. Que curtimos ela.

Curtimos o caralho, digo.

Ele olha para mim.

Sabe quantas vezes fiquei rodando em volta de casa pra chegar quando a Cora já estivesse dormindo? Sabe aonde eu levei a nossa filha passear na única vez em que matei o trabalho pra ficar com ela?

Aonde?

Na concessionária da Renault. Você curtiu a nossa filha. Eu passei por ela como um cúmulo-nimbo.

Para com isso, você é a mãe dela.

Eu só pari a Cora. Pra ser mãe, a pessoa tem que adotar o filho depois que ele nasce. A mãe dela é você. A Maju. Eram vocês que ficavam com ela.

Você não ficava porque tava trabalhando.

Trabalhando nada. Eu tava fodendo. Quer dizer, fodendo e trabalhando.

Cacá se surpreende com o que eu disse. Eu também. Vou até a bolsa, pego mais um cigarro. Acendo do lado errado. Pego outro. Não sei por que falei isso para o Cacá, mas agora já foi, talvez precise botar tudo para fora para não ficar louca. Dou uma tragada daquelas. Olho para o alto. Nem eu mesma sabia que eu acreditava em Deus. Aponto o cigarro para cima, dando de brasa no criador: se o sumiço da Cora foi uma liçãozinha moralista, saiba que não funcionou. Não me arrependo de nada que fiz, tá ouvindo? Não me arrependo, falo mais alto ainda, agora olhando para o Cacá e batendo no peito com tanta força que sinto a pele arder.

Calma, não precisa se sentir culpada.

Calma porque não é com você.

Todo mundo que é casado tem suas histórias.

Paro o cigarro antes de chegar à boca. Como assim, tem suas histórias? Por acaso você tem uma amante?

Não, nunca me envolvi com ninguém, diz. E vendo que não vou recuar: só dei uma saidinha uma vez com uma mãe do bairro.

Não sei o que me deixa mais indignada: bancar sua vida de madame enquanto ele trepa em horário escolar ou ele me contar isso. Por que até nos deslizos cornísticos esse desgraçado tem que ser meu companheiro? Imagino que vá me cobrar, fazer alguma pergunta, mas não diz uma palavra. Você não quer saber nada? Saber detalhes pra quê, Fer, pra me magoar? Chego bem perto dele. Sabe o quanto é insuportável conviver com alguém tão compreensivo que não dá nem pra odiar de vez em quando? Ele tosse com a fumaça. Apago o cigarro. Não pelos seus alvéolos, mas porque já estou fumando a bituca. Enquanto amasso o filtro num pires, penso que talvez o Cacá não seja tão legal. Que de repente confessou sua história só para se vingar da minha. Que não quis saber detalhes para mostrar seu desprezo pelo que faço ou deixo de fazer. Ou quem sabe esteja só

cagando mesmo. Não sei nem quero saber. Para o inferno todas essas vozes na minha cabeça, grito a ponto de acordar os vizinhos. Que se fodam os meus casos. Os seus casos. Os casos de todo mundo. Quero saber da minha filha. Era só um o sacizinho!

Do que você tá falando?

O sacizinho. Era só um. Por que ninguém me avisou? Agora sou eu que ando de um lado para outro, buscando uma resposta nas coisas, nas paredes, em qualquer canto. Quer dizer, avisar até que me avisaram. A ayahuasca me avisou.

Você tomou ayahuasca?

Tá achando que é só você que é esotérico nesta casa? Tomei, Cacá. E sabe o que a planta me disse?

Fala logo.

Pra eu abrir a porta. A planta entrou no meu corpo lá no meio da porra da floresta Amazônica pra me dar esse recado. Alô, Fernanda, mensagem pra você, memorando pra você, favor abrir a porta. Respiro e continuo: eu vi a nossa filha parada na frente de uma porta fechada.

Você consegue descrever essa porta?, Cacá diz, já pegando o celular.

É uma metáfora. Vi a Cora enorme na frente de uma porta minúscula, que devia ter metade do tamanho dela. Ela cutucava, mas a porta estava trancada. Girava o trinco, se abaixava, olhava pelo buraco da fechadura, e nada. Nada de conseguir entrar.

Cacá faz um gesto para que eu continue, mas paro um pouco, impressionada com a nitidez da lembrança. É como se se tratasse de uma situação realmente vivida. A porta talhada em madeira, o trinco dourado, o corpo desproporcional da minha filha. E como há desamparo nessa situação. Abro a garrafa de vinho. Saio andando com o cabernet numa das mãos e o saca-rolhas na outra, bebendo no gargalo, em busca de um alívio que já sei que não terei.

E ninguém abria a porta?

Não, falo, ainda andando, ainda procurando respostas. Por que nunca abri a porta pra ela? Por que nem sequer levei em conta o aviso que a ayahuasca me deu? Onde eu tava com a cabeça?, grito para ele ou para mim ou para não sei quem, enquanto olho a tela na minha frente. Aquele banheiro estéril, com aqueles azulejos estéreis, com aquele sangue estéril. Sinto uma raiva que não cabe no meu corpo. Levanto o saca-rolhas. Não faz isso, escuto Cacá gritar, mas já estou rasgando a tela de um lado a outro.

A cidade aparece. Ednardo diz que é São Paulo, mas nem precisava avisar. Eu reconheço essa desgraça de longe. Esse monte de prédios sem cor. Casulos empilhados uns em cima dos outros, milhões de casulos. Dentro de cada um, uma lagarta, fiando o dia inteiro, a semana inteira, a vida inteira. A maioria sem nunca virar mariposa. Eu bem que tentei dar o meu voo, mas parece que quem nasce pra fiadeira não usa seda, usa poliéster e viscose, como o exército branco. Imagino minhas colegas agora, dentro dos seus pequenos casulos, desligando o despertador, lavando o rosto, escovando os dentes, prendendo o cabelo, vestindo o uniforme pra entrar no grande casulo e preparar o café, pôr a mesa, trocar a fralda, dar a papinha, juntar os brinquedos. O que é ótimo, porque com tanta coisa pra fazer, nenhuma deve aparecer na praça antes das sete horas.

Me ajeito no retrovisor, não quero chegar com essa cara de quem passou a noite varada. Estou ajeitando a piaçava quando percebo uma movimentação estranha. Íamos pela marginal, conheço o caminho, mas agora o Ednardo pega uma saída. Tiro os olhos do espelho, miro em frente e vejo que estamos entrando num bairro da periferia. Bairro é elogio, estamos entrando num apinhado de casulos sem acabamento. Imagino que o Ednardo virou aqui pra cruzar para o outro lado da Marginal, pra fazer algum retorno, mas não, ele avança pra dentro. O que vamos fazer nesse buraco?, penso. Um pouco depois, como se tivesse ouvido, ele olha pra mim. Vou fazer uma parada rápida. Digo: tá bom, embora pra mim não esteja nada bom. Quero perguntar

que parada é essa, mas ele está cada vez mais taciturno. Vai ver está indo pegar droga. Talvez tenha dito vou fazer uma parada nesse sentido, de fazer um rolo, uma compra, penso, e de repente as peças se encaixam. Deve ser por causa da maconha ou do crack que esse homem não dorme. Deve ser por causa da abstinência que batuca no volante. Deve ter sido por causa de tóxico, e não de muamba, que ele foi preso.

Já começo a procurar a casa do traficante, a imaginar como é uma boca de fumo, a pensar se vou poder esperar na boleia ou se vou ter que descer. Será que vou ter que descer? O medo que eu tenho de uma bala perdida. De uma batida da polícia, de ir presa sem motivo, a Cora sendo encontrada do jeito mais absurdo. As autoridades perguntando se o que tenho na bolsa é joia roubada. O caminhão segue avançando entre os casulos cheios, sei lá quantas lagartas dentro de cada um. Algumas já cedo com o pescoço pra fora. De repente, ter sido uma mulher sozinha na Suíte Tóquio parece um privilégio. Eu era rica e não sabia. Agora não tenho nada, e mesmo não tendo nada, sigo tendo alguma coisa a perder. Começo a rezar um pai-nosso. O Ednardo vira numa rua mais larga, de um lado um mercadinho, do outro uma lotérica. Ele avança mais um pouco, escuto o barulho do caminhão acelerando, quando a gente está cansada fica tão sensível, tanto que também escuto o silêncio que vem depois, e em seguida o motor suspirando até parar numa esquina, num posto. Graças a Deus, um posto. Relaxo, mas não totalmente, pra que abastecer aqui neste fim de mundo?

Alguma vantagem deve ter, porque o Ednardo conhece até o frentista, cumprimenta pelo nome. Pede pra encher o tanque, paga no cartão. Depois fala alto pra ele: vou lá, beleza? O frentista faz que sim. Eu olho em volta. O posto é pequeno, tem só uma loja de conveniência sem-vergonha e um banheiro, ele só pode estar falando do banheiro. O Ednardo começa a cavoucar atrás do banco dele, imagino que procurando um rolo de papel

higiênico, por que não me ofereceu quando precisei? Ele se bate, já vou sugerir que se não achar, peça um jornal para o frentista, mancha o traseiro de tinta mas é melhor do que nada, mas então ele puxa lá de trás um saco grande. Não é uma mochila nem uma sacola, é um saco mesmo, talvez de náilon, um fio dando um nó na ponta. Ele põe o saco debaixo do braço. Já volto. Qualquer coisa, buzina.

Bate a porta. Fico lá dentro, observando ele se distanciar. Passa pela outra bomba, pelo pulgueiro da conveniência, segue com o saco pra ponta do posto, onde, só agora vejo, tem uma meia-água com uma porta, um escritório ou um depósito ou a casa de alguém. Ele dá uma batidinha, volta a segurar o saco debaixo do braço com as duas mãos. Talvez o traficante seja ele, trazendo carregamento da Bolívia, do Paraguai, daquele outro país do lado do Paraguai. Não sei se alguém abre a porta ou ele mesmo abre, não dá pra ver direito. Olha pra dentro, entra. O frentista, que estava mexendo em alguma coisa perto da bomba, vai até a meia-água e senta numa cadeira que tem lá na frente. Eu já enxergo o Ednardo fazendo a tal da parada, botando o sacão na mesa, pesando a mercadoria, pegando o dinheiro. Ou eu estou louca e o homem não está fazendo nada de mais. Mas, Jesus Cristo, o que ele está fazendo? Seja o que for, não é mais problema meu. Estou em São Paulo, posso pegar um táxi, mas olhando pelo retrovisor, não vejo nenhum. Vejo carro, carrinho de papel, carreta, mas nada de veículo branco. Pobre só apela pra táxi quando está à beira da morte. E só de pensar em entrar em outro transporte, com outro motorista, já me dá um negócio. O Ednardo pode ser traficante, usuário, mas é conhecido. De confiança, ou pelo menos é nisso que quero acreditar, embora já tenham passado quase quinze minutos e nada dele aparecer.

Acordo com a primeira luz do dia. Olho em volta, o cinzeiro transbordando, a tela estraçalhada. Minha boca, uma pasta amanhecida de restos de Rivotril, álcool e nicotina. Lembro o porquê de tudo isso e a dor aterrisca de novo no meu peito. Passo direto da sonolência para o estado de alerta, vasculhando o celular em busca de alguma nova informação. Nem notícia da polícia, nem notícia de ninguém. Pego o celular do Cacá, sei a senha, foi Cora quem me ensinou, a data de nascimento dela. O grupo da escola em silêncio, a Neide sem novidades, as outras babás também.

Levanto. Preciso fazer alguma coisa, qualquer coisa. Vou até o quarto da minha filha de novo, numa esperança infantil de vê-la ou de achar alguma pista que meu olho cansado de ontem não tenha notado. Sem pensar, abro seus armários, olho suas roupas. Na pilha de camisetas há uma toda embolada, a Cora mesma deve ter guardado, eu tinha pedido a Maju que lhe ensinasse a guardar as próprias roupas. Pego a peça e coloco sobre o rosto. Cheiro o tecido com vontade, um sopro que pode fazer minha filha voltar para mim por um segundo. No começo é bom, o perfume dela e de amaciante, mas de repente esse mesmo cheiro começa a me dar enjoo. Deve ser o vinho, o gim, as talagadas que dei ontem. Vou até o banheiro, ajoelho na frente da privada, mas o vômito não sai. Vou até a varanda pegar um ar. Não adianta. Preciso de mais, da atmosfera inteira.

Pego o celular, calço os chinelos. Me vejo descendo pelo elevador. Dou as costas para o espelho, ainda me negando a

registrar a minha realidade. Passo pela portaria, Chico já está lá. Trocamos um bom-dia seco, furtivo. Ele sabe o que está acontecendo, não tem coragem de encarar meu desespero. Saio caminhando pela calçada, respirando, lembrando da mania que minha filha tinha de pisar só nas pedras pretas, ou era só nas brancas?, uma coisa que achei esquisita a ponto de dividir com a psicóloga, que me devolveu um sorriso grande, dizendo que isso era coisa de criança, e também de alguns adultos.

Será que eu e minha filha somos parecidas? Nunca soube direito, Cora sempre foi daquelas crianças que não têm tanto da mãe nem do pai. Mãe, falo em voz alta, repito em voz alta, quase grito, enquanto entro na praça vazia, só as árvores por testemunha. Uma delas enorme, cheia de raízes. Sinto raiva da sua estabilidade. É fácil ser planta e não ter memória. É fácil ser planta e não ter arbítrio. No lugar dela, também não despencaria nunca. Como despenco agora, sobre o banco, sem nem limpar a merda de pombo que carimba a minha bunda.

Penso na Yara. Na verdade nunca deixei de pensar nela, mesmo com tudo que aconteceu ela nunca saiu da minha cabeça, apenas ficou em segundo plano, como um cenário tremulando atrás do meu drama. É cedo para falar com ela, o dia mal clareou, mas foda-se. Eu ligo, toca quatro, cinco vezes. Ela atende, a voz de quem acabou de acordar. Tá tudo bem? Acharam a Cora? Digo que não. Começo a chorar. Lágrimas gordas e silenciosas que molham o meu pescoço. Ela fala alguma coisa para me consolar, não escuto direito, é uma frase sem importância, dessas que as pessoas soltam diante da catástrofe alheia, um isopor vocal para preencher o desconforto. Eu sinto as lágrimas chegando à minha saboneteira, talvez se acumulem aí como a água na poça depois da chuva. O alívio do choro vai me dando alguma paz, já começo a ficar pronta para falar de novo. Sem planejar, digo: se a Cora nunca mais aparecer, vou largar tudo pra ficar com você. E achando que foi

pouco, completo: pra sempre. Ela não diz nada. O silêncio se prolonga a ponto de eu pensar que a linha caiu. Yara? Desculpe, finalmente diz, não respondi porque ainda tô meio dormindo. E depois de outra pausa: mas claro, vamos ficar juntas. Agora quem não diz nada sou eu. E nem conseguiria, meu choro vem aos borbotões. Ela percebe. Vai dizer alguma coisa, mas não tenho estômago para engolir outro isopor. Falo que preciso ir e desligo.

Levanto, tiro os chinelos. Começo a andar descalça na terra, os pedriscos pontiagudos da praça machucam as minhas solas e eu acho bom, sigo pisando em frente. Entre as dores, as do corpo são quase um alívio.

Não sei como, mas sinto que ele está chegando. Tiro os olhos da Cora já sabendo o que vou enxergar, Ednardo se aproximando pelo recorte da janela. Tenho a sensação de que estou vendo um filme, um galã saindo de um lugar misterioso e se aproximando de um caminhão. Acho que estou ficando louca de tanto cansaço, não é possível, porque a imagem segue sendo de cinema, ele parece um ator, com pinta de desconhecido, e não sei por quê. Carrega o mesmo saco, que parece cheio, talvez tão cheio quanto antes. A roupa também é a mesma, mas tem alguma coisa... Ele abre a porta, sobe sem dificuldade na boleia, joga o saco lá no fundo. Tudo bem por aqui? Digo que sim e então sinto o cheiro. Bozzano, a mesma loção pós-barba que o Lauro usava. Por isso ele está diferente, fez a barba, lavou os cabelos, agora vejo de perto que estão molhados, penteados de um jeito diferente. Eu começo a rir, rir da minha estupidez, da minha loucura, dos meus medos, das correntes e dos anéis que eu jogaria na mesa da polícia, dizendo: vejam, é bijuteria, eu só peguei carona com esse traficante. Eu dou tanta risada que me sacudo, o Ednardo olha pra mim. Que foi? Nada não, falo, e me seguro, seria ofensivo contar pra ele tudo que pensei. Acho que se fosse antes, ele insistiria mais um pouco, perguntaria de novo o porquê da risada, talvez contasse de alguma tia ou prima que ria à toa ou de como é difícil pra ele rir solto assim, mas o bicho está cansado demais, parece o capacho de uma casa cheia de crianças, nem a barba feita salva o Ednardo de ser apenas o resto de um homem.

Avançamos pela cidade. Sinto um alívio e, ao mesmo tempo, um aperto no peito ao reconhecer o caminho, o mesmo que faço com a minha condução, a academia de muay thai, a loja de doces. A cada fachada que passa, meu peito aperta mais. Sinto vontade de chorar, mas parece que fui lavada a talco. O choro não sai. Só as minhas narinas escorrem, como dois olhos fora do lugar. Viro para o Ednardo. E quando a gente tá na direção e mesmo assim não faz sentido? Ele pensa um pouco. Nunca faz sentido, diz. Depois me estende um lenço. Um lenço de pano, há quantos anos eu não via isso. Azul-claro, quadriculado de branco, o nome dele bordado em fio marinho. Fico pensando quem fez aquilo, quem teve o cuidado de escolher a linha combinando com o tecido, quem desenhou com tantas curvas a letra inicial. Deixo que aquela pessoa que abraçou o Ednardo com o lenço também abrace a mim que abraço a Cora. Por mais quanto tempo?

Pouco, não mais que uns cinco minutos. Melhor começar a pensar nas coisas práticas, preciso estar com tudo resolvido quando chegarmos. Dobro bem o lenço, coloco no painel. Pergunto para o Ednardo se lhe devo alguma coisa. Diz que não, claro que não. Ele que devia me pagar pela companhia, falou mais que o homem da cobra, nem sabe como aguentei. Sinto gratidão por ele, aquela gratidão que sentimos quando sabemos que não vamos mais ver uma pessoa. Quando a conta está fechada e ninguém pode estragar o resultado. Normalmente não daria nada pra ele, sempre fui pão-dura, ou cuidadosa, como dizia o Lauro, mas agora ter dinheiro não me importa tanto. Talvez o Ednardo possa fazer bom proveito de algum cascalho, comprar esse remédio que tanto toma. Cutuco o sutiã, separo duas notas, ponho discretamente debaixo do lenço. Ia acordar a Cora, mas mudo de ideia, tenho medo de que ela chame pela mãe na frente dele. Só me ajeito com minhas coisas, vejo se não estou esquecendo nada. Nem vi a tua filha acordada. Te disse,

criança só acorda antes da hora se estiver doente. Ele balança a cabeça, como se dormir fosse falta de educação. Depois olha de novo pra Cora. Qual o nome dela? Penso um pouco e digo: Ana. Bonito, ele fala. Lembro que foi ela quem escolheu e dou um sorriso.

Depois peço pra ele contornar, quero parar do outro lado do ponto de táxi. A praça é grande, tem gente que chama até de parque, levamos mais alguns minutos pra dar a volta. Aqui tá bom, digo. Ele estaciona. Pergunta se preciso de ajuda pra descer. Falo que não, já encaixei a Nega dentro da bolsa, a bolsa debaixo do braço, o braço debaixo da Cora. Com a mão livre seguro no apoio, penso que não sou mesmo uma rapariga, descendo desengonçada desse jeito. Quando estou firme no chão, digo: vai com Deus, e aceno pra ele. Ele acena de volta. O caminhão vai embora. Eu olho ao redor, preocupada em ser vista. A única pessoa na rua é um homem com um cachorro, um desses tipos que você não sabe se acordaram muito cedo ou ainda nem foram dormir. Mesmo assim solto a minha piaçava. O pessoal do bairro sempre me vê de cabelo preso, de uniforme branco, nas poucas vezes que andei sem uniforme, algumas pessoas nem me reconheceram. Não conseguem ligar a babá com a pessoa. Devem pensar que depois do expediente a patroa esvazia a gente que nem boia e guarda dentro do armário. Mas eu não quero nem ser vista. Entro logo na praça e vou para um canto onde ninguém nunca vai, atrás de umas árvores grossas que são todas raízes. Eu conheço esse banco porque vinha aqui ler de vez em quando. Agora parece ainda mais escondido, a luz do dia quase não passa pelas copas, é sempre escuro debaixo dessa figueira. Que bom, porque não quero assustar a Cora, vou acordando ela com jeito, assoprando o rostinho. Ela abre devagar os olhos, onde estamos? Perto de casa, digo. Depois explico que vamos fazer uma coisa muito bacana. Um jogo, um desafio. Ela adora essas coisas, se desdobra toda quando os

amiguinhos dizem duvido que você faça tal coisa. Explico que ela vai ter que chegar em casa sozinha, como uma menina grande. A Maju vai ficar escondida atrás das grades do parque, só olhando. A Cora vai sair do parque, atravessar a rua quando a Maju der o sinal, ir até o prédio e tocar o interfone. Se não alcançar o botão, tem que chamar o Chico. Só vence se entrar dentro do prédio, entendeu? Ela diz que sim. E não pode contar pra ninguém onde está a Maju. É segredo, como num esconde-esconde.

Dito isso, começo a preparar a Picochuca. Ou a me preparar, porque ela já está pronta, arrumo seus cabelos mais como um carinho do que qualquer outra coisa, ponho na sua mão a naninha. Antes que saia, seguro seus ombros. A Maju nunca vai esquecer de você. Agora, vai. Quero ver, hein? Ela sai andando de um jeito meio esquisito, quase mancando. Talvez porque esteja com um pé calçado e outro não. Eu me aproximo das grades que dão para a rua. Assim que ela sai da praça, chamo seu nome. Digo que pode atravessar. Rápido, rápido. Ela obedece, logo está do outro lado. Começa a andar e para, eu fico nervosa, o que tá acontecendo? Logo vejo que ela resolveu pisar só nas pedras brancas da calçada. Ainda bem que é boa nisso, não demora muito está na frente da portaria. Levanta na ponta dos pés e aperta o botão do interfone. Também chama pelo nome do porteiro. Assim que vejo o Chico sair da guarita, seco o meu rosto e dou as costas.

Agradecimentos

A Anauila Madalosso, Clara Giacon, comunidade yawanawa, Eva Madalosso Patalano, Filó, Gustavo Rocha e seu Casulo Feliz, João Bosco, José Ferreira dos Santos, Krishna Mahon, Lucinei Gomes de Araújo, Mara Alves de Souza, Nilson e Sônia Magalhães, e Regina Gomes da Silva, pelo aprendizado.

A Dedé Bevilaqua, Mateus Baldi e Natalia Timerman pelas leituras.

A Ana Paula Hisayama, André Conti e Lúcia Riff, por tudo.

E ao Pedro Guerra, meu companheiro, por tudo, e além.



Nuno Papp

Giovana Madalosso nasceu em Curitiba, em 1975, e vive em São Paulo. É autora de *A teta racional*, finalista do Prêmio Biblioteca Nacional, e de *Tudo pode ser roubado*, finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e publicado pela Todavia.

© Giovana Madalosso, 2020

Todos os direitos desta edição reservados à Todavia.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa

Paula Carvalho

ilustração de capa

Manuela Eichner

composição

Jussara Fino

preparação

Márcia Copola

revisão

Jane Pessoa

Tomoe Moroizumi

versão digital

Antonio Hermida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Madalosso, Giovana (1975-)
Suíte Tóquio: Giovana Madalosso
São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020
208 páginas

ISBN 978-65-5692-066-5

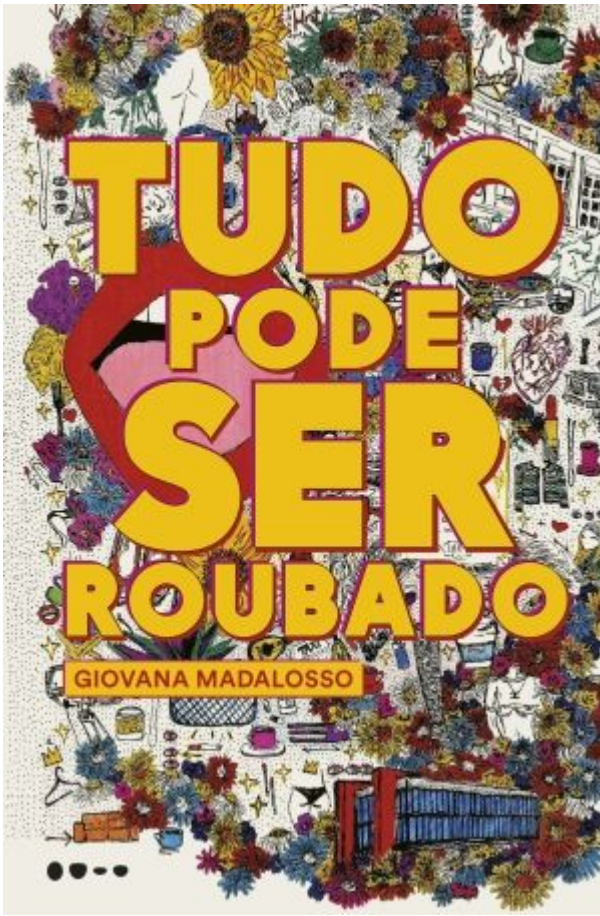
1. Literatura brasileira 2. Romance 3. Ficção contemporânea I. Título

CDD B869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira: Romance B869.93

todavia

Rua Luís Anhaia, 44
05433.020 São Paulo SP
T. 55 11. 3094 0500
www.todavialivros.com.br



Tudo pode ser roubado

Madalosso, Giovana

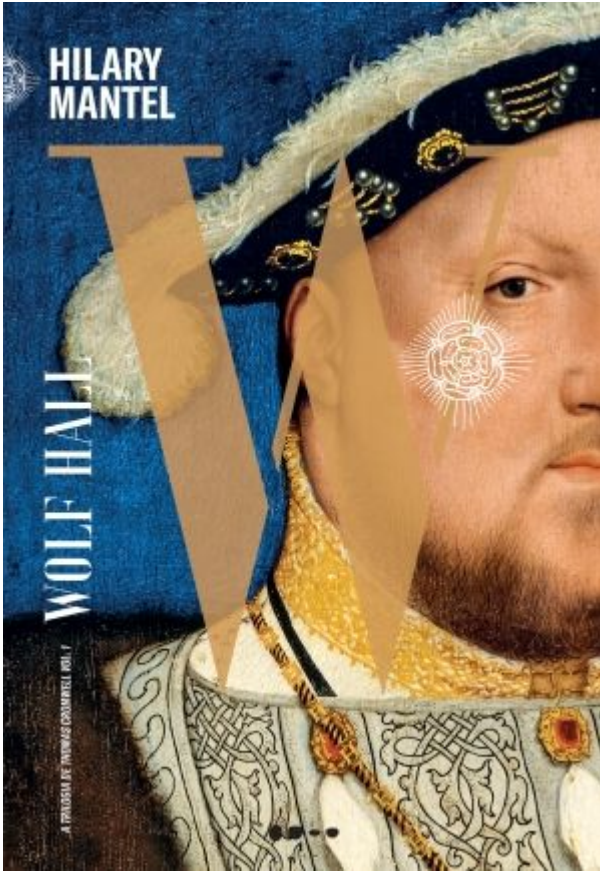
9788593828478

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com seu humor ágil e cortante, Madalosso construiu um retrato afado das ambições, sonhos e relacionamentos nos dias de hoje. A protagonista de Tudo pode ser roubado trabalha como garçonete em um conhecido restaurante na região da Avenida Paulista. É nas horas vagas que ela acumula boa parte das suas economias, aproveitando encontros fortuitos nas casas de homens e mulheres aleatórios para roubar roupas de grife e objetos de valor. Até que um desconhecido a aborda no restaurante lhe oferecendo uma bolada para roubar um livro. Não um livro qualquer: a primeira edição de O Guarani, de 1857, arrematada em leilão por um professor universitário que se recusa a vendê-la. A partir daí, a protagonista mergulhará cada vez mais em um estranho submundo que mistura um milionário excêntrico, drogas e sexo.

[Compre agora e leia](#)



Wolf Hall

Mantel, Hilary
9786556920627
544 páginas

[Compre agora e leia](#)

" Ele se sente em casa num tribunal ou num cais, no palácio de um bispo ou no pátio de uma estalagem. Ele pode redigir um contrato, treinar um falcão, delinear um mapa, interromper uma briga de rua, mobiliar uma casa e comprar um júri. É capaz de citar uma passagem adequada dos antigos autores, de Platão a Plauto, de trás para a frente. Ele conhece a poesia atual e sabe recitá-la em italiano. Trabalha o tempo todo, é o primeiro a se levantar e o último a ir para a cama." Assim a narradora de **Wolf Hall** define, em uma passagem exemplar, seu enigmático, astuto e fascinante protagonista: " ele" não é outro senão Thomas Cromwell, personagem ao mesmo tempo obscuro e crucial na história inglesa.

De raízes humildes, Cromwell galgou por seus próprios méritos as mais altas hierarquias do reino e se tornou o principal conselheiro do rei Henrique VIII. Foi ele quem abriu os tortuosos caminhos para o divórcio entre Henrique e Catarina de Aragão; foi ele quem encontrou as justificativas legais para o casamento entre o monarca e Ana Bolena; e foi ele quem guiou a Inglaterra em seu rompimento com a Igreja de Roma. Apesar de seu impacto na história inglesa, pouco se sabe sobre a vida particular de Cromwell, que não nos deixou cartas nem memórias pessoais.

Em **Wolf Hall**, a grande romancista inglesa **Hilary Mantel** preenche as lacunas da história com sua aguçada imaginação e um estilo narrativo único, que jamais recai no fraseado postiço de época, tampouco no anacronismo inverossímil. Numa

combinação de registros que apenas grandes estilistas conseguem realizar, **Mantel** constrói a ascensão de Cromwell desde suas origens miseráveis e brutais, passando pelos anos a serviço do malfadado cardeal Wolsey, até a conquista de um perigoso lugar ao sol, tornando-se o braço forte do inconstante e às vezes terrível Henrique.

Vencedor do Man Booker Prize, a principal premiação literária na Inglaterra, **Wolf Hall** é um romance em que a História ressurge nítida e cortante como a lâmina do carrasco.

[Compre agora e leia](#)

O CADETE

A VIDA
DE JAIR BOLSONARO
NO QUARTEL

LUIZ
MAKLOUF
CARVALHO

E O CAPITÃO

...

O cadete e o capitão

Maklouf Carvalho, Luiz

9786580309368

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma investigação sobre um momento controverso na trajetória de Jair Bolsonaro: o abandono da carreira militar e o ingresso na vida política.

Jair Bolsonaro tornou-se uma figura pública em 1986, quando assinou na revista *Veja* um artigo em que reclamava do baixo soldo pago aos militares. Um ano depois, nas páginas da mesma revista, reapareceu numa reportagem que revelava um plano de estourar bombas em locais estratégicos do Rio de Janeiro. A revista publicou um desenho que detalhava o plano. O croqui, supostamente de autoria do capitão, comprovaria a conspiração em curso no Exército. Instado a prestar contas, Bolsonaro foi considerado culpado no primeiro julgamento, e mais tarde inocentado pelo Superior Tribunal Militar (stm). Após a decisão da corte, deixou a farda, passou à reserva e ingressou na política. Esta é a reportagem mais completa já escrita sobre esse período pouco conhecido. O autor examinou a documentação do processo (reproduzida no livro) e escutou as mais de cinco horas de áudio da sessão secreta — ambos disponíveis no stm. Também entrevistou personagens que atuaram no caso, entre jornalistas de *Veja* e militares colegas de Bolsonaro. Além de reunir indícios suficientes para apontar que a autoria do croqui, como sustentou *Veja* até o fim, era mesmo do capitão, Maklouf reconstitui um episódio decisivo não apenas para a trajetória do presidente eleito em 2018, mas também para a redemocratização e o jornalismo no Brasil.

[Compre agora e leia](#)

Novelas completas



*Felicidade conjugal
A morte de Ivan Ilitch
Sonata a Kreutzer
Padre Siérgui*



Novelas completas

Tolstói, Liev
9786556920047
416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Liev Tolstói não se satisfaz apenas em escrever *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*, caudalosos e imortais romances da literatura universal. Com apenas um desses livros seu lugar já estaria garantido na posteridade. Mas o autor russo também foi um dos grandes praticantes da novela, esse gênero de ficção breve, a meio caminho entre o conto e o romance.

As quatro novelas aqui reunidas, com tradução e textos de apresentação de **Rubens Figueiredo**, são o melhor exemplo dessa arte rigorosa e fascinante. Estão entre os mais formidáveis capítulos da literatura de todos os tempos, pois apresentam, com profundidade e inteligência raras, a vida de seres humanos em sua totalidade.

Publicada quando **Tolstói** tinha 31 anos, *Felicidade conjugal* se concentra no casamento de uma adolescente com um amigo da família. Foi, para o escritor, um verdadeiro *tour de force*: a história é narrada pela jovem personagem Máchenka, algo que naquela época não era nada trivial. Suprema meditação sobre a finitude, *A morte de Ivan Ilitch* foi escrita quando o autor tinha 58 anos, era pai de treze filhos e se encontrava numa profunda crise pessoal. Trata-se da história de um juiz cuja vida é atravessada sem maiores reflexões, e interrompida pela perspectiva de uma doença terminal. *Sonata a Kreutzer*, baseada em uma história real, foi motivo de controvérsia quando publicada, em 1890, chegando a ser banida de alguns países. O texto expõe, com riqueza de detalhes e longas descrições, um adultério e um crime passionais. Por fim, *Padre Siérgui*, cuja

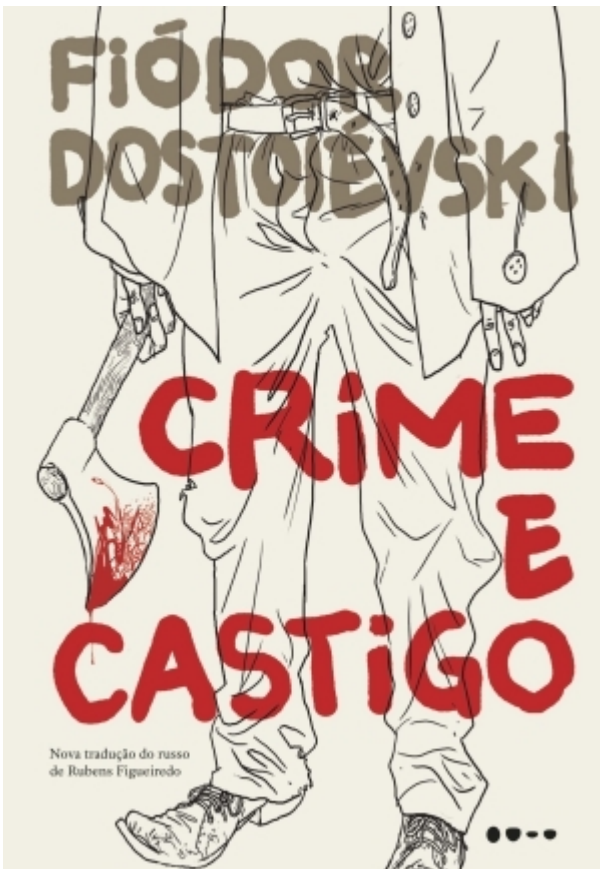
publicação só veio a lume depois da morte do autor, mostra o gosto de **Tolstói** pelas narrativas de vidas de santos. O protagonista, um nobre e militar, homem bem-sucedido também na vida sentimental, abandona tudo para se dedicar à vida monástica.

[Compre agora e leia](#)

FIÓDOR
DOSTOIEVSKI

CRIME
E
CASTIGO

Nova tradução do russo
de Rubens Figueiredo



Crime e Castigo

Dostoiévski, Fiódor

9788588808850

608 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nova tradução direto do russo, a cargo de Rubens Figueiredo, de um dos romances mais importantes e influentes de todos os tempos. Crime e castigo é a obra mais célebre de Dostoiévski e um dos romances fundamentais da literatura ocidental. Escrita entre 1865 e 1866, quando Dostoiévski tinha 45 anos, foi publicada em partes na revista Rússki Viéstnik [O Mensageiro Russo], a mesma que vinha publicando, na época, o romance Guerra e paz, de Liev Tolstói. A ideia do livro surgiu quando Dostoiévski propôs a Katkóv, editor da revista, redigir um "relato psicológico de um crime". Na obra, Raskólnikov, um rapaz sombrio e orgulhoso, retraído mas também aberto à observação humana, precisa interromper seus estudos por falta de dinheiro. Devendo o aluguel à proprietária do cubículo desconfortável em que vive, ele se sente esmagado pela pobreza. Ao mesmo tempo, acha que está destinado a um grande futuro e, desdenhoso da moralidade comum, julga ter plenos direitos para cometer um crime – o que fará de uma maneira implacável. Por meio da trajetória de Raskólnikov, Dostoiévski apresenta um testemunho eloquente da pobreza, do alcoolismo e das condições degradantes que empurram para o abismo anônimos nas grandes cidades. O personagem tem a convicção de que fins humanitários podem justificar um crime, mas conviver com a culpa será um pesadelo permanente. Ainda assim, a tragédia não exclui a perspectiva de uma vida luminosa, e o castigo pelo crime vai lhe abrir um longo caminho em direção à verdade. Thomas Mann julgava Crime e castigo "o maior romance policial de todos

os tempos". Como ele, a crítica é unânime em considerar a obra um marco da análise psicológica na ficção ocidental. Em nova tradução do russo por Rubens Figueiredo, o clássico ressurgiu em todo seu esplendor, sua originalidade e seu inesgotável caráter moral.

[Compre agora e leia](#)